

CONHECIMENTO,
nosso maior
TESOURO

escrito por

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Primeira edição digital | Outubro de 2023

Copyright © 2023 *by*
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2022] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira
Revisão gramatical: Antonio Martines Brentan
Capa e composição: Marcos Ferreira
Imagens da capa e contra-cap: Zara Lúcia

. . .

CONHECIMENTO,
nosso maior
TESOURO

escrito por

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

Martines Brentan, Antonio (Escritor).

Conhecimento, nosso maior tesouro -- Antonio Martines
Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia
(fotografia) : Edição do autor. 1ª ed. outubro de 2023.

1. Romance 2. Amor 3. Relacionamento
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : Relacionamento : Amor

Dedicatória

DEDICO ESTE MEU QUARTO romance, a todos meus leitores. Principalmente àqueles que ao longo da vida, não adquiriram o hábito da leitura. E agora estão descobrindo que não se trata de uma tarefa assim tão desagradável, como sempre imaginaram que fosse.

Em meu livro “Estranhos Valores”, existe um capítulo que conta resumidamente a vida de Dona “Maria Nília Rocha Lima”. Mãe de minha esposa, Zara Lúcia. Certa feita, conversando com ela sobre leitura de livros, contou-me que depois dos quarenta anos de idade, começou ler como entretenimento, uma categoria de livros de bolso, conhecidos como “Faroestes”. Depois passou a aventurar-se, em leituras de romances, de escritores reconhecidos e famosos da literatura brasileira, como: Machado de Assis, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre outros, e acabou se apaixonando pelos livros de Jorge Amado. Mais tarde viria conhecer os livros Espíritas, mais especificamente da categoria psicografados, como: Francisco

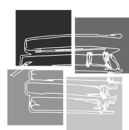
Cândido Xavier, Yvone Pereira, Hermínio C. Miranda, Divaldo Pereira Franco, João Nunes Maia, entre outros. Como o conhecimento não ocupa espaço, passou ler: Léon Denis, Ernesto Bozzano, Camille Flammarion, Gabriel Delane, etc. Finalmente Dona Maria, passou ler tudo que chegava em suas mãos. Em sua casa, existia um armário abarrotado de bons livros, alguns ganhados como presentes de amigos e parentes, que conheciam suas predileções, mas a maioria deles adquiridos por ela, com dinheiro de sua aposentadoria.

Dona Maria, depois dos setenta anos de idade, tornou-se uma pessoa detentora de grande conhecimento e sabedoria, dialogava com naturalidade, sobre qualquer assunto, com todos os tipos de pessoas. Todos sentiam prazer em conversar com ela, por isso recebia muitas visitas em sua casa, penso que havia conquistado o dom da humildade e da modéstia. Se quiserem saber mais sobre ela, leem “Família Rocha” e “Maria Nília Rocha Lima”, no livro citado.

A prática da leitura, desenvolve o conhecimento, a compreensão, e principalmente a comunicação. Sem falar que é um ótimo entretenimento.

“O Conhecimento é um tesouro que adquirimos e acumulamos, através de nossas vivências sucessivas, que não ocupa espaço, não se perde, nem a traça e a ferrugem o destroem, nem o ladrão é capaz de roubar, portanto, uma aquisição imperecível de nosso Espírito”. Acrescentaria que o conhecimento, e as virtudes que adquirimos em cada uma de nossas existências, constituem o verdadeiro patrimônio, dos quais nosso Espírito possui a plena propriedade.

Do autor



Índice

Dedicatória.....	7
Prefácio.....	11
Introdução	17
Comprador de Diamantes	24
Uma Proposta Louvável.....	38
Primeiras Revelações	46
Coronel, Só no Sertão	53
Revelações Surpreendentes	61
Amigos e Confidentes.....	68
Revelação de um Drama Pessoal	74
Revelação de um Outro Drama Pessoal	82
Um Problema de Grande Magnitude	88
Meu Passado Tenebroso.....	94
Um Colóquio Enobrecedor.....	102
Prenúncio de um Novo Tempo	110
Um Final de Semana Muito Proveitoso	116
Muitos São os Chamados, Poucos os Escolhidos	122

Conhecendo a Verdade.....	128
Pescaria Reveladora	137
Almoço com Propósitos	144
Parceria Cautelosa.....	155
Coronel Epaminondas,	
Cada Vez, mais me Surpreende	163
Tudo Posso, Naquele a Quem Confio	173
Advogando em Causa Própria.....	181
Desagradáveis Descobertas	186
Puxão de Orelha Merecido	191
Em Primeiro Lugar Amai-Vos,	
em Segundo Instrui-Vos	197
Poligamia em Debate	203
Não Há Nada, Que Não Será Descoberto	210
Tribunal da Culpa.....	219
Vá, e Não Peques Mais	225
Se Deus é Por Nós, Quem Será Contra Nós?.....	231
Um Acontecimento Desagradável.....	241
O Desfecho do Caso Clarice	247
Loteamento Vila Clarice	257
Distribuição Democrática dos Terrenos.....	267
Epílogo	273

Prefácio

O HOMEM O ÚNICO animal racional, ocupa a posição mais elevada na escala evolutiva, de toda Criação Divina, justamente por ser dotado da capacidade de raciocinar, transita absoluto há milênios sobre à face do orbe terrestre. Não obstante ser um vivente limitado em vários aspectos, possui um atributo especial e exclusivo que faz dele, o ser mais importante, completo e privilegiado, de toda Criação Divina, e lhe possibilita exercer domínio sobre as demais criaturas da vasta cadeia biológica.

Essa superioridade se comprova de maneira incontestável. Enquanto os

demais seres existentes, mesmo possuindo alguns recursos não disponibilizados à criatura humana, evoluem e transformam-se movidos pelos imperativos das Leis da natureza, que necessitam basicamente do concurso do tempo e das condições proporcionadas pelo meio ambiente em que estão inseridos. O homem fazendo uso de sua capacidade de pensar, consegue criar condições próprias, que permitem sua adaptação de sobrevivência, em qualquer parte do planeta. Com seu potencial inteligente, criou e disponibilizou a seu favor, mecanismo que mesmo não possuindo os recursos naturais competentes, consegue superar os demais seres em todos os sentidos, e exercer sua supremacia naturalmente.

Quando DEUS, deu ao homem racionalidade, atribuiu-lhe uma responsabilidade que ele ainda desconhece, ou talvez prefira não conhecer. Corroborando com um ensinamento bíblico que afirma: “A quem muito é dado, muito lhe será cobrado”. Acontece que o atributo, capacidade de pensar, foi concedida à espécie humana indistintamente. Exceto aos deficientes mentais, isso compulsoriamente, porque todo débil mental já teve seu tempo de genialidade, o perdeu temporariamente, mas voltará a tê-lo em uma próxima existência. Logo o fato de o homem inteligente não procurar conhecer suas responsabilidades, e seu potencial, perante os desígnios do Criador, torna-se uma capacidade inócua que ele detém, mas displicentemente negligência, isso não implica que ele esteja isento de responder pelo que lhe foi atribuído.

Quando DEUS fez o homem, tinha o melhor de Seus propósitos, inclusive concedendo a ele Sua imagem e semelhança. Em outras palavras, atribuindo-lhe em estado germinal, a essência de todos os atributos de seu Criador, que constitui possuir um potencial, para atingir um estágio de evolução que aproximasse da perfeição relativa, “Vós sois deuses”. Porque perfeição absoluta é atributo exclusivo do Ser Supremo.

Mas o homem à medida que foi desenvolvendo sua inteligência, pensou que poderia ser Deus, mas o homem que usa devidamente sua inteligência, acabará convencendo-se que é apenas um ser imperfeito, inacabado, e para se apropriar dos atributos de DEUS, terá que trilhar um longo e áspero caminho, instruir-se infinitamente, compreender todas as coisas, e libertar-se de todas suas imperfeições morais. Compreenderá que para atingir essa perfeição relativa, terá que desenvolver em si, todos os atributos Divinos, que herdou do CRIADOR. Mas o ser humano desde o princípio revelou-se desobediente, entendeu que com sua capacidade de pensar, poderia realizar coisas que DEUS abominava. “E todos os seres a quem DEUS, dotou com inteligência, no íntimo tem conhecimento daquilo que Ele abomina”. Que podemos sintetizar nos Dez Mandamentos, recebidos por Moisés, no Monte Sinai. Mas a história da humanidade relata, que o ser humano desde o princípio, no uso pleno de seu livre arbítrio, demonstrou tendência natural para contrariar as recomendações explicitadas nas Leis Divinas, não as procura conhecê-las, e delas se afastam-se deliberadamente.

Mas quem pensa que o descumprimento desse objetivo Divino, O frustra ou O decepciona, enganam-se e revelam que desconhecem, e nunca procurou conhecer Seus propósitos e a eficácia de Suas Leis. DEUS, através de Seus desígnios, não necessita julgar ninguém, para isso criou Suas Leis, e deu-nos inteligência para que respondêssemos por todos nossos atos. Concedeu-nos o livre arbítrio, isto significa que nos delegou, responsabilidades. E nós, somente nós mesmos, seremos de conformidade com Suas Leis, nossos próprios juízes. “Cada um segundo suas próprias obras”. DEUS que é Todo Perfeição, Justiça e Bondade, detentor de uma Inteligência Suprema, Eximiuiu-se de julgar-nos, não iria Delegar a outrem, também passível do mesmo julgamento, o direito de julgar-nos, condenar-nos ou absolver-nos. Todos indistintamente, seremos passíveis submeter-nos aos Desígnios de Suas Leis Sábias e Perfeitas.

Uma pessoa que durante uma ou mais existências, fez mal uso de sua capacidade de pensar, e utilizou sua inteligência para contrariar as Leis Divinas, no plano Espiritual, adquire consciência das razões que o induziram comprometer-se, e passa colher somente aquilo em que se ocupou semear. Então pede uma experiência despido da capacidade de raciocinar, para que não volte prevaricar, e a condição de debilidade, é um meio que o impedirá que prossiga na mesma trajetória de erros. E a condição de deficiente mental, lhe proporciona uma pausa, que o impedirá de continuar se comprometendo, o sofrimento resignado ao lado das pessoas que

de certa forma, tinham vínculos comprometedores, permitem que seja resgatado parcial ou totalmente seus comprometimentos.

Quanto aos quesitos que DEUS nos fez inferiores à certos animais, através da inteligência, DEUS, permite que sejamos superiores e dominamos a todos eles. Mas nem sempre usamos nossa inteligência, da forma mais correta, para descobrirmos as razões para que somos dotados dessa suposta superioridade. O cavalo pode ser usado como exemplo: É mais forte, mais veloz, mais resistente, mas permite domesticar-se para ajudar o homem em suas realizações. A serpente considerada há milênios, uma inimiga natural do homem, por produzir a peçonha letal, esconde o próprio antídoto, e a solução para outras enfermidades.

Queiramos ou não é assim que funciona a Justiça Divina. Lastreada em Suas Leis, Imparciais, Justas, Infalíveis, Incorrutíveis. Não queiramos nunca tentar burlar ou ludibriar, DEUS não os concedeu inteligência para essa finalidade. A única coisa que temos de fazer, usar a inteligência que DEUS nos concedeu, para conhecê-las o mais profundamente possível, segui-las o mais fielmente que possamos, nunca as contrariar nem delas nos afastarmos. DEUS nos fez inteligentes, para que a humanidade conquistasse a paz e a felicidade à que foi destinado. Tudo que DEUS criou na natureza tem suas utilidades, à medida que nossos conhecimentos, e nossa inteligência forem evoluindo, vamos nos apro-

priando desses segredos. Esse sempre foi Seus propósitos desde o princípio. E quanto mais cedo os homens se convencerem dessas verdades, menos dificuldades encontrarão em suas trajetórias em direção ao porvir.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal (MG), 02/01/2022

Introdução

DEVIDO A ABUNDÂNCIA de riquezas, que pululavam por todas as regiões do território brasileiro, a profissão de garimpeiro por muito tempo passou ser uma atividade econômica, que garantia o sustento de muitas famílias. O sertanejo por falta de opção de uma ocupação estável e lucrativa, embrenhavam pelos sertões à procura de sítios específicos, onde existiam depósitos naturais de certos minerais, com características semelhantes aos cascalhos, onde o laboratório da natureza, consegue no decorrer de milênios, atra-

vés de reações desconhecidas, usando conhecimento e métodos próprios, que somente ela detém, cristalizar o carbono de rocha, utilizando somente elementos naturais, através dessa fórmula secreta, produzir a pedra mais resistente e brilhante encontrada na natureza. Esse material é tão sólido e consistente que nenhum outro, seja natural ou artificial, possui consistência atômica semelhante ao diamante ou brilhante, utilizado intensivamente nas máquinas da indústria metalúrgica, que tem capacidade de cortar e vencer a resistência molecular, de qualquer metal produzido pelo homem, ou pela própria natureza. E ainda, intensiva aplicabilidade em confecções de joias de valor. Por ser muito raro, tornou-se muito desejado e muito valioso.

Nesses sítios promissores, formavam-se os garimpos, que consistiam em grupos de trabalhadores, que traziam suas famílias, e ali se fixavam, e dedicavam-se encontrar o precioso mineral. Muitos desses garimpos eram explorados sem nunca atingirem sua exaustão total, porque sempre havia possibilidade de surgir um novo veio do minério. Mantendo algumas famílias perseverantes, que com o passar do tempo, acabavam migrando para outras atividades econômicas na própria localidade, dando origem assim à formação dos povoados, que acabavam se transformando em vilas, e hoje são cidades importantes, principalmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Para adquirir essas pedras preciosas, surgiam compradores ambulantes, montados em animais, principalmente muares, por ser o burro e a mula, os mais

fortes e resistentes, que suportam longas e demoradas caminhadas, procediam de diversas regiões do país, percorriam esses garimpos, e adquiriam à preços compensadores, para serem revendidos para outra categoria de atravessadores nos centros urbanos, depois comercializados ou contrabandeados para outros países do mundo, fomentando esse tipo de exploração e comércio. Segundo relatos, essa atividade econômica, gerava um clima de muita insegurança, desde sua extração até seu destino final, devido ao seu valor expressivo e a precariedade dos meios de segurança e justiça predominantes nessas épocas.

É nesse ambiente, de plena instabilidade das garantias pessoais, na primeira metade do século passado, quando a economia do Brasil, experimentava um período promissor de oportunidades econômicas a serem exploradas. O trabalhador procurava uma maneira de sobreviver. Como sempre acontecem em todos os ramos das atividades produtivas, muitos garimpeiros tinham sorte e ficavam ricos em pouco tempo, a mesma sorte tinham exploradores de garimpeiros, outros enriqueciam ilicitamente assaltando garimpeiros e compradores de diamantes. Por isso a profissão de garimpeiro, era uma atividade profissional com possibilidade de enriquecimento fácil e rápido, mas considerada de alto risco.

Nessa época num ritmo bem cadenciado, o interior do país aos poucos ia sendo desbravado e ocupado, e nossas fronteiras produtivas se expandindo. Estradas iam sendo rasgadas através da floresta intocada, pontes

precárias, outras eficientes eram construídas sobre rios e rios antes intransponíveis, unindo populações antes isoladas, e as relações de comércio sendo consolidadas, com os centros consumidores, possibilitando nossos produtos chegarem até aos portos marítimos, para serem transportados para outros países do mundo. Algumas estradas de ferro também em sua fase inicial, fomentavam o transporte de cargas e passageiros, promovendo a integração de pessoas, raças e culturas. E o Brasil aos poucos ia se desenvolvendo e adquirindo seu perfil social e econômico.

E as histórias dessa gente sofrida, se desenrolando por todos os rincões, de norte ao sul, com as peculiaridades próprias de cada região. Com os conflitos e os atritos, das mais variadas procedências, as dificuldades inerentes às precariedades de recursos de todos os matizes, que muitos convivem e todos conhecem. Para o contador de histórias torna-se um manancial perene e inesgotável de possibilidades, talvez pelo fato de todas essas coisas, fazerem parte do cotidiano da maioria dessas pessoas que por razões múltiplas, fixavam-se nesses ambientes rústicos e isolados, e desconheciam outro modo de vida, a não ser retirar do seio da natureza pródiga, os meios pela sobrevivência, cada um à sua maneira, manejando os recursos de que dispunham para vencerem a árdua e difícil luta pela vida.

A prepotência humana, uma característica da ignorância do sertanejo, sempre agindo de maneira sórdida e opressora, constringendo, humilhando e vilipendiando

as pessoas subservientes, por força de uma suposta condição de superioridade física ou financeira, por razão da cultura patronal e autoritária, presentes nessas comunidades precárias, desprovidas dos meios necessários para assegurar os direitos elementares dos cidadãos comuns, mas também presente nos grandes centros considerados ricos e civilizados, provocando dramas sociais, gerando consequências de difíceis soluções. Muitas vezes motivados pela exploração da mão de obra das classes inferiores, sob critérios oportunistas, violentos e até desumanos, desestabilizando a harmonia das famílias.

Dizer que a vida é um conto de fadas, seria uma utopia para acalantar o sonho e a imaginação das crianças, que logo descobrem que não se pode crer nas histórias dos adultos. A vida é algo muito sério, e não poupa ninguém, esse entendimento deveria ser incutido nas mentes infantis, porque a criança humilde, logo vai deparar com as vicissitudes cruéis dessa realidade. Toda criança que aprende enfrentar as adversidades, será no futuro um homem mais destemido. Esse é o perfil do homem sertanejo, que em todos os estágios da vida só conheceu privações e dificuldades.

Talvez essa minha interpretação possa parecer impiedosa e antipedagógica. Mas reflete a realidade de nossa gente, em todas as partes do mundo, em todos os tempos das civilizações, principalmente das classes menos favorecidas, independente de morar no campo ou nas cidades. Somente a boa educação e a justa distribuição de renda, poderia corrigir essa distorção existencial. Mas essa preo-

cupação certamente será prioridade das futuras gerações, que serão fustigadas pelo agulhão da transformação da consciência coletiva, impulsionadas pela evolução material que está reservada para o futuro de nosso planeta, e das leis sociais que privam pelos direitos e bem-estar dos seres humanos, só perceptíveis no decorrer do passar dos tempos. É só olharmos para o passado distante, para constatararmos que essa transformação, queiramos ou não faz parte dos desígnios e dos propósitos do Criador, basta utilizarmos a inteligência que possuímos, para compreendermos que esse entendimento tem fundamento e procede.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal (MG), 05/01/2022

Sonho de Um Menino Poeta

*Quando criança queria ser poeta
Senti, que não poderia
Para ser poeta de verdade
Teria que conhecer alguém
Mas era apenas um menino
E esse alguém, não conhecia
Mesmo assim, escrevi alguns versos
Muito pouco eles diziam
Fechava meus olhos, imaginando*

*O vulto dela aparecia
Lembrando, quem seria essa menina?
Que pessoa ela seria?
Pensei encontrá-la num sonho
Nesse sonho me sorria
Sai procurando por ela
Onde essa menina estaria?
Me faltava alguma coisa
Descobri, sabedoria
Escrevi muitas poesias
Eram palavras vazias
Fui dormir desanimado
Rezei pra sonhar com ela
Novamente me sorria
Me contou uma linda história
Que um dia eu a encontraria
Chorando nos abraçamos, acordei
O galo me avisava, o dia amanhecia
Levantei-me, sai a procurando
Que lugar ela estaria?
Então fiquei perguntando
Por que de mim se escondia?
Procurei-a por vários anos
Finalmente, muito longe a encontraria*

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 01/08/2022

Comprador de Diamantes

N OS IDOS DOS ANOS da década de trinta, do século passado, um comprador de diamantes conhecido como Coronel Epaminondas Valadão, deveria ter no máximo trinta e cinco anos de idade, mas já estava cansado de empreender andanças pelo interior dos estados brasileiros, suas viagens eram sempre muito longas e demoradas, sempre solitário, montado em um burro, e acompanhado por um segundo animal conduzindo a bruaca

de carga, com a tralha de cozinha, e outros apetrechos para atender as necessidades. Sempre por trilhas desconhecidas e incertas, porque estradas nessa época eram praticamente inexistentes, farejando ao longo dos vales e pequenos rios, ou margeando as encostas dos morros, procurando descobrir pequenos garimpos de diamantes, em que pudesse adquirir em condições especiais essas pedras preciosas. Dormia sempre ao relento próximo às margens de um ribeirão, enquanto seus dois burros descansavam e pastavam durante à noite, no outro dia pela manhã trocava os animais para que o outro conduzisse a carga mais leve, e dessa forma revezando, ia poupando os animais. À medida que encontrava grupos de garimpeiros, na faina de encontrar os diamantes, se apresentava como comprador, e dizia o tipo de pedra que desejava adquirir. O garimpeiro por sua vez, de posse do produto objeto de seu trabalho, depois de acirrada negociação, efetivavam ou não a troca, diamante bruto por dinheiro em espécie, até quando esgotavam os recursos que levava consigo, para essa finalidade. E assim encerrava sua viagem, e sem nenhuma pressa começava o caminho de volta, nem sempre pelas mesmas trilhas por onde viera, sua intenção agora era chegar em um centro urbano qualquer, onde deixaria seus animais em um abrigo próprio, pegava um outro meio de transporte mais rápido, até um centro urbano maior, onde poderia sem muitas dificuldades, mas com muita cautela e prudência comercializar os diamantes que havia adquirido. Depois retornava até onde havia deixado seus animais,

às vezes trocava algum deles, que apresentava sinais de que não conseguiria prosseguir em nova aventura, depois se ausentava por uns dias, imaginamos que seria para descansar. Foi dessa forma que ainda jovem tornou-se um homem relativamente capitalizado. Com parte desse dinheiro, realizou um desejo que sempre alimentou, adquiriu patente de Coronel, e passou ostentar esse título como se fosse uma autoridade legalmente constituída, demonstrando certa superioridade sobre pessoas, principalmente garimpeiros simples e humildes, fazia questão que fosse chamado e conhecido como Coronel Epaminondas.

Em uma dessas viagens por caminhos nunca antes percorridos, sentiu-se desorientado e perdido, estava anoitecendo quando chegou às margens de um rio desconhecido, soltou os animais em uma várzea próxima, onde havia muito alimento natural, preparou seu jantar frugal como sempre, depois se deitou sobre os baixeiros, encostou a cabeça cansada sobre o arreio e dormiu.

Acordou no meio da noite todo arrepiado, pela primeira vez sentiu muito medo, era uma noite escura, sem luar, mas não era a escuridão da noite que estava lhe amedrontando, eram os fragmentos das lembranças do sonho que teve, que vinham e desapareciam em fleches desconexos. À medida que recordava percebia que tinha sido um sonho muito real. Com esforço aos poucos, o sonho foi adquirindo forma, e permitiu revelar que fora interceptado por um homem que dizia estar muito doente, e estava sentindo muita sede, quando desmontou

de seu animal para pegar o vasilhame com água que estava na cangalha no outro burro, o homem apontando-lhe uma carabina disse: – Não é água que agora eu quero, quero apenas o dinheiro dos diamantes que você me roubou. Quando levou a mão para sacar sua arma que estava escondida na cintura, ouviu o estampido do tiro da carabina, e acordou assustado.

Mesmo depois de superar aquele estranho momento de medo, por ser esse viajor naturalmente destemido, não conseguia mais dormir, ficou contemplando o céu iluminado de estrelas e recordando agora detalhes do sonho que teve, de repente surgiu em sua memória e reconheceu o homem que lhe pediu água no sonho. Lembrou-se de um fato que lhe aconteceu, quando começou andar pelo mundo para comprar diamantes. Chegou em um pequeno garimpo, estava tudo desolado, viu e ouviu apenas um cachorro magro, vigiando um velho barraco coberto de folhas e lona, desceu, empurrou a porta encontrou um homem deitado, doente, agonizante, que com dificuldade lhe pediu água. Pegou seu cantil e deu para o homem beber, após tomar um gole de sua água, debruçou-se e não mais se moveu, começou tocá-lo para que ele reagisse, então percebeu que não mais respirava, que estava morto, observou que trazia amarrado no coes da calça uma trouxinha de tecido grosso, e dentro dela contou vinte e cinco pequenos diamantes. Assustado, pegou o saquinho com os diamantes, montou em seu burro, e seguiu sua viagem. Agora reconhecia que o homem que morreu no garimpo era o mesmo que

lhe interceptou no sonho que acabara de sonhar, dizendo que estava doente, pedindo-lhe água novamente, arquitetando dessa maneira uma emboscada, cobrando pelos diamantes que covardemente lhe havia subtraído.

Por mais que tentasse não conseguiu dormir, ficou recordando outros desentendimentos que teve com garimpeiros ao longo de mais de quinze anos, nessa profissão de comprador de diamantes, muitos foram os que tentaram lhe vender pedras falsas, então percebeu se quisesse sobreviver nessa profissão, teria que ser mais esperto e desonesto que os garimpeiros, a maneira defensiva como passou conduzir suas negociações, começaram lhe proporcionar muito lucro, mas também muita insatisfação aos garimpeiros, devido seus métodos nem sempre justos e honestos, no trato com garimpeiros e vendedores de pedras preciosas, tinha consciência que com a maneira que passou negociar vinha fazendo muitos desafetos, e tinha conhecimento que algumas ameaças de morte pululavam contra sua pessoa, a fama de aproveitador de garimpeiros havia se espalhado entre os trabalhadores desse ramo. Tornando sua profissão, muita arriscada.

Como não conseguia dormir e o dia não amanhecia, de vez em quando olhava o horizonte distante. A partir do momento que adquiriu o título de Coronel, passou ostentar as armas que até então, sempre portava às escondidas, e todos agora passaram a respeitá-lo como se fosse temida autoridade. Exigia que os garimpeiros, mesmos aqueles humildes e pacíficos lhes

chamassem com certa reverência de Coronel Epaminondas. E passou ser generoso apenas com seus burros. E sem perceber, automaticamente voltava reviver o sonho estranho que tivera naquela terrível noite, que parecia não ter mais fim, tinha pressa que amanhecesse o dia logo. Como não conseguia dormir, ficava pensando o que significava aquele sonho, e por que acordou sentindo todo aquele medo. Voltava olhar a linha do horizonte, e definitivamente o sol havia se esquecido de aparecer. Pensando melhor, com os diamantes que já havia guardado, se os convertessem em dinheiro, poderia muito bem encerrar aquela profissão, antes de levar um tiro de carabina pelas costas. Mas se sentia ainda jovem, teria que encontrar uma outra maneira de trabalhar, considerava que estava cedo demais para aposentar-se, acabaria gastando todo dinheiro que tinha, e como seria sua vida na velhice?

Olhou o horizonte viu que estava adquirindo coloração rubra, o vermelho indicava que o sol não demoraria aparecer, aquele vermelho foi se intensificando, iluminando lentamente o mundo, e fez revelar que ali naquele lugar às margens daquele rio, começava-se formar um vale estreito entre o rio e uma cordilheira de serras, ia expandindo e se perdia rio abaixo, cavou a terra e percebeu que era escura, quase preta. Como a agricultura e a pecuária, estavam em ascensão, e os garimpos cada vez mais distantes. Imaginou que com o capital que possuía, estava na hora de investir em terras, e tornar-se um grande proprietário

rural. E esse lugar isolado onde ninguém lhe conhecia os antecedentes, acenava como ideal para se estabelecer e mudar seu modo de vida. Decidiu conhecer melhor o potencial daquele vale, durante alguns dias o percorreu em toda sua extensão, montado em seus burros, e se surpreendeu com a imensidão da área aproveitável que se distendia ao longo daquele vale, que intacto como estava, lhe parecia imenso paraíso abandonado. Eram dezenas de milhares de hectares de terras férteis, que se perdiam incrustadas entre as margens do rio, que ele não sabia se tinha um nome, e os esqueletos de serras íngremes intransponíveis, suficientes para se formar ali naquele lugar um povoado promissor. Aquelas eram terras devolutas de difícil acesso que nunca havia chamado a atenção de ninguém, pertenciam ao estado, bastava requerer um título de posse, e tornar-se proprietário. Mas sabia que terra só tem valor, quando pessoas desejassem possuí-las, trabalharem nela, fazê-las produzir. Ele não tinha intenção nem vocação para plantar lavouras ou criar gado, sua vocação sempre foi ganhar muito dinheiro facilmente, mas pelo pouco que conhecia de terras, aquele lugar tinha sem dúvidas um futuro em potencial.

Interpretou aquele sonho como uma premonição. Decididamente ali encerraria sua profissão de comprador de diamantes. Com toda liberdade, escolheu o lugar mais estratégico do enorme vale, na região central, lugar ideal para se formar um povoado. Fincou algumas estacas demarcando o lugar, ali seria o local

de sua futura propriedade. Desistiu de seguir viagem e retornou de onde viera com seus dois burros, e muitos planos em sua mente.

Depois de dois meses, voltava àquele lugar acompanhado de um engenheiro agrimensor, Sr. Valter Assis, que havia contratado numa cidade distante, para juntos demarcarem uma faixa de dez quilômetros às margens do rio, que por sua vontade o batizou de Rio Paraíso, tinha como limite oposto a base da serra. Na região mais plana e estreita que ficava no centro da área que demarcaria, utilizaria uma área retangular, entre o rio e a serra, e dividiria em cinquenta quadras, seis ruas no sentido horizontal, acompanhando o curso do rio, e onze ruas transversais, das margens do rio até à base da serra. Cada quadra seria dividida em vinte e cinco terrenos de quatrocentos metros quadrados. Reservaria duas quadras centrais, uma destinada à construção da praça e da igreja, e outra para construção de uma escola. As demais quarenta e oito quadras, num total de um mil e duzentos terrenos, seriam colocadas à venda à preços consideráveis, inacessíveis a pessoas sem poder aquisitivo, para abrigar tudo que viesse existir naquela que viria ser no futuro, uma cidade.

O engenheiro experiente traquejado em loteamento agrário, elaborou um croqui bem detalhado da área total à ser requerida, descreveu minuciosamente o roteiro topográfico das divisas da área, com os instrumentos de engenharia que possuía, mediu as distâncias e identificou as coordenadas cardiais, de conformidade com

as exigências dos Cartórios de Registros Imobiliários, colocou tudo no papel. Coronel Epaminondas de posse do mapa e do memorial descritivo procurou o Órgão Estadual competente, na capital daquele estado, falou com as pessoas certas, usando argumentos convincentes, que têm poder abrir portas emperradas, obteve sem muita dificuldade a concessão para registrar o título que lhe conferia direito de propriedade, no Cartório de Registro de Imóveis, da Comarca mais próxima, que ficava à centenas de quilômetros de distância daquele oásis abandonado.

Mediante o resultado positivo do empreendimento, com a parceria desse engenheiro, decidiram montar um escritório de serviços de loteamentos agrários, numa cidade menos distante, anunciaram através dos meios de comunicação da época, (jornais) em algumas regiões urbanizadas e desenvolvidas, sobre a existência e as facilidades para se obter concessão de uma gleba de terras na região desse vale, através de intermediação de seus serviços, mediante pagamento de uma pequena comissão pelos trabalhos de engenharia e corretagens. E dessa forma em pouco tempo, o enorme vale, havia sido completamente fatiado em centenas de lotes rurais, e Coronel Epaminondas Valadão e o engenheiro Sr. Valter Assis, estavam designados oficialmente, pelas autoridades estaduais, para mediar com exclusividade os assentamentos dos requerentes.

Em parceria com Sr. Valter o engenheiro, concomitante ao projeto de assentamento rural, deu

andamento em seu projeto de urbanização, o engenheiro executou o loteamento urbano de conformidade com que ele havia idealizado, localizado na área central de sua propriedade. Providenciou a limpeza mecânica do quadrilátero, com demarcação de ruas, quadras, e dos terrenos. As concessões das áreas rurais eram facilitadas e agilizadas, para aqueles que concomitante adquirissem os seus terrenos urbanos, e dessa forma não teve dificuldade para em pouco tempo, se desfazer de centenas deles.

Não seria necessário dizer que Coronel Epaminondas rapidamente, e sem muito esforço, se encontrava muito capitalizado. Escolheu dois excelentes terrenos, estrategicamente localizados, os cercou com muros formando um único terreno, e deu início à construção de seu sobrado, que demorou cinco anos para ser concluído. A exemplo dele algumas pessoas que haviam requerido glebas rurais, e adquirido terrenos urbanos, também começaram construir suas residências, mas nenhuma delas do porte da futura residência do fundador. Só então Coronel Epaminondas, revelou que pretendia mudar-se com sua família, assim que a construção fosse concluída, trouxe a mudança e seus dependentes sem revelar de onde procediam, para ocupar o enorme sobrado. Sua família minúscula, formada apenas por ele, a esposa Eulália, e seu único filho Antonio, ainda um garoto de dez anos, a quem chamavam carinhosamente Tônico, e com eles vieram três mulheres ainda jovens para trabalharem como empregadas da casa.

Quando quase todos os terrenos haviam sido vendidos, Coronel Epaminondas, fora questionado se disponibilizaria outras áreas para serem urbanizadas, uma vez que a cidade fora construída dentro de suas terras, respondeu categórico que aquilo seria tudo, e o céu seria o limite. Dando a entender se a cidade desejasse crescer, teria que ser em direção ao céu. Mas como podem observar no loteamento original, talvez por esquecimento ou falha de projeto, não fora reservado espaço para se construir o cemitério. Então Coronel Epaminondas foi obrigado pelos proprietários urbanos, sob ameaça de ser acionado judicialmente, conceder um espaço equivalente há uma ou duas quadras, da enorme área remanescente que lhe havia restado para se construir o cemitério, afinal os mortos necessitam serem sepultados. Espontaneamente sem intervenção judicial, o terreno para o cemitério foi cedido fora do quadrilátero urbano original, que ficou literalmente cercado, de um lado o rio, do lado oposto a base do espigão de serras intransponíveis, dos lados por duas extensões de quatro quilômetros de terras de propriedade de Coronel Epaminondas.

E os anos foram se passando e os terrenos aos poucos foram se transformando em residências e prédios comerciais, e o loteamento foi adquirindo aspecto de cidade, e Coronel Epaminondas decidiu em consideração ao nome do Rio, que acabou se confirmando, que o nome da cidade também seria Paraíso, e só habitaria ali famílias selecionadas, geralmente proprietários rurais

da região, comerciantes da localidade, profissionais liberais, pessoas aprovadas por ele. Quando aparecia alguém suspeito para adquirir os últimos terrenos disponíveis, primeiro se fazia investigação rigorosa da capacidade financeira do candidato, se não se enquadrasse no perfil desejado, lhe era dito que os terrenos tinham sido todos vendidos. Em breve espaço de tempo Coronel Epaminondas conseguiu vender todos os terrenos, e garantia aos proprietários de terrenos de Paraíso, que tinha feito sua parte, não havia vendido nenhum terreno para pessoas de cor, nem para pessoas pobres que não tivessem condições para construir uma boa casa. Revelando assim sua concepção racista e preconceituosa. *(Essa observação era a opinião de muitos, deverá ser mais bem esclarecida no decorrer de nossos relatos).*

Coronel Epaminondas Valadão, na qualidade de fundador da cidade, se considerava uma espécie de síndico de condomínio de luxo. Por ter sido ele o idealizador de tudo aquilo, e por ser o mais rico de todos. Dizem que vidente, em terra de cegos, é rei. Não obstante ser um Coronel e não um Monarca, exercia certa ascensão e domínio sobre os habitantes, em sua maioria pessoas simples, humildes e honestas. Por ser ainda relativamente jovem, com sua visão empreendedora e ambição desmedida, concluiu que seria fácil continuar explorando, financeiramente aquela população, tanto rural como também urbana, com o poder de seu dinheiro, poderia conceder empréstimos a juros altos, fazendo assim muitos dependentes e reféns de seu império financeiro, que

crescia vertiginosamente. Permitia que a dívida de seu mutuário crescesse ao ponto de comprometer seu patrimônio, então entrava em negociação e adquiria o imóvel que havia sido dado em garantia, em pagamento da dívida, depois que a pessoa se mudava com a família para outro lugar, como havia déficit de moradias na cidade impedida de crescer pelos lados, vendia com lucros extraordinários. *(Essa informação também será mais bem esclarecida, no decorrer de nossos relatos).*

E dessa forma tinha posto em prática o seu velho método tirânico dos tempos de comprador de diamantes. Agora nos meados do século passado, quando os rumores da segunda grande guerra mundial, haviam cessados, e as regiões do mundo convulsionadas pelo conflito nefasto, contavam seus mortos, e aplainavam as cicatrizes deixadas pelas bombas, nas principais cidades da Europa e da Ásia, o mundo estropiado necessitava urgente, retomar sua marcha ordeira em direção ao porvir. Por esses tempos, devido ao rápido progresso da região, e as facilidades, Paraíso, conquistou sua emancipação política e conseguiu a condição de município, com sua economia próspera e seu comércio pungente não conhecia crises, fomentado pela agricultura diversificada e pela pecuária de qualidade, que se desenvolvia satisfatoriamente em toda extensão daquele vale fértil. Como tornou-se uma região muito produtiva, as propriedades rurais tornavam-se disputadas e valorizavam acima da média de outras regiões. Os imóveis urbanos limitados em sua quantidade, atingiam valores inconcebíveis.

Não obstante a atividade abusiva, oportunista, e tendenciosa de Coronel Epaminondas Valadão, agora com mais de cinquenta anos de idade, sua pessoa muito reservada em aparições públicas, sofria dois tipos de julgamentos, muitos o criticavam e o condenavam como sendo um agiota explorador contumaz de pessoas necessitadas. Outros o absolviam e elogiavam concedendo status de benfeitor da localidade, e fomentador do progresso, que estava sempre em condições de socorrer os necessitados com seu dinheiro. A pessoa só recorria a ele se assim desejasse, seus juros e condições eram previamente estipulados, nunca recusava receber um empréstimo na data de seu vencimento. Mas quando as garantias eram sólidas e expressivas, não demonstrava nenhuma pressa em receber. Não era do tipo que cobrava seu devedor no vencimento da dívida. E assim seu império financeiro crescia sem parâmetros de comparação. *(Há de se convir que existem muitas questões nebulosas, sobre a conduta do fundador, que pretendemos apurar, nosso trabalho tem a intenção de esmiuçar também essas opiniões contraditórias.)*

07/12/2021

Uma Proposta Louvável

POR CONSIDERAR-ME uma pessoa instruída, cansei-me de ouvir dezenas de conversas desencontradas sobre esse Coronel, como nada tínhamos a perder, decidimos que competia a nós investigá-los, pra dizer a verdade, nem sei dizer exatamente com que finalidade. A vida privada de Coronel Epaminondas e de sua esposa Dona Eulália, até então era um mistério que ninguém saberia revelar. Seu escritório de trabalho anexo ao sobrado, ligados por uma passagem privativa,

essa extensão fora construída em uma segunda etapa, quando decidiu iniciar suas atividades de Especulador Financeiro (*agiota*). Segundo diziam uma verdadeira fortaleza, com salas particulares que somente ele acessava, a tesouraria com cofre de segurança, onde guardava documentos e numerários. Apesar de já existir Agência Bancária em Paraíso, Coronel Epaminondas não possuía conta bancária em nenhum Banco, dizia que preferia ele mesmo administrar sua fortuna em dinheiro, que segundo ele, não era assim tanto como muitos imaginavam. Mas muitas vezes a Agência Bancária local, recorria aos cofres de seu escritório, para reforçar seu caixa.

Tanto Coronel Epaminondas, como a esposa Dona Eulália, muito raramente eram vistos andando pelas ruas. O filho Antonio, ou Tonico para os pais, morava fora, desde que viera pela primeira vez quando se mudaram, por ser período de férias, depois começaram as aulas e ele desapareceu. Todas os períodos de férias escolares, Tonico aparecia e era visto perambulando pelos jardins e quintal do sobrado. Mas sempre demonstrou o mesmo proceder discreto dos pais. Pelos cálculos agora ele deveria estar com pouco mais de vinte anos de idade, segundo informações não oficiais estaria fazendo algum tipo de especialização no exterior, uns diziam América do Norte, mas há quem afirmava que era na Europa, mais especificamente em Londres.

Ao longo desses mais de dez anos que Coronel Epaminondas residia com a esposa em Paraíso, sempre tiveram empregadas em número de três, sempre que uma era dispensada, contratavam outra para substituí-la, e es-

sas mulheres sempre procediam de fora, ninguém saberia afirmar exatamente de onde, e quando eram dispensadas não permaneciam na cidade, outro enigma que pretendemos investigar, todas eram mulheres de cor clara, jovens e bonitas, e dificilmente deixavam o reduto doméstico, não se envolviam com nenhum morador da cidade, nem faziam amizades com as senhoras e senhoritas locais.

Outro detalhe que intrigava a população local, Coronel Epaminondas, era dono de uma grande extensão de terras. Quando requereu sua gleba, foram dez quilômetros margeando o rio, utilizou somente o espaço para o loteamento da cidade, menos de dois quilômetros ao longo do rio, correspondendo à soma de dez quadras de cem metros, com à extensão da largura das onze ruas transversais e os respectivos passeios. Como a cidade foi construída na área central de sua propriedade, restaram mais de quatro quilômetros de terras rio acima, e a mesma extensão rio abaixo, e a vegetação de toda essa área se encontrava totalmente preservada, muitas foram as propostas que recebeu para vendê-las, mas nem se manifestara. Ao longo desse tempo, adquiriu algumas áreas rurais e urbanas como recebimento de dívidas, mas logo depois se desfaziam dessas propriedades, convertendo-as em dinheiro. Há também quem afirmava que Coronel, continuava comprando diamantes, era colecionador de grandes gemas brutas de diamantes, e outras pedras preciosas, uma maneira discreta de ocultar sua fortuna, e driblar o fisco. Outros diziam que Coronel Epaminondas, era exímio atirador, diziam que com revólver, atirava com precisão com ambas as mãos. Por isso e por

muitas outras razões, o consideravam uma lenda viva. Uma lenda viva diria que não chegava ser, mas era sem dúvida um homem excêntrico, isso garanto que era, digno de investigação minuciosa.

Coronel Epaminondas, não tinha amigos do tipo confidentes, ou do tipo que frequentava sua casa, daí nossa dificuldade em conhecer seus antecedentes, seus relacionamentos eram exclusivamente de negócios. Quando o cliente entrava em seu escritório, para obter um empréstimo, explicava suas necessidades. Ele impunha suas condições, era aceitar ou não. Depois de formalizada a parte escritural burocrática, e os registros necessários, ele entrava em uma sala privativa, abria o cofre, pegava o numerário correspondente ao valor do empréstimo e entregava ao seu cliente. Quando o cliente entrava em seu escritório para pagar um empréstimo, sentava-se em frente sua mesa, ele efetuava os cálculos manualmente, e apresentava ao cliente. O devedor entregava-lhe o montante em espécie, ele conferia, assinava o recibo de quitação da dívida e entregava ao cliente, e guardava o dinheiro no cofre. Tudo de forma clandestina, não tinha autorização dos órgãos competentes para executar essa atividade, não recolhia nenhum centavo à título de tributo. Por isso uma atividade irregular e ilícita, mas sabemos que é praticada intensivamente em todos os tempos em todo território nacional livremente.

Então com o propósito de conhecer a história de sua vida o procuramos em seu escritório. Quando perguntou o que desejávamos, talvez imaginando que

intencionávamos pleitear um empréstimo, fomos sinceros e lhe dissemos:

— Ouvimos alguns poucos comentários sobre o seu passado, concluímos que é dono de uma história de vida interessante. Como sabemos que foi o fundador desta cidade, talvez gostaria deixar para posteridade, a verdadeira trajetória de sua existência até os dias atuais. Porque percebemos que existem muitas informações controversas sobre sua pessoa. Muitos o consideram benfeitor desta população. Outros o classificam como explorador contumaz dessa gente. Mas o que nos interessa registrar é seu passado obscuro, que fez do Senhor quase uma lenda. Mas uma lenda para nós é algo muito subjetivo, que reside entre a credence e o fantasioso. Então concluímos que o Senhor não poderá perpetuar na memória dessa gente como sendo uma lenda controversa. Mas um personagem real que fez ser, a pessoa que é hoje.

Fizemos uma pausa para que refletisse, e nos revelasse o que pensava sobre nossa proposta. Para nossa surpresa, falou:

— Estou em meu horário de trabalho, deve ter pessoas esperando para falar comigo. Mas vou adiantar que não sou, nem me considero ser nenhuma lenda. Vou abrir um precedente para que vá em minha casa, que fica aqui nos fundos, lhe concederei uma hora esta noite, das oito às nove, para me inteirar de seus propósitos com referência à minha vida pregressa. Se considerar louvável sua intenção, podemos pensar no assunto. Mas lhe adianto que meu passado foi difícil e real, nada parecido com um conto de fadas.

A sorte estava lançada, percebemos que não se tratava de nenhum otário, teríamos que usar argumentos convincentes para não deixar a mínima impressão de que estávamos querendo apenas bisbilhotar sua vida passada. Tínhamos que convencê-lo que se tratava de um trabalho com intenção de revelar dados biográficos, com finalidade histórica, que refletisse o esforço que dispensou ao longo da vida para obter tudo que havia conseguido. Não somente seus valores materiais, mas principalmente suas conquistas pessoais, que lhe conferia os méritos que o fazia detentor de julgamentos tão contraditórios. Demonstrar-lhe que era necessário jogar luz sobre seu passado, que certamente esclareceria situações que definiria seu verdadeiro perfil. Era de fato um herói ou que tipo de herói de fato era.

Não o fizemos esperar, pontualidade era um hábito que sempre prezávamos e cultivávamos. Antes alguns minutos para as oito horas, tocamos a campainha de seu portão, acendeu as luzes do rol de entrada da casa, abriu a porta, veio até onde me encontrava, cumprimentou-me, abriu o portão e convidou-me a segui-lo. Ao penetrarmos na sala espaçosa, limpa e arejada, com cheiro agradável, sentamo-nos em poltronas confortáveis, próximos um do outro. Perguntou-me:

— Qual é mesmo seu nome, e sua ocupação?

— Me chamo César Ferreira, fui por uns tempos professor de literatura, hoje dedico-me colaborar com a imprensa local, e gostaria intensamente escrever biografias, com finalidades históricas.

— Falou-me essa manhã que andou ouvindo algumas histórias a meu respeito, gostaria que me dissesse que espécie de comentário ouvistes sobre mim?

— Diria que o Senhor é a pessoa mais famosa e importante dessa cidade, talvez pelo fato de ser seu fundador, reside aqui há muitos anos, desde o princípio, como a maioria das pessoas conhecem superficialmente suas origens, impera por aqui um desejo coletivo de conhecer profundamente a verdadeira história de seu passado. Todos sabem de ouvir comentários, que desde muito jovem começou percorrer sozinho os sertões dos estados brasileiros, montado em lombo de burros, procurando por garimpos, para comprar diamantes. E ainda muito jovem havia guardado dinheiro que possibilitou mudar de profissão, procurando preservar sua vida. Convenhamos que a vida de um portador de dinheiro ou diamantes, pouco importa para um salteador.

Como percebi que o Coronel, demonstrava estar gostando de minha exposição, continuei: – Não obstante percebemos que as opiniões sobre o Senhor divergem e são contraditórias. Sentimos que as pessoas de um modo geral, têm curiosidade saber, como um homem que tinha uma vida errante, conheceu, apaixonou-se, e casou-se, com uma jovem mulher, conseguiu constituir uma família e preservar esse casamento até hoje. Imaginamos que a razão de parte das pessoas tecerem comentários desencontrados e até mesmo desabonadores sobre o Senhor e sua família, dá-se pelo fato de não conhecerem de fato suas origens, e os desafios superados para chegar aonde chegou.

Coronel Epaminondas, fez entender que queria dizer alguma coisa, perguntou: – Na hipótese de aceitar revelar a história de minha vida, como as particularidades que envolvem minha família, o que pretende fazer com essas informações?

— Como disse, divulgá-las para que todos conheçam de fonte segura a verdadeira história de vida do fundador de Paraíso. Poderia repassá-las ao Senhor, mediante uma recompensa pelo meu trabalho, cedendo ao Senhor todos os direitos autorais, para que publique em seu nome, e explore da maneira que melhor convier. Ou publicá-lo em meu nome, com seu aval, atestando autenticidade das informações, e comercializar o livro em parceria, em todo território nacional por tempo indeterminado.

— Penso que todo homem sensato tem que valorizar seu trabalho, e ser dignamente recompensado por ele. Considerei razoável sua proposta, mas antes de decidir a maneira de divulgar esse trabalho, gostaria primeiro tê-lo em mãos e conhecê-lo em sua integridade, mas lhe garanto que receberá por ele de acordo com sua qualidade.

— Perfeitamente. Quando começamos trabalhar?

— Na segunda-feira, a partir das oito horas da noite sem estipularmos horário para encerrarmos. Prefiro que seja em meu escritório, lá teremos mais privacidade.

— Combinado, será um prazer muito grande, conhecer e escrever sua história de vida.

11/12/2021

Primeiras Revelações

NA SEGUNDA-FEIRA como combinamos, Coronel Epaminondas me esperava em seu escritório, cheguei alguns minutos antes do horário, cumprimentei-o, respondeu com um sorriso receptivo, indicou-me uma mesa espaçosa, servida por uma cadeira confortável. Havia levado um caderno para anotações, alguns lápis apontados, sentei-me. Percebi que havia se acomodado em uma mesa também espaçosa, servida por uma poltrona confortável, perguntei-lhe: – Por onde o Senhor gostaria começar?

Respondeu-me já iniciando sua narrativa: – Nas-
ci no começo do século, em uma região de garimpo do
estado de Minas Gerais, meu pai chamava-se Hernan-
des Valadão, minha mãe Iracema Aparecida Valadão, eu
era o quarto filho de um total de oito filhos, cinco ho-
mens e três mulheres, esses foram os que vingaram, um
casal não sobreviveu. Até aos quatorze anos, junto com
meus irmãos ajudávamos nosso pai na labuta dos ga-
rimpos, várias vezes nos mudamos de um lugar para
outro, procurando pela sorte. Um dia trabalhávamos
sem a presença de nosso pai, quando me desentendi com
meu irmão mais velho, nosso pai chegou distribuín-
do cacetadas, exatamente quando estávamos atacadados
lutando. Sai correndo, e decidi que não mais voltaria
para casa, somente com a roupa do corpo, andei duran-
te três dias, comendo frutas pelos cerrados, até quando
encontrei um velho garimpeiro, dentro de um córrego,
procurando diamantes, estava com muita fome, come-
cei conversar com o velho, que se chamava Sr. Manoel, e
ajudá-lo peneirar cascalho. De repente me chamou para
ir almoçar, fui com ele e almoçamos.

— Trabalhei com Sr. Manoel uns quatro meses em
troca da comida, morávamos em um barraco coberto
com folha de buriti, ele dormia em sua rede, eu no chão
num canto do barraco, quando disse a ele, que não me
importaria continuar trabalhando com ele, mas gostaria
ganhar alguma coisa pelo meu trabalho, disse-me que já
me dava a comida, e havia me comprado algumas roupas
de trabalho, então disse que ia embora, só não disse que

levava escondido nos bolsos, alguns diamantes que tinha encontrado. Cheguei em um povoado, vendi apenas o diamante menor, com o dinheiro que recebi, comprei uma bateia, botina, chapéu e roupas de trabalho, ainda sobrou dinheiro. E fui fazer a única coisa que havia aprendido, garimpar.

— Comecei trabalhar em garimpos, no sistema de parceria, quando precisava de dinheiro vendia os diamantes menores e defeituosos e guardava os maiores. Fiz amizades com compradores de diamantes, fiquei sabendo nessas conversas, que o bom era comprar diamantes diretamente dos garimpeiros nos garimpos, principalmente nos sertões de Goiás e Mato Grosso. Para isso tinha que ter algum dinheiro disponível, para comprar ao menos: Um ou dois burros, bons de sela, arreio completo, cangalha, panelas para cozinhar, roupas boas, botas de couro, chapéu bom, revolver ou garrucha e munição, carabina e balas, capas de chuva, alforje, facão, e dinheiro para comprar os diamantes. E não ter medo de nada.

— Quando completei vinte anos, possuía uma cacinha, dessas pequenas, onde guardava dezenas de diamantes, que vinha guardando desde que trabalhei com Sr. Manoel. Calculei se vendesse tudo, o dinheiro daria para comprar parte do que precisava, e sobraria algum para comprar diamantes mais baratos. Mas ainda me faltava o principal, coragem.

Olhei para meu velho relógio de bolso, um patacão que sempre levava comigo, eram quase onze horas da noite, estava na hora de encerrarmos por aquela noi-

te. Isso foi tudo que consegui registrar em meu caderno de anotações. Percebi que Coronel Epaminondas, se emocionava em certas recordações, como estivesse revivendo aqueles momentos, que afloravam em sua memória, e narrava com extrema naturalidade. Então perguntou-me:

— Conseguiu anotar algumas coisas?

— Consegui sim, está ótimo. Continuamos amanhã?

— Estarei a sua disposição.

Na noite seguinte, no mesmo horário Coronel Epaminondas dava sequência em sua narrativa, com a voz cadenciada, explicou que começou superar seu medo, quando decidiu se desfazer da metade de seus diamantes, com o que conseguiu adquiriu apenas um animal, levava às escondidas sob a camisa, um revólver trinta e oito carregado. Faria uma espécie de experiência, caso não fosse bem-sucedido, desistiria e voltaria para os garimpos, talvez em outro Estado. Começou dizendo:

— Uma coisa é fazer um passeio montado em um animal, outra coisa é passar um dia todo sobre uma sela, meu primeiro desafio foi chegar às margens de um pequeno rio, que não media trinta metros de largura, e não encontrar a ponte. Convencer meu burro que teríamos que atravessá-lo nadando: Primeiro protegi minha arma e todo dinheiro que levava para adquirir os diamantes para que não molhassem, forcei o animal por um local do rio, onde não era muito profundo, e fomos entrando, de repente o burro não encontrou mais o fundo, então começou nadar comigo sobre a sela, fiquei pensando

quem seria o burro naquela história, quando percebi estávamos todos molhados do outro lado do rio.

— O homem quando pretende conseguir algo, torna-se um ser tão obstinado e perseverante que se submete aos desafios mais absurdos imagináveis, na primeira semana de caminhada havíamos atravessado nadando cinco rios, eu tinha consciência que na volta aqueles rios estariam no mesmo lugar para serem novamente atravessados. O garimpeiro é o ser mais matreiro e astuto que se possa imaginar, conhece um comprador de diamantes inexperiente à distância. E eu me aproximava deles para analisar os diamantes, e nem precisavam me analisar, sabiam que era marinheiro de primeira viagem. Mas eu havia nascido e crescido dentro de um garimpo, quando perceberam que ia embora sem levar os diamantes, chamaram-me de volta para negociar. Como estava cansado querendo encerrar aquela primeira viagem, acabei deixando todo dinheiro que havia levado para comprar os diamantes neste garimpo, e levei comigo um lote de diamantes considerável. A primeira viagem entre ida e volta foram mais de quarenta dias, quando consegui vender os diamantes que havia adquirido, sem muitos critérios, percebi que o sacrifício valia a pena, se não levasse em conta o risco que corria, isto é, se conseguisse voltar com vida, porque os perigos eram muitos, seria sem dúvidas, uma maneira de se ganhar dinheiro.

— Comprei mais um burro e uma cangalha, e mais outras tralhas necessárias, o dinheiro que me restou era superior do que levei na primeira viagem. Quando pas-

samos conhecer os caminhos, descobrimos também os atalhos, na segunda viagem no mesmo espaço de tempo, fui muito mais longe, e com o dinheiro que levei, adquiri muito mais diamantes. A viagem deve ter durado o mesmo tempo. Vendi somente um pouco mais da metade dos diamantes, selecionei os melhores e guardei-os com os que já possuía na cabacinha, e os mantinha escondido em lugar secreto, sem nunca revelar a ninguém que os possuía. Caso me acontecesse o pior e não voltasse, certamente se perderiam, porque ninguém os encontrariam.

— O segredo da prosperidade que conheço e sempre adotei, chama-se economia, de preferência poupar em moeda forte. O diamante é o mineral mais sólido e resistente que a natureza, necessita milhões de anos para conseguir produzi-lo. Como o diamante há cada ano que se passava tornava-se mais escasso, seu preço subia nos garimpos. Em minhas futuras viagens, adotei um esquema, sempre comprar mais diamantes, e guardar mais diamantes em minha cabacinha, que cada vez ficava mais pesada. Então me dava ao luxo de não viajar em certas épocas do ano, comprei uma pequena chácara, com uma casinha, e pasto para meus animais. Quando as épocas de frio e chuva passavam, íamos ao trabalho. Nunca confessei nem ao padre que possuía uma cabacinha com diamantes.

— Conforme os anos foram passando, migrava para outros lugares, mais próximos das regiões produtoras, encurtando minhas viagens. Meu esquema sempre o mesmo, vendia os diamantes inferiores e guardava os

melhores. Com o tempo os garimpeiros vinham até mim, vender seus diamantes. Mas peguei gosto por viajar, dormir ao relento às margens de um rio contemplando a noite enluarada, o cantar dos pássaros nas madrugadas, o miado das onças pelo mato, o uivo de lobos, o piar das cobras, e principalmente o contato com os garimpeiros. Às vezes ainda hoje acordo no meio da noite, vou para o quintal para sentir o frescor da noite e olhar as estrelas.

Olhei o relógio e o tempo tinha se esvaído sem que percebêssemos, disse ao Coronel: – Gostaria que amanhã me falasse sobre a aquisição de seu título de Coronel, segundo ouvi dizer custou-lhe uma fortuna.

— Será um prazer contar-lhe como se deu, inclusive vou trazer o documento comprobatório, para que registre algumas informações que considerar importante.

E assim encerramos a conversa que possibilitou-me registrar essas revelações.

12/12/2021

Coronel, Só no Sertão

N A QUARTA-FEIRA Coronel Epaminondas, me esperava em seu escritório como nos dias anteriores, cumprimentei-o formalmente, retribuiu meus cumprimentos com o mesmo sorriso receptivo dos outros dias, e me disse:

— Ontem pediu-me que falasse sobre a aquisição do título de Coronel. Existem coisas que adquirimos pelo desejo de possuí-las, ou por necessidades. Confesso que essa aquisição aconteceu por particularmente pressentir

de ambos. Desde muito jovem tinha vontade de servir o exército e seguir a carreira militar, sonhava assumir o posto de soldado, depois ir galgando passo a passo e ascendendo todos os postos da hierarquia de comando, ser promovido à categoria de cabo, depois por bons serviços e disciplina o posto de sargento, depois por revelar espírito de liderança ser promovido à major, depois à tenente, alguns anos depois capitão, depois coronel e finalmente ser um general. Alistei-me e nem convocado fui frustrando meu sonho de seguir carreira militar. Nessas minhas viagens pelo sertão, conheci fazendeiros que ostentavam patentes militares, fiquei sabendo que esses títulos eram possíveis ser adquiridos por civis que tinham o dinheiro para comprá-lo. Como tinha apenas trinta anos, considere na época por ser ainda jovem que a patente de Coronel, ficaria bem pra mim, acima de um Coronel somente General, e eu não conhecia nenhum General. Vendi uma porção de diamantes e adquiri o título, que me concedia autoridade e muitas regalias. Então em minhas andanças pelos sertões passei ostentar a insígnia de Coronel, exigia que todos, indistintamente me chamassem de conformidade com o título que adquiri. Como pode ver aqui neste documento “Coronel Epaminondas Valadão”.

O documento era semelhante a uma carteira de identidade, porém não apresentava fotografia, nem as impressões digitais, em sua parte frontal estampava o brasão da República do Brasil, um documento que poderia ser impresso em qualquer gráfica clandestina. Faz-se oportuno transcrever algumas informações contidas no Certificado:

Órgão emissor: Secretaria de Segurança Pública
da Província do Estado de Goiás
Destinatário: Coronel Epaminondas Valadão
Nacionalidade: Brasileiro Data de nascimento:
02/04/1901 Local de nascimento:
Coromandel - MG Cor: Branca Estado civil:
Solteiro Altura: 1,75 metros
Profissão: Garimpeiro e Comerciante de Pedras
Preciosas
Filiação: (Nome do pai): Hernandes Valadão
(Nome da mãe): Iracema Aparecida Valadão
Local e Data de emissão: Cidade de Goiás, 14 de
agosto de 1931
Responsáveis pelo Órgão emissor: Justino Feli-
ciano Almeida Olegário Alvarenga
Delegado Oficial Vice Delegado

— Como estava dizendo, o título de Coronel me con-
feria respeito e autoridade, não poderia ser ofendido, nem
desacatado por um reles garimpeiro, concedia-me direito
de ostentar todas as armas que levava comigo, fazer uso de-
las caso necessitasse, adquirir munição nos estabelecimentos
que comercializava, sem nenhuma restrição. Revistar pessoas
suspeitas. Aprender armas irregulares. Dar voz de prisão em
flagrante delito, e umas tantas outras regalias que nem mais
me lembro por que nunca as exerci. Passei ser um colabora-
dor autônomo da Lei, e todos me respeitavam.

— Depois que o Senhor adquiriu o título de Coronel,
as pessoas passaram a tratá-lo de forma diferente de antes?

— Como já disse o garimpeiro é um bicho matreiro, reunidos em grupo, tornam-se perigosos, se você não for muito esperto, eles o depenam. Talvez eu tenha sido bem-sucedido nessa profissão de comprador de diamantes, devido meu passado de experiências em garimpos, exímio conhecedor de diamantes desde menino, e da malandragem do garimpeiro. Usava a psicologia de quem tinha o poder de aceitar ou não. Perceber que o garimpeiro necessitava vender seu produto. O comprador não é obrigado adquirir daquele vendedor, por ter outras opções de compra, mas a posição do garimpeiro é desfavorável, tem precisão vender e naquele momento não tem outra opção. Mas o comprador de diamantes tem de ter consciência e a obrigação de respeitar o valor do produto do garimpeiro, quando ele percebe que você tem esse respeito, acaba caindo na real e por sua vez facilita.

— Ouvi dizer que o Senhor deixou a profissão de comprador de diamantes, por saber que pesava contra sua pessoa algumas ameaças de morte. Essa informação é falsa ou verdadeira?

— Durante mais de quinze anos exerci essa profissão, negocieei com pessoas honestas e desonestas. Conheci centenas de garimpos e milhares de garimpeiros, principalmente dos estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, tentaram muitas vezes me venderem pedras falsas, cacos de vidros, e eu recusei comprar, adquiri muitos desafetos por não conseguirem impetrarem contra mim seus golpes, sentiram feridos em seu orgulho próprio, muitos

me juraram de morte por se sentirem ridicularizados. Mas não foi por medo que mudei de profissão, talvez tenha me cansado de levar uma vida errante, e ao mesmo tempo tão arriscada. Nunca precisei matar ninguém, nessas transações de negócios de diamantes, mas tive conhecimento de muitos assassinatos em garimpos, entre os próprios garimpeiros, muitas mortes de compradores de diamantes em tocaias, desentendi com muitos garimpeiros, sempre discussões, nunca agredi nem sofri nenhuma agressão, nunca deixei de levar comigo uma boa arma carregada. Tive problemas também com pessoas inescrupulosas, que compravam meus diamantes na cidade. Pessoas que se consideravam comerciantes honestos, mas na menor oportunidade revelavam o desejo de se apropriar indevidamente do esforço alheio. Não vou negar que muitas vezes comprei diamantes por valor abaixo do que realmente podia pagar, mas os negociantes faziam o mesmo comigo nas cidades. Tenho minha consciência tranquila, de nunca ter deixado de pagar o combinado a um só garimpeiro. Mas ao longo desse período sofri vários calotes de comerciantes nas cidades, que adquiriam meus diamantes.

— O título de Coronel, contribuía ao seu favor, nas negociações de diamantes com os compradores urbanos?

— Nas cidades os compradores de meus diamantes, desconheciam que possuía o título de Coronel, era conhecido apenas como Sr. Epaminondas Valadão.

— A que o Senhor atribui o sucesso de sua profissão de comprador de diamantes?

— Eu já lhe respondi essa pergunta, ao fato de ter nascido e criado dentro de um garimpo, quanto ao dinheiro que guardei, à maneira de administrar meus ganhos, que não era nada extraordinários, mas aprendi que a base da prosperidade é não gastar tudo que se ganha, de preferência investir a parte que se guarda em uma moeda forte, que não se deprecia com o tempo. Meu negócio sempre foi diamantes, que é uma mercadoria que se valoriza constantemente, logo eu ganhava dinheiro com a valorização de meus diamantes guardados. Aprendi que o segredo da prosperidade não está naquilo que ganhamos, mas no quanto economizamos daquilo que ganhamos. O perdulário nunca prosperará, não aprendeu guardar.

— O Senhor se considera um homem rico?

— Diria que a riqueza é muito relativa, acredito que toda pessoa que possui tudo que gostaria possuir pode considerar-se rico. A pessoa que pouco tem, e está satisfeito com o que tem, é rica. O que muito tem, mas nunca está satisfeito, será sempre pobre, escravo de sua ambição. Particularmente estou satisfeito com o que consegui até hoje.

— O Senhor como fundador desta cidade, se absteve de entrar para política, candidatar-se a um cargo público quando Paraíso conquistou sua emancipação, mesmo sabendo que seu nome era o preferido da maioria, poderia justificar as razões que o fizeram declinar da decisão?

— Prefiro governar minhas próprias coisas, sem prestar conta a ninguém de meus atos. Se fizer uma coisa errada, o prejuízo será somente meu. Não gosto de mandar, nem ser mandado, prefiro eu mesmo fazer, e do meu jeito.

— Dizem que o Senhor coleciona grandes diamantes e outras pedras preciosas, essa informação é verdadeira?

— As pessoas dizem o que querem dizer. Hoje tenho apenas minha casa, uma propriedade rural que decidi não explorar, e conservá-la da maneira como a encontrei, um pequeno capital de giro, que costumo emprestar a juros fixos, com o qual custeio minhas despesas. Como isso me basta, me considero um homem rico.

— O Senhor pretende lançar no futuro algum loteamento urbano, para atender às necessidades de moradia da cidade?

— Talvez quando for necessário para a população, e conveniente para mim.

— O Senhor se considera uma pessoa excêntrica?

— Sou o que sou. Diria que sou uma pessoa autêntica, quando concluir esse trabalho poderá tirar suas próprias conclusões. Continuarei sendo a pessoa que sempre fui.

— Ser a pessoa que sempre foi, o Senhor considera a maneira mais correta de viver?

— Pensando melhor, já mudei muito minha maneira de ser, ou não estaria aqui falando sobre meu passado, talvez tenha mudado até demais.

Como o horário aproximava-se das onze horas da noite, decidi que estava na hora de encerrar nossa conversa, não disse nada sobre o que gostaria de conversar no próximo encontro, gostaria de repassar tudo que havia escrito, mas em minha modesta concepção, Coronel Epaminondas, tinha mais de excêntrico do que autêntico como ele se julgava ser.

13/12/2021

Revelações Surpreendentes

NA QUINTA-FEIRA, cheguei ao escritório no mesmo horário, e como sempre Coronel Epaminondas estava me aguardando. Nos cumprimentamos cordialmente, convidou-me para que entrasse e ocupasse meu lugar costumeiro. Então argumentei:

— Conversando com moradores locais, senti que a maioria das pessoas, gostariam de conhecer como se deu a vida romântica do Senhor. Talvez pelo fato de admirarem o modo discreto

da maneira como o Senhor e sua esposa Dona Eulália, conduzem vossa vida conjugal. Muito raramente são vistos juntos passeando pelas ruas da cidade, ou mesmo frequentando a igreja. Caso o Senhor não veja nenhum inconveniente falar sobre esse assunto. Poderíamos começar falando de seu tempo de solteiro, antes de se casar.

— Minha vida até os vinte anos de idade, foi praticamente dentro de um garimpo. Existiam algumas festas e bailes, nos povoados que nem sempre eram próximos aos garimpos, isso lá no estado de Minas Gerais, muito raramente eu me dava ao trabalho de deixar meu barraco, e andar duas ou três léguas para participar de um baile. Depois voltar na escuridão da madrugada por trilhas e caminhos pedregosos, caindo em buracos e tropeçando em pedras. Geralmente nesses bailes usava-se roupas adequadas. Eu só tinha roupas de trabalho, calçar sapatos ou botinas, e andar essa distância para mim era um verdadeiro tormento. Depois chegava na festa todo suado e cansado, para ficar olhando as pessoas dançarem, por que dançar foi uma das coisas que nunca fui capaz de aprender, para dizer a verdade nunca nem tentei aprender. Faltava-me coragem para conversar com uma moça, que estava sempre acompanhada dos irmãos e do pai. Depois que passei viajar em burros para comprar diamantes, participar de festas em lugares estranhos era o mesmo que pedir para morrer. Tive uma vida solitária sem diversões, somente trabalho. Nesse tempo as coisas eram muito difíceis, aconteciam muitas brigas que acabavam em crimes, principalmente em Goiás e Mato Grosso. Diziam

que quando encontravam oito forasteiros em uma festa, matavam quatro no dia, e deixavam os outros quatro amarrados, para matarem no dia seguinte, acreditavam se matassem todos na mesma noite, não sobraria diversão para o dia seguinte. Contavam como fato acontecido em terras goianas, uma festa numa corruptela, flagraram dez sujeitos desconhecidos, mataram cinco durante a festa, os outros cinco passaram a noite amarrados para morrerem quando amanhecesse o dia. Contavam essa história como fato acontecido, essa prática tornou-se uma espécie de tradição, um orgulho para os goianos.

Coronel Epaminondas, fez uma pausa e continuou: – Isso é para você ver como o julgamento que as pessoas fazem sobre a gente, as vezes está tão distante da verdade. Vou lhe contar uma parte de minha vida que talvez nem fosse conveniente registrar, deixarem as pessoas continuarem pensando o que bem quiserem. Logo que adquiri o título de Coronel, estive em um pequeno garimpo onde existia meia dúzia de garimpeiros, em uma região isolada do estado de Goiás. Falei com o chefe deles para que se reunissem que pretendia comprar os diamantes de todos os garimpeiros. Se reuniram e cada um vinha até mim e apresentava os seus diamantes, ao todo devo ter comprado umas três dúzias de pequenos diamantes, e efetuado os respectivos pagamentos. Existia entre eles um garimpeiro negro, que se vangloriava de possuir um diamante, mas esse não existia dinheiro que o pagasse, e todos riram de sua revelação. Achei estranha aquela conversa, depois que todos saíram perguntei ao chefe deles o que significava aquela conversa do negro. Para

ser sincero não tenho sorte com essa gente. Chamando-me do lado confidenciou-me: O nome dele é Zé Queimado, trabalha nesse garimpo há uns três meses. Há uma semana apareceu aqui, trazendo amarrada pelos pulsos uma mulher quase branca. Disse ter pagado por ela ao marido, cinco diamantes, desde que chegou está mantendo amarrada em seu barraco, a coitada se encontra toda machucada, ela não o aceita e disse que ele matou seu marido ou companheiro, e que prefere também morrer a submeter a ele, desde então não mais garimpou, ele fica o tempo todo vigiando para que não fuja.

Eu disse ao homem: – Vamos até o barraco desse negro, quero ver essa mulher.

Respondeu-me: – O Zé Queimado disse que quem for lá, ele vai picar à facão.

Perguntei: – Esse tal Zé Queimado, possui arma de fogo?

O garimpeiro me disse: – Acho que não, só faca de ponta e facão.

— Onde fica o barraco dele? O garimpeiro mostrou-me a trilha e a direção, e saiu rápido para seu trabalho, para não me acompanhar.

Fui até meu burro, peguei minha carabina, que estava carregada, meu revólver também carregado. Comecei caminhar pela trilha no meio do cerrado, lá embaixo vi o barraco do negro, encontrei-o do lado de fora, quando me viu levantou-se e ficou de pé parado, segurando o facão, perguntei: – Vim ver se seu diamante é tão valioso como disse?

— Zé Queimado, ergueu o facão, e correu em minha direção, determinado trucidar-me à golpes de facão, dois metros antes que chegasse até mim, descarreguei todas as balas de meu revólver nele, suas pernas fraquejaram, seus pés tropeçaram desgovernados e veio cair próximo de onde eu estava, quase aos meus pés. Do jeito que caiu, permaneceu imóvel debruço com a cara enterada na areia.

— Entrei no barraco encontrei a mulher amarrada pelas mãos e pelos pés, com uma corda fina de sisal, no esteio do barraco, fui cortando as cordas com uma faca, ela perguntou-me: – Quem é o Senhor?

Respondi: – Meu nome é Coronel Epaminondas Valadão, e o nome da Senhora?

Ela começou chorar e disse: – Me chamo Eulália Maria Azevedo. Ele matou meu companheiro à facão, e me trouxe amarrada pelos braços, meu marido se chamava Herculano Gouveia Ramos, não éramos casados ainda. Estou grávida de quatro meses, o pai de meu filho é o meu marido.

— Quando ouviram os tiros todos vieram correndo, homens, mulheres e crianças, chegaram próximos ao corpo de Zé Queimado, que estava caído de braços, e pararam. Quando saí com a mulher de dentro do barraco, o garimpeiro perguntou-me: – Você matou o homem? Respondi: – E bem matado, vira ele. Quando viraram o corpo, viram que todas as balas haviam pegado em seu peito. Então disse ao chefe do garimpo: – Vou levar essa mulher até o povoado, está grávida e muito

machucada, se até o meio-dia de amanhã não aparecer aqui nenhum soldado da polícia, podem fazer um buraco e enterrá-lo. Eu Coronel Epaminondas Valadão, estou ordenando, também sou autoridade. A mulher tentou montar no meu burro e não conseguiu, ordenei que ela ficasse aos cuidados da esposa do garimpeiro, montei meu burro e fui até o povoado que ficava há mais de vinte léguas. Quando consegui chegar ao povoado já deveriam ter enterrado o corpo de Zé Queimado, lá no garimpo. A única autoridade que existia lá nesse povoado era eu mesmo.

— Por lá mesmo, comprei um cavalo manso com uma sela confortável, voltei ao garimpo para buscar Dona Eulália. Fiquei nesse garimpo por uns dias até ela recuperar, e os animais descansarem. Quando Dona Eulália se sentiu melhor, conseguiu montar o cavalo, montei meu outro burro, e fizemos uma longa e demorada viagem. Como ela não tinha mais ninguém nesse mundo, perguntei se não se importaria morar em uma casinha que eu possuía, em uma cidadezinha que ficava bastante longe daquele lugar. Dona Eulália é a Senhora que há mais de vinte anos mora comigo, e todos pensam que é minha esposa. Só que nunca me casei. Quando a criança nasceu, como não tinha pai, e eu não tinha nenhum filho, me ofereci para registrar o menino, dando a ele meu nome, Valadão, mas o considero como se fosse meu próprio filho. Seu nome é Antonio Azevedo Valadão, sempre foi muito obediente e inteligente nos estudos, já tem mais de vinte e dois anos, está termi-

nando o curso de medicina na América. Sempre soube que não sou seu pai biológico, que seu pai se chamava Herculano Gouveia Ramos, e antes que ele nascesse, foi assassinado por um negro cruel que se chamava Zé Queimado, mas que esta história ninguém precisava saber. Poderia falar para todo mundo que era filho de Coronel Epaminondas Valadão.

Sinceramente nunca imaginava que a vida de Coronel Epaminondas, possuíisse esses vieses surpreendentes. Mas agora resta-nos saber, como é o relacionamento íntimo dele com Dona Eulália, ela é uma mulher bonita, bem cuidada, deve ser no mínimo dez anos mais jovem que ele. Isso não terei coragem para perguntar, mas acredito que com um jeitinho ele acabará contando tudo. Vamos aguardar as novas revelações.

14/12/2021

Amigos e Confidentes

E U ERA UM PROFESSOR cinquentenário, formado em literatura, que havia abandonado a profissão, estava temporariamente desempregado, vivia de alguns bicos, e da comiseração das pessoas, em um quarto minúsculo, nos fundos de um salão abandonado, prestava algum tipo de serviços em troca de algumas gratificações, com minha saúde um tanto comprometida pelos excessos praticados durante toda uma vida de extravagâncias, vivia agora um dia de cada vez, tentando realizar uma obra impossível, restaurar minha imagem comprometida de boêmio fra-

cassado. Nunca imaginava que um dia viesse fazer amizade com uma pessoa ilustre, como Coronel Epaminondas, homem detentor de um nome controverso mais respeitável, que à medida que íamos escarafunchando os veios de seu passado, deixava aflorar uma história de dignidade e realizações, trabalho árduo de uma vida sem desperdícios. Tínhamos praticamente a mesma idade, mas sua história de vida era incomparavelmente mais rica que a minha. Que passei muitos anos esfregando meu traseiro em bancos escolares, e não tinha construído nada de concreto. Talvez Deus estivesse me dando oportunidade de fazer meu último trabalho, e deixar meu nome gravado ao lado do nome de Coronel Epaminondas.

Na sexta-feira, cheguei um pouco mais cedo ao escritório, as luzes estavam acesas, isso indicava que Coronel Epaminondas estava lá me esperando, cumprimentei-o, e lhe disse que havia ficado impressionado com suas últimas revelações.

Então sem que esperasse, disse-me: – Acredito que esteja um tanto decepcionado com minha vida sentimental. Esperava que lhe revelasse aventuras amorosas, mas minha vida não conheceu esse lado da experiência humana.

Lhe respondi: – Pelo contrário, talvez um romance discreto como deve ter sido o do Senhor, com Dona Eulália, esconde mais emoções que uma vida tumultuada de relacionamentos vazios sem sentimentos, recheado de conflitos.

— Não sei se vale a pena revelar o que aconteceu depois, talvez se decepcione ainda mais. Como sabe sempre tive uma vida errante devido à natureza de meu trabalho, viajar em lombo de burros pelos sertões comprando dia-

mantes. Mas para que a história não fique mal contada, a revelarei na íntegra. Deixei Eulália nessa pequena casa que se localizava em um pequeno povoado, em território mineiro. A despensa bem suprida, afinal ela estava na metade de sua gestação, deixei também algum dinheiro no caso dela precisar. Aquela última minha viagem tinha sido praticamente perdida, voltei procurando outras regiões. Devo ter ficado ausente por três meses, como havia levado bastante dinheiro, adquiri uma grande quantidade de diamantes de qualidade, separei metade deles para minha poupança, com o produto da venda do restante voltei pra casa. Encontrei Eulália no último mês de gestação. Disse a ela que agora só viajaria depois do nascimento da criança. Passamos viver juntos como dois irmãos, dormia num canto da sala, até quando um dia Eulália necessitou dos trabalhos de uma parteira, busquei uma senhora da localidade, e a criança nasceu no quarto que ela ocupava em nossa casinha. Para as pessoas eu era o pai da criança e ela minha esposa. Ela escolheu o nome Antonio, em homenagem a seu finado pai, eu lhe dei meu sobrenome e registramos a criança como já disse, passado uns dois meses fui trabalhar. E continuei tocando minha vida naturalmente, toda vez que voltada, costumava passar uma semana em casa, e o Tônico crescia, ela sozinha ia criando e educando a criança, eu apenas supria a casa para que nada lhe faltasse. E assim se passaram três anos. Regularmente de dois em dois meses passava uma semana em casa, nunca ouvi nenhum comentário que comprometesse ou desabonasse a conduta de Eulália, nunca nos aproximamos um do outro e íamos vivendo, várias vezes lhe

disse que se desejasse ir embora tinha toda liberdade, mas se quisesse ficar eu não me incomodava. Quando Tonico começou falar, a primeira palavra que pronunciou foi papai, que ela o havia ensinado. Somente quando Tonico completou três anos, convidou-me para que dormisse em seu quarto, mas nunca falamos em casamento.

— Quando Tonico completou sete anos, comprei uma casa em uma cidade maior, e ele passou frequentar a escola, três anos depois nos mudamos para Paraíso, mas decidi que Tonico continuaria estudando fora. Segundo seus professores, poderia investir no estudo do menino que ele tinha futuro, era muito inteligente e responsável. Decidi que daria a ele todo meu apoio. Anos depois passou em primeiro lugar no vestibular de Medicina para uma das melhores Universidades Públicas do país. Depois de dois anos na Universidade, conseguiu por mérito próprio uma bolsa de estudo para concluir seu curso na América, teria que ajudá-lo apenas com as viagens e a estadia.

Então dei meu parecer de bom ouvinte: – Não estou dizendo, muitos pais biológicos negligenciam suas responsabilidades de genitores, e não assistem aos filhos em suas necessidades elementares. Não obstante eu nunca ter sido um modelo de pai, tenho certeza de que sou pai biológico de uma moça que já deve ser até mãe de família, e me desconhece e tenho certeza de que até me odeia, com toda razão, porque deixei faltar a ela e a sua mãe, o necessário, e por acréscimo de maldade ainda as fiz sofrerem amargamente com meu desprezo. Hoje não sou digno de aproximar de nenhum deles, nem tenho permissão para isso.

Coronel Epaminondas olhou-me com benevolência e disse: – Se possui os recursos literários para expressar o quanto e onde errou, escreve a elas reconhecendo seus erros do passado, quem sabe elas não o perdoem, e permitam que se aproxime delas, e você faça alguma coisa de bom para se redimir.

— Melhor não, na situação em que me encontro, seria capaz de piorar ainda mais as coisas, o ofendido e prejudicado não consegue perdoar, principalmente quando não temos nada de bom para compensar o mal que fizemos.

Coronel Epaminondas, abaixou a cabeça como refletindo, sobre o que ouviu, e desabafou: – Mas quem nessa vida não cometeu erros que não podem ser mais consertados? Desde que deixei meus pais e meus irmãos, nunca mais os procurei, inclusive procurei me afastar ainda mais deles. E mesmo sem procurar saber, notícias deles chegaram até a mim, e eram notícias muito ruins, mas não me sensibilizei porque se os fosse procurar teria que ajudá-los, e isso eu não queria fazer. Acredito que esses são os piores pecados que dificilmente seremos perdoados por tê-los cometidos, os erros que propositadamente recusamos reparar.

— Infelizmente hoje, sexta-feira, parece que nossos assuntos convergem para nossos erros e sentimento de culpa. Isso é devido nossa imperfeição moral, somos seres muitos falhos. Cometemos os piores erros tentando satisfazer nossos pendores pessoais, principalmente na juventude, não levando em conta o sentimento das pessoas. Ou perseguindo uma posição que imaginamos privilegiada, como se ela nos protegesse do sentimento de

culpa, pelas mazelas que impetramos para obtê-las. Quando acordamos, já não conseguimos consertar mais nada, então passamos conviver com o remorso da culpa.

Coronel Epaminondas deve ter concordado com o que eu disse, argumentou: – Acho que por essa semana está bom. Como ainda é cedo, o convido para irmos até o bar da esquina para tomarmos um copo de cerveja, você aceita?

— Será um grande prazer acompanhá-lo, mas felizmente não posso acompanhá-lo no copo de cerveja, por ter feito uma promessa a Deus, que nunca mais poria uma gota de álcool em minha boca, podemos apenas conversar outros assuntos menos deprimentes, do que falar do que já aconteceu.

Quando entrei no bar, na companhia de Coronel Epaminondas, e nos dirigimos até onde havia algumas mesas, as poucas pessoas presentes olhavam admiradas, aquele seria um acontecimento para ser registrado em fotografia. Seria o retrato explícito do verdadeiro contraste social daquela cidade, o homem mais ilustre, em companhia do ser mais decadente. A presença de Coronel Epaminondas em um bar, em si já seria um acontecimento, porque esse fato nunca havia se visto nem se dado antes, tomando cerveja na companhia de Cesar Ferreira, mas quem era Cesar Ferreira. Se alguém chegasse até mim naquele momento, e perguntasse: Explique qual o motivo de você estar na companhia do Coronel Epaminondas. Eu responderia: – Sim, normal, somos amigos, sou seu confidente. Como de fato o era.

15/12/2021

Revelação de um Drama Pessoal

A VIDA É MESMO engraçada, existia uma conversa na cidade que Coronel Epaminondas, não se simpatizava, nem com pessoas de cor, nem pessoas pobres, e que tentou impedir que essa categoria de gente viesse habitar a cidade de Paraíso. Mas pelo jeito não havia conseguido, porque tínhamos conhecimento da existência de uma infinidade de pessoas que possuíam essas características. Será que essa informação tinha fundamento? Ou seria mais uma acusa-

ção infundada, concebida por alguém que tem a mania de tecer conclusões e atribuir à outrem?.

Se Coronel Epaminondas fosse muito bem conduzido, através de uma conversação inteligente, ele seguramente, não se omitiria revelar seu posicionamento, esse detalhe permitia concluirmos que poderíamos estar equivocados, e ele certo quando disse ser mais autêntico do que excêntrico como prematuramente julgamos. A demonstração de amizade quando me convidou para tomar um copo de cerveja no bar, corroborava que certamente as pessoas estavam equivocadas sobre essa questão.

Naquele final de semana fiquei pensando, qual seria a melhor maneira através de Coronel Epaminondas, penetrar nas intimidades daquele sobrado, e descobrir o que de fato lá dentro acontecia, principalmente quando as luzes se apagavam.

Na segunda-feira antes das oito horas, bati levemente na porta de seu escritório, abriu parcialmente, cumprimentei-o e entrei. Sentei-me, abri meu caderno de anotações, decide conduzir a conversa no sentido que desejava, então argumentei:

— O casamento em si é mera formalidade, é possível mesmo não sendo casado manter um relacionamento feliz. Acredito que depois que o Senhor passou ocupar o mesmo quarto de Dona Eulália, as coisas mudaram, e passaram viver uma linda história de amor?

— A natureza feminina é um mistério que sempre encontrei dificuldade compreender, Eulália várias vezes

demonstrou agradecida pelo que eu havia proporcionado a ela, a amparei em um momento quando não tinha pra onde ir, nunca a deixei faltar nada e ao filho. Que com o passar do tempo fui me apegando ao menino, que também se apegava comigo. Quando me convidou para frequentar seu quarto, disse-me estar agindo daquela maneira atendendo um pedido de seu coração, com o tempo passou tratar-me com certa indiferença, deixava sozinho no quarto e ia dormir com o filho no outro, nunca lhe disse nada, mas achava estranha aquela atitude. Em nenhum momento um de nós se empenhou, para transformar nosso relacionamento em uma verdadeira relação conjugal, tanto que ela nunca pediu para que me casasse com ela. A linda história de amor que você acreditou existir entre nós, nunca aconteceu. Dediquei minha vida ao trabalho, guardar diamantes para no futuro, convertê-los em dinheiro, para assegurar meu bem-estar na velhice, sem precisar depender de ninguém. Nunca me preocupei para quem deixaria minhas coisas quando morresse. Em um momento de minha existência, percebi que deveria mudar meu modo de viver, continuar trabalhando e ganhando dinheiro, mas proporcionar-me mais segurança. Andar pelos matos levando dinheiro ou diamantes, minha vida tinha o valor de uma bala de carabina. Foi quando em minhas andanças encontrei esta região, enxerguei que aqui seria um lugar com potencial para se fundar uma cidade. Mandeí construir essa casa, mudei com as pessoas que posso considerar a família que Deus me confiou, estamos aqui há quase quinze anos.

— O Senhor é feliz da maneira como vive?

— Um escritor sem expressão, certa feita escreveria: “Há quem diz que a felicidade não é deste mundo. Outros concluem que é uma utopia. Alguns defendem que a felicidade é um estado de espírito repentino e transitório. Diria que a maioria das pessoas a perseguem exaustivamente a vida toda, e alguns por si mesmos acabam a encontrando, mas quando isso acontece, não divulgam, e nem é conveniente que se propague, por que é uma conquista íntima, pessoal e particular, composta de um elenco de ingredientes materiais e transcendentais sutis e fugidios gratificantes, que seria temeroso e desnecessário revelá-la”. Particularmente não saberia dizer se sou feliz, talvez eu esteja como a maioria das pessoas a perseguindo exaustivamente.

— Procede a informação que o Senhor não gosta de pessoas de cor, nem de pessoas pobres?

— Talvez em algum momento tenha feito um comentário muito infeliz, que deve ter suscitado essa interpretação. Quando disse que não dou sorte com pessoas de cor, isso não significa que eu não goste delas, quando um acontecimento se repete algumas vezes, ficamos com impressão de que ele se repetirá sempre, todas as vezes que negocie com pessoas de cor, talvez motivado por sentimento de superioridade, acabei não levando muita sorte, então decide evitar comprar diamantes de garimpeiros negros, uma superstição de minha parte. Depois infelizmente aconteceu-me o episódio em que por força das circunstâncias fui obrigado a tirar a vida

de Zé Queimado, era uma questão de vida ou morte, matar ou morrer, optei por defender-me. Quanto à não gostar de pessoas pobres, confesso que desconheço completamente as razões que me imputaram essa mácula, não me lembro ter dito alguma coisa nesse sentido. Sou também de origem pobre, entendo que a pobreza ou a riqueza são estados transitórios, tanto o pobre pode tornar-se rico, como o rico pode tornar-se pobre, a essência da pessoa humana é que devemos sempre considerar. Ocorreram alguns casos quando estava comercializando meus terrenos, alguns compradores quando ficavam sabendo o preço, diziam que pretendia vender os terrenos somente para pessoas de posse, que particularmente não desejava, que na cidade residissem pessoas pobres, como se isso fosse possível. Por essa razão deixaram de comprá-los, e perderam excelente oportunidade de investir seus dinheiros, nenhum outro tipo de investimento valorizou tanto, como os terrenos desta cidade.

— Acredito que quando a população tiver conhecimento desses detalhes, mudarão de opinião a respeito desses pareceres tendenciosos, que têm como finalidade denegrir a imagem das pessoas.

Coronel Epaminondas, abaixou a cabeça e concluiu: – Sinceramente, a opinião dessas pessoas não me incomodam, tenho consciência não ser perfeito, nem desejo que as pessoas pensem que eu seja aquilo que não sou. Aprendi desde muito cedo, que nesse mundo em que vivemos, ainda precisamos ser egoístas, ambiciosos, orgulhosos e até injustos. Se não tivesse sido dessa ma-

neira, não teria conseguido ser o que sou. Ao mesmo tempo me pergunto, se valeu a pena viver uma vida de sacrifícios e privações, para obter essas coisas que somente agora percebo que não nos pertencem. Quando daqui partir, nada levarei. Infelizmente vivemos em um mundo de ilusões e vaidades, essa vaidade a que me refiro, talvez seja mais no sentido de conseguir obtê-las, que propriamente prazer em possuí-las.

Então perguntei-lhe: – Se fosse possível voltar atrás, e começar tudo do ponto de partida, que direção gostaria dar a sua vida?

— Penso se voltasse atrás e fosse o que era, faria exatamente tudo do mesmo jeito. Mas se voltasse atrás sendo a pessoa que sou hoje, certamente seguiria por outros caminhos. Procuraria enriquecer-me de valores imperecíveis, que quando chegasse o momento de partir os levariam todos comigo. Esses valores certamente não teriam feito de mim um homem rico, mas um homem sábio e talvez mais realizado.

— Isso seria possível?

— Naquele primeiro dia que me procurou, quando propôs escrever sobre minha vida. Revelou-me uma coisa que as pessoas falam sobre mim, que reflete a mais pura verdade. Não obstante as dificuldades e os riscos exigidos pelo meu trabalho, tenho consciência que me aproveitava da condição desfavorável dos garimpeiros, e tornei-me um explorador contumaz do esforço alheio. Na verdade, me enriqueci com o produto do trabalho de pessoas simples e humildes. Depois quando decidi mudar minha

profissão, ocupando uma posição privilegiada, da mesma forma continuei explorando as pessoas que se interessaram requererem uma gleba rural, cobrando delas um valor abusivo pelo serviço que prestávamos, afinal as terras eram de propriedade do Estado. De forma oportunista explorei também as pessoas quando tive a ideia de lotear uma parte de minhas terras e fazer um conglomerado urbano, limitando o número dos terrenos, e cobrando um valor muita acima da realidade, para uma cidade que estava começando. E finalmente quando de forma ilegal passei emprestar meu dinheiro às pessoas necessitadas, à juros relativamente altos devido as facilidades na concessão. O que podemos concluir disso tudo, que estou muito longe de ser considerado um benfeitor dessa gente. Há mais de trinta anos aprendi explorar as pessoas deliberadamente. Por isso aqueles que possuem um mínimo de percepção, têm motivos para classificar-me como um explorador de necessitados. Por isso tenho impressão de que quando daqui partir, sairei tão pobre como quando aqui cheguei. Toda essa percepção comecei ter, quando por iniciativa própria passei instruir-me. Então concluí que poderia ter me dedicado a essas duas vertentes desde o princípio. Ter procurado angariar meus meios de sobreviver, sem abrir mão da necessidade de me instruir, talvez nesse momento teria condições de possuir entendimento mais racional sobre mim mesmo, e o que nos representa a oportunidade de uma existência.

— Mas se o Senhor quisesse, poderia fazer alguma coisa importante, para beneficiar essa gente sofrida.

— É exatamente aí que reside meu primeiro drama pessoal, abrir mão daquilo que consegui, em favor dos necessitados que sempre explorei, mesmo sabendo que não foi de maneira muito honesta. Mesmo sabendo que um dia vou morrer, e deixar tudo para pessoas como Eulália e Tonico, que apareceram casualmente em minha vida, a quem há mais de vinte anos venho sistematicamente ajudando. Eulália apesar de ser uma mulher dez anos mais jovem que eu, é muito saudável, há muitos anos vem me tratando com a mesma indiferença de sempre, e há muitos anos passou dormir sozinha em seu quarto. Devido ser a casa muito grande e trabalhosa, exigiu que eu mantivesse três empregadas para realização de todos os trabalhos, e conservá-la limpa e asseada, enquanto ela não assumia nem a condição de esposa, nem de dona de casa. Durante esse período de minha existência, centrei meus esforços na tarefa de ganhar muito dinheiro, não tive preocupação trabalhar meus sentimentos, e adquirir sensibilidade, por isso acabei me tornando um homem, rico por fora, e pobre por dentro, o sofrimento e as necessidades das pessoas, pouco me diz respeito, passei por isso, e com meu esforço próprio superei, penso que todas as pessoas se esforçassem um pouco, também venceriam, as pessoas desperdiçam o tempo e as oportunidades, não têm preocupação de agregar valores materiais, nem apropriar-se dos valores imperecíveis do conhecimento, depois vivem se lamentando.

19/12/2021

Revelação de um Outro Drama Pessoal

E NGANA-SE quem pensa que a pessoa que mora em uma linda mansão, possui uma família misteriosa, com serviçais a seu dispor pra tudo, e é sem dúvida reconhecidamente rico, ao ponto de não precisar trabalhar, e viver confortavelmente da renda que essa riqueza acumulada lhe proporciona, seja completamente feliz. A felicidade é algo tão sutil, que apesar de todos a perseguirem exaustivamente, é matreira e fugidia,

ao ponto de muitos considerarem que não pertence a esse mundo. Há uma semana atrás, imaginávamos que Coronel Epaminondas, com toda sua inteligência, superioridade, empáfia e perspicácia à havia arrebatado para si, e a desfrutava plenamente. Mas mal começou abrir a caixa preta de suas reminiscências particulares, deixava transparecer que era pessoa comum, vítima dos mesmos pendores que assolam a humanidade terrena, descuidada e imprevidente. A fortuna apenas a muleta que permitia que ele continuasse provisoriamente de pé. E se não fosse a fortuna quem seria Epaminondas Valadão? Seria um pária como esse *pseudo* escritor incógnito, que vos relata essas revelações. Que um dia se viu investido da nobre condição de professor de literatura, com uma casa, uma esposa grávida. Subjugou esses valores, e achou que a vida não fosse capaz de lhe surpreender com decepções e desilusões. E se entregou de corpo e alma aos eflúvios que o álcool é capaz de proporcionar, e quando pensava que podia dele se libertar, percebeu-se impotente e incapaz, e começou assistir esvaírem os resquícios de dignidade que imaginava ainda possuir, e ao mesmo tempo seu corpo fragilizado pelos excessos, denunciava que não mais possuía resistência e saúde que sempre desfrutou. Debilitado física e moralmente, assistiu também às pessoas que lhe amavam afastarem-se entristecidas, fustigadas pelo aguilhão do desprezo e da indiferença. E quando se viu atirado literalmente na sarjeta da via pública, viu de muito perto a morte lhe acenando, convidando que estava na hora de partir.

Então percebeu suas mãos estavam vazias, e tão pobre como quando neste mundo aportou. E como um naufrago, levantou-se trôpego, recusou atender convite tão inoportuno e indesejável. E à semelhança da ave mitológica fênix, decidiu que renasceria das próprias cinzas e se reergueria para realizar seu último voo. Talvez Coronel Epaminondas, não estivesse completamente equivocado, eu fracassei por ter renunciado esforçar-me o suficiente, e lutar contra as intempéries que a vida caprichosa me apresentou. Isso consegui quando cheguei ao fundo do poço, mas não é possível recuperar o tempo e as oportunidades perdidas.

Na terça-feira, no horário de sempre compareci ao escritório de Coronel Epaminondas, e senti que havia adquirido intimidade para revolver os entulhos que certamente havia se acumulado no depósito das coisas ir-reveláveis, aquela convivência doméstica estranha, exalava um odor suspeito, onde decidi que iria chafurdar-me.

— Em nosso último encontro o Senhor confidenciou-me sem que lhe perguntasse, detalhes de sua vida privada, que talvez não seria interessante fazer parte de nosso trabalho, mas delego ao Senhor autonomia para censurar tudo que achar inconveniente tornar-se público. Da maneira como se referiu a Dona Eulália, percebi que se ressentia de retribuição da parte dela para com o Senhor, e mesmo assim permite que continue ocupando posição que não se empenha em fazer por merecer. Talvez não tenha percebido, mas não percebi, por que permite que essa situação permaneça dessa forma. Penso que quem

é merecedor de conhecer parte importante da história, torna-se igualmente responsável e merecedor conhecer a história completa, para que possa entender as razões.

— Não diria que Eulália não fosse merecedora, como você sabe, há mais de vinte e dois anos ela mora comigo. Há mais de doze anos, moramos aqui em Paraíso. A partir do momento que nos mudamos, sempre tivemos empregadas em número de três, para realizar os serviços, e Eulália não se envolve mais com nenhuma responsabilidade doméstica. Depois mudou-se definitivamente de meu quarto, e passou ter seu quarto exclusivo. Na época percebeu que não gostei de sua decisão, e pensei até indenizá-la e pedir que ela se mudasse. Para convencer-me de que não queria mais representar posição de falsa esposa, conversei com as empregadas, e liberei a todas o acesso a meu quarto. Quando recebi a primeira visita, repreendi a moça, então revelou-me que estava fazendo aquilo por vontade própria, com conivência de Dona Eulália. A partir de então, as quatro se revezam e comparecem em meu quarto regularmente. Desde então tornei-me refém dessas mulheres. Sempre que uma delas, por alguma razão, decide demitir-se e ir embora, sou obrigado por força de um acordo que fizemos, pagar o valor corresponde a um ano de salários, à título de indenização, para comprar seu silêncio. Depois contratar uma outra para substituí-la, e em poucos dias as demais se encarregariam em convencê-la, e também passaria frequentar meu quarto. Acontece que agora tenho cinquenta e dois anos. Aca-

bou se tornando meu segundo drama pessoal. Sinto-me impedido abrir mão desse esquema maquiavélico arquitetado por Eulália, sob pena de ter que indenizá-las, sem garantia que no futuro esse fato venha ao conhecimento público, porque aos olhos da sociedade parece não ser muito honesto isso que fazemos.

— Pelo que entendi, essas informações não poderão ser reveladas através de nosso trabalho?

— Por enquanto peço que as registre, mas mantenha sob segredo. Ainda não estou seguro se pretendo divulgar essas informações ainda em vida, mas esteja certo de que sua discrição será regamente recompensada, no devido momento.

— Falando em receber pelo trabalho, penso que o momento seja oportuno para estipularmos à título de adiantamento, um valor para cobrir minhas despesas básicas.

— Estou de acordo, no final desta semana lhe pagarei um salário-mínimo, pelas duas semanas, depois todo final de semana lhe pagarei metade de um salário. E quando o trabalho estiver concluído, faremos uma avaliação criteriosa, e acertaremos o remanescente. A cada dia que passa, fico mais convencido que devemos executar esse trabalho, mas que seja de qualidade. Talvez consiga me revelar, o tipo de pessoa que sou.

— Está bem, assim ficarei menos pressionado pelos meus credores.

E dessa forma encerramos mais cedo nossa conversa, nessa noite. Fui pra casa pensativo. Defi-

nitivamente eu era muito ingênuo e incompetente para tecer um julgamento conclusivo sobre os delitos de meu patrão. Quando começava formar ideia que se tratava de um infrator comum, igual a mim e à tantos outros desqualificados. Com suas novas revelações, ele se agigantava aos meus olhos. E suas infrações ganhavam proporções compatível ao nome e a fama que ostentava. Um grande infrator não comete delitos medíocres. Um grande infrator, sempre tem seus colaboradores, que acabam tornando-se seus comparsas, cometem somente grandes delitos, e seus métodos são previamente planejados, e criteriosamente executados, agem na calada da noite, sob sigilo absoluto, tudo é guardado à sete chaves. Para uma pessoa como eu, leiga em trabalhos investigativos, particularmente, estava deslumbrado com o resultado de meu modesto trabalho, sinceramente estava gostando de tornar-me cúmplice daqueles segredos, por considerá-lo uma pessoa no mínimo diferente do cidadão comum.

21/12/2021

Um Problema de Grande Magnitude

DURANTE O DIA COMO não tinha nada com que me ocupar, passava horas sentado à sombra de uma árvore frondosa, que ficava próxima do salão abandonado onde me escondia. Ali existia uma mesa de concreto, servida por quatro banquinhos construídos do mesmo material resistente, feitos exclusivamente para pessoas desocupadas se entreterem jogando cartas, ou outra diversão qualquer. Como raramente era utilizada para esse fim, servia-me como mesa

de escritório, para relatar mais detalhadamente as anotações efetuadas durante as conversações da noite anterior, que seriam repassadas ao meu cliente, para que acompanhasse meu trabalho, e efetuasse as alterações que achava pertinentes, conforme combinamos. Às vezes sentava comigo algum desocupado, logo dizia que estava realizando um trabalho complexo, que exigia muita concentração, dando a entender que não queria conversar, levantava-se e seguia seu caminho, sem nada dizer.

Depois de registrar tudo que me foi revelado na noite anterior, fiquei pensando no segundo drama pessoal do Coronel Epaminondas, quantos viventes não gostariam de possuir um problema dessa magnitude? Quatro mulheres jovens e bonitas, revezando, uma cada noite em seu quarto todas as noites. Todas vivendo pacificamente entre as paredes daquela enorme casa. Realmente um drama de altíssima complexidade. Não sei por que, mais desde o início, quando passei observar a rotina dos componentes daquela casa misteriosa, alguma coisa me dizia que a vida conjugal de Coronel Epaminondas, tinha alguma coisa de muito anormal, e ele com aquela conversa, que tinha dificuldade para compreender a natureza sentimental das mulheres. Se ele não as compreendia, imaginam o nível de minha compreensão?

Na quarta-feira à noite no horário habitual, fui ao escritório do Coronel Epaminondas, levando em mãos, meu caderno de anotações, e algumas laudas com o registro pormenorizado das confidências da noite anterior. Antes de iniciarmos a conversa, passei-lhe os manus-

critos que relatava aquele assunto tão pessoal. Como começou ler, esperei que concluísse, para ouvir suas impressões. Terminada a leitura, disse-me apenas:

— Seu relato reflete com fidelidade minhas declarações, como é um assunto confidencial, vou guardá-lo junto com os demais relatos em minha pasta.

— O Senhor acha que esse tipo de informação, poderá fazer parte do trabalho que pretendemos elaborar?

— Como já lhe disse, somente depois de concluído, decidirei o que fazer com ele. Mas particularmente estou gostando de nosso trabalho. Entendo que um assunto como esse que acabou de relatar, para torná-lo de conhecimento público, precisará do consentimento e autorização formal de todas as partes envolvidas, e isso sem dúvida implicará em um custo adicional, porque não pretendo fazer nada que possa comprometer minhas finanças, ou meu nome, ou mesmo minha memória no futuro.

— Acredito que nos dias atuais, não há nada que com um pouco de dinheiro não se resolva.

— Compartilho da mesma opinião. Aprendi que cada pessoa tem seu próprio preço. Aquelas que já se deixaram vender antes, não será difícil comprá-las novamente.

— Um detalhe sobre as mulheres que trabalham em sua casa. Se o Senhor achar conveniente esclarecer, particularmente gostaria de confirmar se o que comentam tem fundamento ou não? Se é verdade que o Senhor ao longo desse tempo que reside aqui em Paraíso, nunca recrutou nenhuma senhora ou senhorita da localidade, para prestar serviços em sua casa? O Senhor poderia fa-

lar sobre esse assunto, ou prefere manter esse assunto da forma obscura como se encontra?

— Compete-me revelar, que antes de nos mudarmos para Paraíso, morávamos em uma casa relativamente pequena, e muito raramente eu permanecia lá por mais de três ou quatro dias. Devido nesta época, estar envolvido com a venda de meus terrenos, e acompanhando a complicada construção de minha casa, aqui em Paraíso, que demorou cinco anos para ser concluída. Até então nunca tivemos empregadas em nossa casa. Quando a construção da casa ficou pronta, decidi que ficaria mais conveniente ocuparmos a nova residência, assim não precisaria mais deslocar-me até onde morava, e ausentar de minhas responsabilidades, por que era aqui que se encontravam centralizados, todos meus negócios. Quando Eulália, viu o tamanho do sobrado, sugeriu que contratássemos no mínimo três mulheres para ajudar nos serviços da casa, o que considerei um desperdício necessário. E que essas mulheres fossem da cidade onde morávamos, ou de outras distantes. Como passado algum tempo, as funcionárias todas adultas, de livre e espontânea vontade, sem que eu pedisse, ou fizesse algum tipo de proposta, passaram frequentar meu quarto, por sugestão de Eulália, que considerou que a partir de então, seria mais prudente, utilizarmos pessoas de fora para executar esses serviços. Sempre tive consciência que o que acontece dentro de minha casa, aos olhos da sociedade local, poderia parecer uma prática inaceitável, por ferir conceitos éticos e morais das famílias. Compete-me esclarecer sob meu ponto

de vista, talvez um pouco, ou mesmo, muito liberal, que não cometemos nenhum tipo de delito ou contravenção. Sempre agimos em número de cinco adultos, todos em plenas condições de uso de suas faculdades físicas, mentais e psicológicas. Todos os responsáveis pelos seus atos, de livre e espontânea vontade, desimpedidos de qualquer compromisso conjugal, sem sofrerem nenhum tipo de pressão ou coação. No caso de pôr alguma razão, alguma das empregadas eventualmente precisar deixar seu trabalho, seríamos forçados rescindir seu contrato de trabalho, e essa pessoa voltaria para sua cidade de origem, de acordo com as condições previamente pactuadas, que consistia em manter discrição sobre o assunto, mediante pagamento de indenização.

— Seria possível quantificar o número exato de funcionárias que ao longo desse período, se locupletaram desse esquema, como o Senhor mesmo o qualificou anteriormente, de maquiavélico?

— Felizmente até agora não foi um número muito expressivo, a média de tempo que minhas funcionárias permanecem no emprego é relativamente longo, acima de sete anos. Digo felizmente devido levar em conta, o ônus financeiro que uma demissão me acarreta. O tempo de Eulália, está fora do cálculo da média das três demissíveis. Imagino que o tempo de duração de permanência de Eulália, seja em caráter vitalício.

— Coronel Epaminondas, o Senhor não teme estar cometendo um crime, que poderíamos classificá-lo como “Exploração Sexual, de Serviços”?

— Absolutamente não. Como disse, não fui o autor intelectual desse esquema, tudo partiu delas, quando me dei conta estava inserido nele, na qualidade de consolador de uma quadrilha de mulheres carentes, que encontraram na pessoa do patrão solitário, o lenitivo para saciarem suas necessidades elementares da condição de mulher. Impondo-me responsabilidades pecuniárias adicionais, às previstas nos direitos trabalhistas.

— Então o Senhor se considera uma vítima desse esquema?

— Diria que sou vítima de meu próprio orgulho e ambição. Quando decidi construir minha própria casa, queria que ela fosse a maior e a mais bonita da cidade. Nem pensei no tamanho de minha família, ou mesmo se tinha uma. Adquiri um grande problema para mantê-lo limpo e conservado. E analisando minha vida e minha condição de homem rico e solteiro. Sei que estou muito longe de ser uma pessoa decente, parte de minha existência passei por sacrifícios e privações, da forma que sempre conduzi minha vida, tenho consciência que meu passado não me credencia ser um modelo a seguir. Apesar de saber que o que fazemos não é decente, mas sinto que não estamos prejudicando ninguém, responderemos igualmente por isso. Prova que é um ponto fraco, que necessita ser superado.

29/12/2021

Meu Passado Tenebroso

CONCLUÍ QUE UMA pessoa como eu, não possuía argumentos, nem recursos morais para convencer alguém como Coronel Epaminondas, que o teor de suas declarações, deixava transparecer sua imagem de contraventor contumaz. Teria que me colocar em sua posição. Será que em seu lugar não faria mesma coisa, ou pior? O ser humano possui essa tendência natural, para ceder às tentações, sem oferecer resistência. Fazendo um retrospecto

do passado do Coronel, com base naquilo que me foi revelado por ele mesmo. Em minha opinião, na balança da justiça, o prato onde havia suas iniquidades transbordava, enquanto a bandeja das boas ações se mantinha relativamente vazia. Mas minha função não era julgá-lo, e sim extrair dele o máximo de informações sobre sua vida pregressa. Relatar tudo de conformidade com suas declarações, e realizar um trabalho com excelência de autenticidade. Percebia que ele apreciava, quando conseguia registrar com fidelidade, usando as palavras corretas, mesmo quando a revelação denegria sua imagem. Isso não o incomodava, talvez por considerar-se autêntico no que fazia.

Talvez pelo fato dele sempre ser bem-sucedido, considerar-se superior, seu passado de glórias o credenciava para manter essa avaliação de si mesmo, se julgava acima de todos e da própria lei. Em meu ponto de vista, Coronel Epaminondas, precisava conhecer uma derrota expressiva. São nas derrotas que o verdadeiro herói se revela. Mais nada como um dia atrás do outro, uma pessoa que convive com porcos, inevitavelmente há de enlamear-se. E pelo que pressenti, com base em sua própria declaração. Ele subestimava a periculosidade de Dona Eulália, em minha opinião, deveria ser uma espécie de cobra traiçoeira, que ele acolhera e a colocara dentro de sua casa, e pelas suas atitudes, em nenhum momento demonstrou que o amava, tinha tudo para conquistá-lo, e transformar sua casa em um lar descente. Mas ao invés disso, transformou sua casa em um reduto de perversão,

corrompendo a si, e a ele de forma despudorada numa relação leviana, e depois induzindo as empregadas da casa aderirem ao seu esquema, que à princípio o Coronel considerou imoral, mas não resistiu às tentações e acabou aceitando, mas o qualificara de maquiavélico. Aquilo tudo não haveria de ter um final feliz.

Aproveitando esse momento de lucidez, resolvi fazer um retrospecto, e relatar minha vida de fracassado contumaz, e entregar ao Coronel Epaminondas, para que ele lesse e conhecesse minha trajetória de professor decadente, e avaliasse até que ponto um homem pode declinar de suas pretensões, e precipitar-se no abismo. E ao mesmo tempo, tecer seu comentário sobre minha capacidade de expressar a verdade, através das palavras.

* * *

Há alguns anos atrás, era um professor conceituado e respeitado de literatura, considerado por muitos como competente. No auge de minha juventude, o futuro me acenava com facilidades que considerava justas e merecidas. Eu era uma pessoa muita reservada, me preocupava com o trabalho, quando tinha um tempo disponível, o preenchia estudando. Conheci uma jovem morena, muito simples, mas bonita, tinha apenas dezessete anos de idade, que se chamava Ângela. Começamos namorar timidamente, percebi que sua presença me proporcionava a paz que eu não tinha, mas procurava e carecia. Comprei uma casinha singela, para ser paga em

muitas prestações anuais, com o produto de meu trabalho, por um longo prazo. Nos casamos, e começamos nossa vida conjugal. Logo percebi que Ângela não supria minhas deficiências afetivas, era um problema pessoal de difícil solução, sua presença passou sufocar-me, passei frequentar bares e ambientes de má reputação, e Ângela nem se apercebia de minha ausência, nem de meu estado de sobriedade, nem a hora que chegava em casa. Para ela tudo estava bem, estava casada com um professor, e isso lhe bastava. Havia decorrido dois anos que estávamos casados, então começou se preocupar, quando alguns fatos relevantes, começaram acontecer quase que simultaneamente: Deixei de voltar pra dormir em casa; os alimentos do armário se acabaram literalmente; cobradores não saiam da porta de nossa casa; ela descobriu que estava grávida; eu havia sido demitido da escola, por abandono de emprego.

Ângela para não passar fome, voltou para a casa dos pais. Os credores saquearam minha casa e levaram meus livros e as poucas coisas de valor que existiam. O proprietário apossou-se da casa, por nunca ter recebido nenhuma prestação. Eu para não me lembrar de toda aquela tragédia, bebia para esquecê-la. E o tempo passou célere, nunca mais procurei por Ângela, para aliviar minha responsabilidade, lhe imputava a culpa de ter sido ela quem havia abandonado nosso lar. Quando nossa filha nasceu, alguém que não me lembro exatamente quem, se deu ao trabalho de avisar-me, mas eu me encontrava embriagado, tive o bom senso de considerar que não ficaria bem ir visi-

tá-las naquele estado, depois acabei esquecendo, eu talvez não desejasse mesmo visitá-las.

Nesse tempo eu iniciava uma nova vida, ao lado de alguns homens fracassados como eu, e algumas mulheres igualmente promíscuas, construíamos nosso reduto, formamos nosso novo lar, formávamos uma grande família, nos locupletávamos dos mesmos entulhos, nas mesmas latas de lixo, e dividíamos o líquido precioso que anestesiava nossas mentes e nossas almas, conseguido através da comiseração dos amigos dos infortúnios alheios. E me orgulhava de ser considerado o mais instruído, e me chamavam Doutor César, meus discursos em nossos colóquios nas noites de inspiração, eram eloquentes, e muito pouco entendíamos o que eu dizia, propositadamente misturava as palavras bonitas que conhecia e apreciava, mesmo sem conseguir dizer nada, era por todos aplaudido. Em pouco tempo galguei o posto máximo, considerado por mérito próprio líder dos marginais, cachaceiros, e vagabundos, o preferido das vadias e prostitutas. E nunca me senti tão importante, querido e respeitado.

Se existe algo de que não posso me queixar, exatamente a resistência de meu corpo e meu organismo, principalmente de meu cérebro. Por quase duas décadas eu os castiguei interrupta e severamente, eles resistiram bravamente à ação devastadora da fome, do frio, da imundice, ao álcool e às drogas. Os bares, as ruas, as praças públicas, passaram ser meus pontos de referências, e o mais incrível, neles me sentia feliz, preenchiam minhas carências afetivas. Até que o agulhão da dor física,

estrangulando minhas entranhas, apossou-se de mim, e com ela o remorso, e o arrependimento. Como um trio de algozes implacáveis passaram castigar-me sistematicamente, diuturnamente. Quando conseguia dormir por alguns poucos minutos, a morte vinha até mim, me acordava e dizia que estava na hora de acompanhá-la para o além. Então percebi que não poderia morrer, naquele ambiente, apesar de ser considerado o líder, me senti impotente fraco e frágil. Mas não poderia morrer, minhas mãos estavam vazias, como quando aqui me aportei. Então no ápice de minha agonia, levantei-me trôpego, não me despedi de ninguém, sai em direção a uma estrada de terra que me levava para fora daquela cidade. Pressentia que havia chegado meu momento extremo, queria isolar-me, morrer agonizante, sem ninguém para assistir meu triste final. Deveria ser dez horas da noite, quando saía da cidade, o primeiro automóvel que passou, parou ao meu lado, o motorista que estava acompanhado de uma outra pessoa, que não consegui identificar se era homem ou mulher, devido à escuridão da noite. Perguntou-me para onde estava indo àquelas horas. Lhe respondi:

— Para qualquer lugar, mas pelo amor de Deus, não me deixe morrer neste inferno.

Então respondeu-me: – Estou indo para uma cidade muito distante, que se chama Paraíso, provavelmente chegaremos lá somente amanhã ao meio-dia.

Lhe disse: – Por Deus, leve-me, se morrer durante a viagem, atira-me no meio do mato, caso resista, leva-me para que morra nesse lugar.

Não sei exatamente quanto tempo durou essa viagem, mas senti tanta dor, que acho que morri várias vezes, depois ressuscitava, e a dor não me abandonava. A cada solavanco do automóvel, eu deitado no banco de trás, me contorcia de dor, e conseguia reter o choro, mas minha alma e meus olhos choravam, de repente sentia uma espécie de calafrio, e uma nova avalanche de cólicas, revolvía minhas entranhas, fazendo-me pensar que não resistiria, no auge, em um momento de desespero elevei meu pensamento a Deus, eu que nunca havia orado, consegui balbuciar uma oração, mais ou menos nesse sentido: *“Meu Deus, não sou digno de lhe pedir nada, mas por caridade, peço-lhe que retire essa dor que estou sentindo, então poderei morrer em paz. Mas se permitir que eu viva, prometo nunca mais por uma gota de álcool em minha boca.”*

Não me lembro de mais nada, não sei se morri, dormi ou desmaiei, só sei dizer que acordei, estava deitado, no assoalho do salão abandonado, onde continuo morando até hoje. Levantei-me sem sentir mais nada, sai na rua, e percebi que era quase noite, perguntei à primeira pessoa que passou por mim. Qual era o nome daquela cidade? O rapaz parou, começou rir, e perguntou-me se estava falando sério ou estava brincando. Então em poucas palavras, lhe expliquei o que havia acontecido, convencido de que falava verdade, disse-me que o nome da cidade era Paraíso. Aproveitei e perguntei-lhe: Se conhecia o dono daquele salão abandonado? Respondeu-me: Que o antigo proprietário daquele imóvel, havia se mudado há algum tempo, mas não saberia me dizer a quem pertencia ago-

ra. O rapaz deixou-me sozinho, e seguiu seu caminho, sem perceber levei a mão no bolso da camisa, na altura do peito, e percebi que dentro havia alguma coisa, automaticamente retirei, era uma cédula de dinheiro, o suficiente para no mínimo duas boas refeições, fui até uma padaria, comprei uns dez pães, e voltei para o salão abandonado, sentei-me nesta mesma mesa que agora me encontro escrevendo essa história, debaixo dessa mesma árvore, devo ter comido metade dos pães, não senti mais dor alguma, tomei água e fui dormir. Desde então comecei me ocupar com alguns trabalhos, o suficiente para continuar vivendo. Misteriosamente nunca mais senti aquela dor horrível, nem coloquei mais álcool em minha boca, e sinto que lentamente estou recuperando minhas condições físicas e de saúde. Quanto aos dois homens que me trouxeram, até hoje não descobri quem foram, e nunca mais os vi, para agradecê-los. Espero que o Senhor acredite e guarde este relato, talvez um dia converse com alguém que possa lhe confirmar essa história, descubra por si, que tudo que acabei de narrar é absoluta verdade.

César Ferreira

05/01/2022

Um Colóquio Enobrecedor

ESSE RELATO FIZ NA quinta-feira, sentado no mesmo lugar que costumemente gosto de sentar-se para escrever as informações colhidas de Coronel Epaminondas, reli umas duas vezes o texto de três laudas, achei que continha tudo que desejava lhe revelar. Só não tinha certeza se teria coragem para lhe entregar para que lesse, coloquei dentro do caderno de anotações. Tudo iria depender da cara do Coronel, se tivesse mal-humorado, certamente não entregaria.

Antes das oito horas da noite, bati levemente na porta de seu escritório. Ouvi dizer para que empurrasse a porta e entrasse, estava sentado em sua mesa, analisando uns documentos. Sentei-me em minha mesa e fiquei aguardando. Quando terminou o que estava fazendo, sorriu-me cordialmente, e perguntou-me:

— E hoje Sr. Cesar, gostaria que falasse sobre algum assunto especificamente?

— Até hoje tenho ouvido confissões sobre sua vida, que de certa forma considero-me seu confidente. Mas gostaria que soubesse, que particularmente sinto que me tornei seu amigo, e como tal, gostaria que conhecesse um pouco de meu passado de fracassos, e se possível ouvir sua opinião, o que deverei fazer para tentar corrigir, se isso for possível, remendar ou restaurar meu passado comprometedor. Tive a ideia de relatar, de maneira superficial, o que me sucedeu, por considerar que recebi uma graça, e estou determinado cumprir, aquilo que prometi em um momento de extrema aflição. Fiz esse manuscrito, e gostaria que lesse, e avaliasse meu drama.

Passei-lhe as três laudas, e percebi que interessou ler imediatamente seu conteúdo. Enquanto lia, me preparava para registrar seus comentários, para depois analisá-los calmamente. Terminada a leitura, devolveu-me os manuscritos, e começou dizendo:

— Não vejo necessidade de guardar comigo seus relatos, por considerar oportuno o momento para dizer-lhe, que acredito plenamente no que escreveu, até já havia me esquecido, mas quis o destino ou o acaso, que eu viesse

participar pessoalmente do epílogo de sua história, e nem mais me lembrava desse acontecimento. Penso que isso aconteceu há mais de um ano, quando vinha retornando de uma viagem, era noite, e na saída de uma cidade, percebi um homem andando com dificuldade, não disse nada, mais tive impressão de que estava embriagado, Eulália que estava sentada no banco do carona, comentou comigo, que aquele homem, pelo seu jeito de andar, lhe parecia estar muito doente. Então parei o automóvel ao seu lado, para confirmar sua real condição. Pelo que disse, percebi que estava sóbrio, mas sentindo muitas dores, quando me pediu em nome de Deus, para que o levasse para morrer longe daquele inferno, não pude recusar, e permiti que entrasse, e sentasse no banco de trás do automóvel, quando recomeçamos a viagem, percebíamos que gemia desesperado, depois cessavam os gemidos, e tínhamos impressão que havia morrido, esperava alguns minutos para realizar o que me havia pedido que fizesse, mas antes que parasse o auto, recomeçavam os gemidos, e isso se deu até à madrugada, então verificamos e percebemos que dormia profundamente. Quando chegamos aqui na cidade, já passava do meio-dia, verificamos que estava vivo, e ainda dormia como uma pedra, e os gemidos há muito tempo haviam cessados. Lembrei-me desse salão desocupado, que havia recebido para quitar uma velha dívida, com ajuda de um desconhecido o colocamos no interior do salão, como aparentava que estava bem, imaginei que acordaria com fome, coloquei um dinheiro em seu bolso para que se alimentasse. Depois viemos para casa descan-

sar da longa viagem, porque estávamos alquebrados. E misteriosamente, nunca mais me lembrei desse episódio, e o que aconteceu a esse homem. Agora lendo seus relatos, percebi claramente que tratava da mesma pessoa que socorremos naquela noite. Mas nunca imaginei que esse homem seria você, está completamente diferente, não imaginava que havia passado por todos esses sofrimentos.

Coronel fez uma pausa, e antes que eu dissesse alguma coisa continuou: – Quanto ao seu passado de insanidades, não tenho competência, nem o direito de julgá-lo, por reconhecer que sou imperfeito e tendencioso. Esse tendencioso explicou, sempre achei que as pessoas deviam ser responsáveis como sou. Por acreditar que colhemos aquilo que semeamos, principalmente sendo você uma pessoa instruída, deveria ter procurado ajuda, abdicar de viver descentemente, e entregar-se aos vícios como fez, penso que foi praticamente atentar contra sua própria vida, uma tentativa de suicídio indireto, e uma atitude de irresponsabilidade com seus compromissos pessoais, que considero mais comprometedores. Tudo que fazemos para reconciliarmos com nossos credores na mesma existência, será uma dívida a menos que carregaremos. Ainda não lhe disse nada sobre esse assunto, mas depois que me mudei definitivamente para Paraíso, adquiri uma bíblia, e passei estudar os Evangelhos de Jesus Cristo, tenho muita dificuldade internalizar em meu modo de vida Seus ensinamentos, mas não posso alegar que não os conheço.

— Coronel Epaminondas, sou um homem de mais de cinquenta anos de idade, ouvindo essas suas palavras, envergonho-me de mim mesmo, e avalio o quanto fiz mal uso de minha racionalidade, Deus concedeu-me todas as condições para ser uma pessoa de bem, tive oportunidades, e não soube valorizá-las, por mais de duas décadas, a fase mais promissora de minha vida joguei no lixo. Em toda minha existência nada construí, nem materialmente, nem intelectualmente, e destruí minha saúde. E Deus, sempre esteve ao meu lado, e esse tempo todo, ignorei Sua existência, recorri a Ele num momento de extrema agonia, e Ele ouviu-me e socorreu-me e mesmo assim continuei O ignorando. O Senhor um homem rico, menos instruído, por livre iniciativa, teve a humildade e a dignidade de procurá-Lo, através dos Evangelhos. E penso que só por essa atitude o considero infinitamente mais racional do que eu, porque nunca me dei ao trabalho de conhecer nada a respeito às coisas de DEUS, cheguei possuir muitos livros, mas nunca procurei conhecer nem possuir uma bíblia. Estou me sentindo pequeno e indigno em todos os sentidos. Peço que seja sincero em sua opinião: Seria aconselhável que eu procurasse as pessoas que deliberadamente prejudiquei, estou me referindo à Ângela, e a minha filha, que para dizer a verdade, nem sei como se chama?

Coronel Epaminondas olhou-me com benevolência e disse: – Se não estou enganado, em uma oportunidade que me falou sobre esse assunto, sugeri que usasse seus recursos literários para expressar o quanto e onde errou,

escrever a elas demonstrando humildade, reconhecendo seus erros do passado, e que estaria disposto se redimir, quem sabe elas não o perdoariam, e permitiriam que se aproximasse, o tempo muda os sentimentos das pessoas, alimentar ressentimentos também não é boa coisa.

— Há cada dia que passa me convenço que mais cedo ou mais tarde, terei que procurá-las, mesmo que me repudiem e me maltratem, cada vez mais pressinto que essa é minha obrigação, da qual não poderei me furtar. Quanto ao que fizeste por mim naquela noite, penso que Deus, conhecia seus sentimentos e poderia contar com sua ajuda para auxiliá-Lo em Seus propósitos e salvar minha vida. E somente Ele poderá recompensá-lo pelo que fizeste, porque mesmo que quisesse, nunca poderia lhe pagar. Se antes já o considerava um amigo, penso que somente com decorrer do tempo compreenderei as razões desse nosso encontro. Mas de uma coisa estou certo, necessito urgentemente aproximar-me das coisas de DEUS.

— Sr. Cesar, também sou um homem com mais de cinquenta anos, e penso que por muito tempo vivi longe de Deus, como um animal qualquer. Mas em uma noite tive um sonho muito estranho, que parecia ser muito real. Isso aconteceu quando viajava pelos sertões à procura de comprar diamantes. Sonhei que fora interceptado por um homem que dizia estar muito doente, e estava sentindo muita sede, quando desmontei de meu animal para pegar o vasilhame com água que estava na cangalha no outro burro, o homem apontando-me uma

carabina disse: – Não é água que agora eu quero, quero apenas o dinheiro dos diamantes que você me roubou. Quando levei a mão para sacar minha arma que estava escondida na cintura, ouvi o estampido do tiro da carabina, e acordei assustado.

— Mesmo depois de superar aquele estranho momento de medo, não conseguia mais dormir, fiquei contemplando a grandiosidade do céu iluminado de estrelas e recordando detalhes do sonho que tive, de repente reconheci o homem que me pediu água no sonho. Lembrei-me de um fato que me aconteceu, quando comecei andar pelo mundo para comprar diamantes. Cheguei em um pequeno garimpo, estava tudo silencioso e desolado, apenas um cachorro magro, que mal conseguia latir, veio recepcionar-me, desmontei e encontrei um homem deitado, doente, agonizante, sob uma barraca de lona, que com dificuldade me pediu água. Peguei meu cantil e dei para o homem beber, após tomar um gole de água, debruçou-se e não mais se moveu, comecei tocá-lo para que ele reagisse, então percebi que não mais respirava, que estava morto, e trazia amarrado no coes da calça um saquinho de tecido grosso, e dentro dele contei vinte e cinco pequenas pedrinhas de diamantes. Assustado, e sem atinar direito no que fazia, peguei o saquinho com os diamantes, montei em meu burro, e segui minha viagem. Agora reconhecia que o homem que morreu no garimpo era o mesmo que me interceptou no sonho que acabara de sonhar, dizendo que estava doente, pedindo-me água novamente, depois cobrando-

-me o que lhe havia subtraído, e seu desejo de vingar-se de mim, arquitetando dessa maneira uma emboscada. Interpretei aquele sonho como sendo um aviso, se continuasse aquela minha vida de andar pelos matos, levando comigo dinheiro ou diamantes, em breve seria vítima de uma emboscada. Esperei o dia amanhecer, encilhei meus burros e voltei daquele ponto, não tive coragem para seguir meu caminho, encerrei minha profissão de comprador de diamantes.

Coronel Epaminondas, concluiu sua explanação dizendo: – Quando um homem ignora as coisas de DEUS, Ele através de Seus desígnios promove os meios de avisá-lo para procurá-Lo, e Nele se apoiar. Se o homem incrédulo continuar indiferente, ignorando Seu aviso, e não crendo em Sua existência, corre sérios perigos. Penso que você demorou, mas compreendeu o aviso que Deus lhe mandou. Agora deverá fazer sua parte. Procurá-Lo, encontrá-Lo, e Dele não mais se afastar, para que você comece logo essa tarefa, vou lhe dar uma bíblia, que tenho aqui no escritório, que costumo ficar lendo quando estou desocupado.

07/01/2022

Prenúncio de um Novo Tempo

CHEGUEI EM MEU abrigo pensativo, trazendo nas mãos meu caderno de anotações, e a bíblia, um livro de tamanho médio, já bastante usado. Aquele homem que eu julgava superior, somente pelo fato de ser rico, nessa noite surpreendeu-me com suas revelações. Aquela avaliação que havia feito sobre suas iniquidades e suas boas ações, estava completamente equivocada. Quando depusitei as confissões que acabara de ouvir, no prato da balança

que estava praticamente vazio, percebi o quão verdadeira a máxima de Jesus Cristo, que nos recomendou para que não julgássemos. O braço mecânico da balança como uma gangorra, precipitou-se para baixo, elevando o lado oposto, nivelando as bandejas. O mais incrível: Nunca seria capaz de imaginar que aquele homem, materialista e ambicioso fosse temente a DEUS, e há vários anos estudava sistematicamente os Evangelhos. Outro detalhe, o fato de ter tido um sonho, com um garimpeiro que ele viu morrer, foi o suficiente para convencê-lo, que fora um recado do além, para que mudasse de profissão, e desde esse sonho, nunca mais andou pelos matos levando dinheiro ou diamantes. O fato dele ter se esquecido que havia colaborado diretamente para salvar minha vida, e me abrigado em um prédio abandonado de sua propriedade. Como se não bastasse agora me dava oportunidade de executar um trabalho que dizia respeito sua vida particular. Eram atitudes que confirmavam que apesar de ser como era, tinha bons sentimentos.

Fiquei pensando como são as coisas, se nessa noite não tivesse encontrado o Coronel receptivo, não teria coragem para entregar-lhe os manuscritos sobre meu passado. E o assunto que pretendia falar, poderia ser interpretado como leviano, estava determinado alertá-lo, sobre minhas suspeitas a respeito da fidelidade de Dona Eulália, que poderia ser uma espécie de serpente peçonhenta que ele colocara dentro de sua casa. Agora recapitulando o que me disse: Se não fosse por ela, talvez não tivesse parado

o automóvel ao meu lado, naquela noite, indiretamente Dona Eulália contribuiu para que eu fosse socorrido. Todos esses fatos me fizeram compreender, o quanto eu sim, era mesquinho, imperfeito e injusto. Deitei-me em meu colchão sobre o assoalho, abri a bíblia, mas devido a deficiência de luz emitida pela vela de parafina, seria impossível decifrar as letras minúsculas, dormi abraçado à bíblia, para quando amanhecesse o dia, com a benevolência da luz do sol, começar fazer o que deveria ter feito, quando troquei minha casa e minha esposa, pela bebida e pelas ruas. Hoje certamente teria uma família respeitada, seria um homem de verdade, amado pelos meus parentes e amigos e por todos. Envergonhado de meu passado nebuloso, em pensamento, fiz uma oração, à DEUS, nesses termos:

“Deus nosso pai, todo poderoso, numa noite de desespero, socorreste e aliviaste as dores das entranhas de meu corpo, corroído e entorpecido pelo efeito do álcool, eu prometi-Lhe, que dele me afastaria definitivamente, e com Sua ajuda, venho cumprindo minha promessa. Nessa noite volto Lhe implorar, para que ajude-me extirpar de meu espírito, todas essas maledicências, maus pendores, que faz-me revelar um ser pequeno, desejo voltar ser um homem de bem, e através das páginas deste Livro Sagrado, com ajuda de Nosso Irmão Maior, Nosso Senhor Jesus Cristo, Lhe procurarei, Lhe encontrarei, para seguir Seus mandamentos enquanto viver, e Se permitires depois de minha morte”

Naquela noite tive um sonho inexplicável com Ângela. Apareceu-me jovem, como quando a conheci. Andava pelas ruas, no meio da multidão, estava triste, e parecia que procurava por alguém, de uma certa distância eu a acompanhava, percebia quando ela parava, e pedia informações para os transeuntes, e as pessoas balançavam a cabeça, como dissessem que não tinha visto a quem ela procurava. Sentou-se em um banco da praça, e desolada parecia chorar, aproximei dela e perguntei, a quem procurava? Ela olhou-me com tristeza, sem reconhecer-me, disse-me que procurava pela sua filhinha que havia desaparecido, e não conseguia encontrá-la. Ofereci-me para ajudá-la procurar, levantou-se e saímos à procura de nossa filha, de repente, não vi mais Ângela, então pus-me a procurá-la pelas ruas. Isso era tudo que conseguia me lembrar, depois tive impressão de que encontrei meus antigos companheiros de rua, e insistiam para que fosse beber com eles, e eu recusava, depois acordei. Tive impressão de que tinha regressado ao passado, e por lá havia deixado uma parte não boa de mim. Olhei meu relógio, eram duas horas da madrugada, depois disso não conseguia mais dormir. Elevei meu pensamento a Deus, e reforcei o compromisso que tinha feito em minha oração, antes de dormir. Assim que o dia amanhecesse, começaria a leitura da bíblia.

O dia amanheceu, e era uma sexta-feira, e o sol com todo seu esplendor, expulsou as trevas da noite, ainda deitado abri a bíblia, e suas palavras refletiam uma luz, ávidas de serem conhecidas, sentei-me no lugar de sem-

pre, ao ar livre, sob a árvore frondosa, comecei ler o Novo Testamento. Fazia mais de duas horas que estava entretido na leitura do Evangelho de São Mateus, no Capítulo quinto, acabei de embriagar-me com as Bem-aventuranças, do Sermão da Montanha, estava como que embevecido, percebi alguém parar ao meu lado, ergui os olhos, Coronel Epaminondas, de pé atrás de mim, levantei-me e o cumprimentei, e lhe perguntei: – A que devo a honra de sua visita, há essas horas?

Retribui meus cumprimentos, e sem cerimônia sentou-se num dos banquinhos que circundavam a mesa, e disse-me: – Ontem me esqueci de dizer, que talvez essa noite receba a visita de um cliente que reside fora, prefiro esperá-lo, não irei ao escritório. Como havíamos combinado que hoje lhe pagaria pelas duas semanas, vim trazer seu pagamento. Estou feliz ao encontrá-lo estudando o Evangelho, isso significa que está mesmo determinado instruir-se.

— Tenho que recuperar o tempo perdido. Tentei ler alguma coisa ontem, quando cheguei, minha iluminação deficiente não permitiu, mas pretendo providenciar algo decente ainda hoje, gosto também de ler durante à noite, tenho impressão compreender melhor o que leio.

— Vou tentar conseguir pra você, uma bíblia que tenha as letras maiores, essa que você está lendo tem as letras muito pequenas, eu só consigo ler com o auxílio de meus óculos.

— Tendo uma boa iluminação, acredito que não terei dificuldade pra ler, mesmo à noite.

Coronel levantou-se, retirou do bolso da calça algumas cédulas de dinheiro que estavam dobradas, entregou-me o pequeno volume, sem conferir e disse: – Aqui está seu pagamento, não quero atrapalhar sua leitura, um bom dia para você e até segunda-feira à noite.

— Um bom dia para o Senhor também, muito obrigado, vou encerrar minha leitura, vou agora pagar meus credores, depois volto à leitura.

Coronel Epaminondas, esboçou um sorriso, e voltou no sentido como estivesse retornando para casa. Um acontecimento muito raro era vê-lo caminhando pelas ruas, quando fazia isso, tinha o hábito de cumprimentar todos que cruzavam por ele. Penso que Coronel era do tipo que gostava aproveitar muito bem seu tempo.

10/01/2022

Um Final de Semana Muito Proveitoso

O VALOR QUE RECEBI não era muito, mas o suficiente para pagar a quem eu devia, que se resumia em apenas dois credores. O Sr. Polenta, dono da pensão onde há algum tempo passei fazer ao menos uma boa refeição todos os dias, e o Sr. Salomão, dono da padaria, onde pegava alguns pães para entreter meu estômago à noite e pela manhã. Comprei uma espécie de candeeiro, ou lamparina possante, e um litro de que-

rosene, que garantiria boa iluminação noturna, para ler a bíblia durante à noite. Fazia mais de um ano que estava morando em Paraíso. Tinha feito algumas amizades, essas pessoas não se furtavam em conversar futilidades comigo, principalmente depois que passei frequentar o escritório do Coronel Epaminondas. Em uma cidade pequena todos sabem da vida de todos, e talvez eu fosse a pessoa que mais conhecia as intimidades do Coronel, e as pessoas me perguntavam sobre ele, mas com clara intenção de penetrarem os segredos da mansão dele, mas de minha boca não saia nenhuma revelação. Apenas dizia que estávamos fazendo um trabalho biográfico, que demoraria algum tempo para ser concluído, mas era de caráter confidencial, que talvez fosse publicado somente depois de sua morte. Isso dava certa importância ao meu trabalho, e gerava curiosidade nas pessoas, e tinham aqueles que me ofereciam uma bebidinha, na intenção de obter alguma informação, agradecia a oferta e dizia que já havia tomado tudo que tinha direito, durante mais de vinte anos de cachaceiro inveterado, agora bebia somente água. Exatamente essa é a dificuldade do álcoolatra, nunca vai faltar alguém para incentivar, para que volte a beber.

Depois de pagar meus compromissos, conversei com algumas pessoas, assuntos sem muita importância, adquirei a lamparina e o querosene em um armazém, e retornei para meu lugar habitual, e a minha leitura. Descobri que ler a bíblia também incomodava as pessoas, alguns paravam onde eu estava e queriam saber, a

razão de eu estar lendo aquele livro. Eu dizia a eles: Sabiam que a bíblia é o livro mais impresso e lido, em todo mundo, justamente porque as pessoas devem lerem, não adianta possuir uma bíblia e não ler, antes eu não a lia porque não tinha, agora que consegui vou lê-la toda. As pessoas entendiam minhas explicações, só não aceitavam um molambo como eu, lendo a bíblia, pareciam-lhes uma heresia, um traste como eu, ser temente a Deus. Então comecei pensar, eu era pior do que aquelas pessoas, à princípio também ignorei, e considerei que uma pessoa como Coronel Epaminondas, pelo fato de ser rico, materialista e ambicioso, não deveria ler a bíblia e ser temente a Deus. Concluí que o ser humano é muito egoísta e preconceituoso, que não admite que os ricos nem os mendigos sejam tementes a Deus, devem imaginar que devido nossa condição, já estamos irremediavelmente condenados, sem o direito de conhecer a Sua palavra. Está aí um assunto que gostaria conhecer, o que pensava Coronel Epaminondas, assim que surgir uma oportunidade vou questioná-lo.

Aquele final de semana deve ter sido o mais proveitoso, dos meus últimos vinte anos. Consegui ler, e reler, os vinte oito Capítulos do Evangelho de Mateus. Particularmente já me considerava conhecedor do Evangelho, e sentia ser uma outra pessoa. Principalmente quando li, e reli o Capítulo quinto, várias vezes, parei para refletir sobre “O Sermão da Montanha”, com Suas Bem-aventuranças, senti tocar as fibras de meu coração. Nunca desejei ser ainda menor, mais humilde, mais

simples, mais puro, mais pacífico, mais manso, mais misericordioso, porque Segundo Jesus, esse é o perfil do homem, agradável a DEUS, em minha percepção o próprio perfil de JESUS, nosso exemplo e modelo. O mais incrível que em nenhum momento do Sermão da Montanha, Ele fez referência sobre: classe social, grau de instrução, nacionalidade, condição financeira, poder político, raça humana. Entendi que DEUS, acha essas questões irrelevantes, considera indistintamente todos os homens iguais, com os mesmos direitos e obrigações perante Seus desígnios, e leva em conta principalmente suas virtudes do coração. E cada qual terá sua recompensa conforme suas obras. O mundo nebuloso que sempre obscureceu minha visão do todo, começava dissipar-se, fustigada pela luz de Seus esclarecimentos. DEUS planejou para o homem terreno, um mundo mais pacífico, de amor, paz e fraternidade entre eles. Sem ódio, sem violência. E o mais incrível, dotou-nos com inteligência para que compreendêssemos Suas pretensões.

Mas o homem fazendo uso de seu livre arbítrio, foi desenvolvendo sua inteligência, e enganosamente deslumbrou-se consigo mesmo, e se elegeu o deus, e o dono do destino da Terra, desconsiderando que acima dele existe um poder maior, de posse de seu livre-arbítrio, com sua ambição sem limites, seu orgulho e egoísmo exacerbados, não teve capacidade para perceber que era apenas um ser imperfeito, inacabado, não imaginou ele que para se aproximar de DEUS, precisava trilhar um longo e áspero caminho, instruir-se infinitamente e

compreender todas as coisas, e libertar-se de todas suas imperfeições morais. Não compreendeu que para atingir essa perfeição relativa, teria que desenvolver em si, todos os atributos Divinos, que herdou do CRIADOR.

Talvez pelo fato de uma minoria desde o princípio revelar-se desobediente. Entendeu que poderia realizar coisas que DEUS abominava. “E todos os seres indistintamente a quem DEUS, dotou com inteligência, no íntimo tem conhecimento daquilo que Ele abomina”. O homem esse ser deslumbrado, com sua inteligência limitada, não percebeu que não tendo inteligência para compreende-LO, nem aos Seus desígnios, nem aos Seus atributos, nem aos Seus propósitos. Ingenuamente por algum momento pensou que poderia ser um deus, e de maneira irracional governar o mundo. Essa minoria dissidente, optou por ignorá-LO, desconhece-LO, desobedece-LO. E deliberadamente Dele se afastar.

Mas DEUS, inteligência suprema, em um momento decisivo para humanidade, enviou-nos JESUS CRISTO, para através de Seus exemplos, ensinar-nos o caminho correto para que a humanidade não sucumbisse. Não obstante essa minoria deslumbrada, sentir-se ofuscada pela intensidade de Sua luz, usando seus métodos irracionais O execraram, O humilharam, O eliminaram. Mas o Poder Maior, que Criou o mundo e tudo que nele existe, e o governa com racionalidade suprema, através de Leis Sábias e Imutáveis, quis e permitiu que Seus Evangelhos de Amor, permanecessem como bússolas, para guiar a humanidade, rumo ao porvir.

Não obstante depois de vinte séculos, alguns poucos desobedientes, deslumbrados, ainda desconhecerem. Os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristos, incansavelmente continuam exercendo sua função reveladora, e cada vez deixa mais em evidências de que eles não são os Bem-aventurados. Mas DEUS, está no comando, e os Evangelhos de Jesus Cristos, orientando os Bem-aventurados, esses sem dúvida herdarão a Terra.

12/01/2022

Muitos São os Chamados, Poucos os Escolhidos

NA SEGUNDA-FEIRA NO horário de costume, fui até o escritório do Coronel, recebeu-me com um sorriso cordial, e perguntou-me: – E aí, como foi seu final de semana?

Respondi-lhe: – Penso que foi o mais proveitoso das últimas duas décadas, não estaria exagerando se dissesse de toda minha vida. Consegui ler o primeiro Evangelho do Novo Testamento,

duas vezes. Uma coisa que pensei comentar, e saber sua opinião: Quando estava lendo a bíblia, naquele mesmo lugar que o Senhor me encontrou, várias pessoas pararam onde eu estava, e questionaram-me por que estava lendo aquele livro, deixando-me a impressão de que em suas opiniões, uma pessoa como eu ler a bíblia soava como perda de tempo. Qual sua opinião sobre o questionamento deles?

Coronel Epaminondas começou rir deliberadamente, e disse: – Em minha opinião você interpretou corretamente o pensamento deles. Se eu pegasse uma bíblia, e fosse ler em um lugar público, certamente não me diriam nada, por uma questão de afinidade, mas tenho absoluta certeza de que pensariam: Esse velho já tem os dois pés no inferno, pensa que lendo esse livro poderá retirá-los de lá.

Comecei rir, tínhamos a mesma opinião sobre o que pensavam de nós, então Coronel Epaminondas explicou o que pensava sobre essas opiniões.

— O fato em si, de uma pessoa, seja lá quem for ler a bíblia ou os evangelhos, não significa muita coisa. O que realmente conta, são as mensagens contidas nelas. Se o leitor assimilar para si o conteúdo dessas mensagens, verá as coisas sob outro ângulo, e perceberá o que se faz necessário mudar em sua maneira de viver. Se conseguir centrar sua conduta de conformidade com os ensinamentos dos Evangelhos, nada deverá temer, sua vida tomará a devida direção, como disse Jesus, “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida”, como bem você obser-

vou, as coisas da matéria são irrelevantes para Deus, o que conta são os valores morais, os valores materiais são perecíveis e transitórios, os valores morais, intelectuais, e espirituais, são as aquisições, à que me referi certa feita, que particularmente gostaria de possuí-los, que certamente me acompanharia depois da morte.

— Pelo que percebo através de suas declarações, o Senhor acredita que as coisas não cessam depois de nossa morte?

— Pelo pouco que aprendi até hoje, nessas minhas leituras, somente nosso corpo físico morre efetivamente, nossa alma, ou nosso espírito, é imperecível, se não fosse assim, porque JESUS fez questão de enfatizar a existência dos Bem-aventurados. Quem são os Bem-aventurados?

— No Sermão da Montanha, Jesus deixa bem claro que são as pessoas simples que sofrem, que choram, os pacíficos, os pobres de espíritos, os mansos, pessoas resignadas.

— Sr. Cesar, conversando com pessoas estudiosas da bíblia, e das coisas de Deus. Segundo eles, existe uma doutrina, que pode ser considerada religião. Os adeptos dessa doutrina não são profissionais da religião, são estudiosos que por razões circunstanciais foram levados estudar certos fenômenos, e acabaram reunindo milhares de provas materiais sobre a comunicação dos Espíritos com os vivos. Nessas Casas Espíritas, os médiuns se reúnem, e nessas seções mediúnicas os Espíritos comparecem, e revelam fatos e acontecimentos, que as pessoas que conviveram com as

peças desses Espíritos, não tem a menor dúvida de que são autênticas, são particularidades que somente essas pessoas conheciam. O fato que me aconteceu, apesar de ter sido um sonho, não tive a menor dúvida, era um aviso para que mudasse minha vida.

— Coronel Epaminondas, sou uma pessoa cética, mas confesso minha ignorância sobre essas coisas transcendentais, ninguém pode brincar com coisas sagradas, nem tecer julgamento leviano, para compreendê-las temos que estudá-las profundamente. O Sr. tem conhecimento da existência de obras literárias, que elucidam esse assunto?

— Segundo esses estudiosos, há quase um século, esses estudos foram compilados minuciosamente, e foram publicados cinco Livros Básicos, que elucidaram ricamente a questão. Depois disso milhares de outras obras complementares foram editadas, corroborando com esses estudos. Não obstante existirem os detratores. (Geralmente pessoas que criticam sem conhecerem) A Doutrina Espírita, está consolidada e divulgada praticamente em quase todo mundo. Infelizmente existem países radicais que se recusam aceitar quaisquer novas revelações. Não querem entender que o mundo e o conhecimento humano estão em permanente evolução. A história da humanidade comprova que as religiões necessariamente também evoluem. Se analisarmos a religião Mosaica, era adequada para aquela época, depois o conhecimento da humanidade evoluiu, surgiu o Cristianismo e a Igreja Católica, a humanidade con-

tinuou evoluindo, surgiram as religiões Protestantes, também lastreadas no Cristianismo, e a humanidade continuou transformando, hoje existem um sem número de denominações religiosas, cada uma dessas ditas religiões Evangélicas, deturparam o Cristianismo a sua maneira, e fizeram da religião um negócio lucrativo, todas prometem o céu, condenam ao inferno, em vez de esclarecer os fiéis das verdades, os exploram vergonhosamente. Segundo o Evangelho de João, no Capítulo 14, dos versículos 15 ao 26, relata que JESUS, previu que isso aconteceria. O Homem transformaria os templos religiosos em uma fonte de ganhar dinheiro. Mas à medida que o ser humano fosse se tornando digno, em entendimento, Moral e Justiça, outras revelações nos seriam concedidas. JESUS pessoalmente pediria a DEUS, que através do Espírito de Verdade, enviasse a Terra o Consolador Prometido, isso aconteceu quando foi personificada na Doutrina dos Espíritos. Não significa que basta a pessoa dizer ser Espírita, ou converter-se ao Espiritismo, ou frequentar uma Casa Espírita. A pessoa tem que tornar-se digna em entendimento, moral e justiça, então novas revelações lhes serão concedidas. Em outras palavras, enquanto o indivíduo não conhecer e incorporar em sua vida os ensinamentos dos Evangelhos de Jesus Cristo, não compreenderá o Espiritismo. Assim como em todas as religiões do Cristianismo, a pessoa se diz cristã, e não segue os ensinamentos do Evangelho de Jesus, assim também ocorre no Espiritismo. São detalhes como esses que dificilmente, faz da pessoa um

Bem-aventurado. Por isso lhe digo, tanto eu como você, podemos passar o restante de nossas vidas, estudando os Evangelhos, ou estudando as Obras da codificação Espírita, enquanto não incorporarmos em nossas ações, em nossas atitudes, em nossas vidas, os ensinamentos de JESUS, seremos apenas conhecedores do Evangelho, ou da Doutrina Espírita, mas não conquistaremos o perfil de Bem-aventurados.

Coronel fez uma pausa, enquanto eu concatenava minhas ideias, como estava perdido em minhas conclusões, ele continuou: – Talvez até agora eu tenha me tornado digno em entendimento, mas estou muito distante em moral e justiça. Mas DEUS, como é Inteligência Suprema, sabia perfeitamente de nossas limitações, para isso concedeu-nos a eternidade, através do processo de reencarnação permite que renascemos quantas vezes for preciso, e isso quem nos garante são os Espíritos.

— Diria que eu estou distante do entendimento, da moral, e da justiça, mas Consolado.

— Aqui está a bíblia que lhe prometi, na verdade já à tinha em casa, ela possui as letras maiores, por isso é maior em todos os sentidos, e está novinha. Gostaria que me devolvesse a outra, o lugar dela é aqui no escritório. Amanhã trataremos de falar sobre minhas muitas imperfeições.

13/01/2022

Conhecendo a Verdade

CHEGUEI EM CASA com minha alma lavada, tudo que ouvi pareceu-me tão coerente, que senti desejo de descobrir por mim mesmo, todos os intrincados segredos que envolvem nosso Espírito depois da morte. Se já tivemos outras vidas, isso significa que já morremos e tornamos nascer, então não há o que temer, morreremos e retornaremos. Quantas vidas necessitaremos para conhecermos todas as coisas, para darmos nosso Espírito rebelde, até que

ele se torne manso, pacífico, puro de coração, sem nenhum resquício de malícia e maldade? Para que sejamos considerados bem-aventurados-aventurados? Fiquei pensando quantas diferenças entre o nível de evolução de Coronel Epaminondas e o meu.

Resolvi fazer o relato bem resumido dessas diferenças, analisá-lo, se encontrasse momento favorável, entregá-lo ao Coronel, para que analisasse também, e emitisse seu parecer imparcial. Quanto ao trabalho de escrever sua biografia, teríamos muito tempo para fazê-lo, eu não tinha pressa para ficar desempregado.

Coronel - Uma pessoa com pouca instrução escolar, começou trabalhar duro muito cedo, e assim fez a vida toda, teve a preocupação de guardar parte de seus diamantes, em uma cabacinha, pensando nos dias quando ficasse velho e cansado, serviu de arrimo à uma senhora viúva e grávida, deu seu nome ao filho dela, e o educou como sendo seu filho, possibilitou que esse filho adotivo, fizesse um curso superior, mudou de profissão e foi igualmente bem sucedido, organizou um loteamento agrário, e ganhou dinheiro, lançou um loteamento urbano, fundou uma cidade, e tornou-se rico. Procurou por iniciativa própria, se informar sobre as coisas do Espírito, e sobre as coisas de Deus, nunca cedeu às tentações dos vícios e da ociosidade, construiu sua própria casa, é admirado e respeitado por todos de sua cidade.

Cesar – Eu sempre vivi dignamente, tive boa infância, sempre às expensas de meus pais, possibilitaram que estudasse e adquirisse uma profissão, consegui um bom

emprego, tirei uma jovem inexperiente da casa de seus pais, e depois a repeli com meu desprezo, a trai inúmeras vezes com mulheres desclassificadas, deixei-a passar necessidades elementares, comprei uma casa, moramos nela por dois anos, e nunca paguei uma só prestação, deixei de pagar meus fornecedores, nunca vi, nem sei o nome de minha filha, fui demitido por abandono de emprego, por mais de vinte anos vivi na completa ociosidade, me alimentando de restos de lixo, bebia para dormir, acordava para beber, compartilhando com meus párias, cigarros de maconha, cola de sapateiro, e seringa de drogas, roubando roupas dos varais, me relacionando com prostitutas, me prostituindo com travestis, nas praças públicas e becos de ruas, expondo sem nenhum constrangimento, meu corpo corrompido com a sujeira das ruas, ostentando irreverente, minha aparência deprimente de mendigo, execrado pelas pessoas de bem, por ser jovem, sadio, instruído, e vagabundo por opção. Talvez tenha decidido no nível mais inferior da decência humana, sem me dar conta, que essa decadência toda foi provocada por decisão voluntária, desejei abdicar-me de todos os valores sociais, e consegui ser o mais abjeto dos seres. Lembrei-me de DEUS, somente quando senti que meu momento havia chegado. Nesse momento percebi que havia jogado no lixo, nosso bem mais precioso, a oportunidade de uma vida digna.

Fiquei analisando o ponto de partida, de nossas situações, pela lógica concluí, deveria ser eu o bem-sucedido, e o Coronel o indigente.

Isto significa que em nossas vidas pregressas, ele aprendeu melhor as lições, encarou a vida com responsabilidade, aproveitou as oportunidades que apareceram, se preocupou em ser providente, em todos os sentidos. Apesar de ter adquirido pouca instrução, intimamente possuía uma bagagem de conhecimentos morais, que o protegeram das vicissitudes inerentes a todos. Não obstante ser a pessoa que é, possui muitas virtudes, é humilde, não se exime em ajudar as pessoas, é modesto, honesto ao extremo com seus compromissos, respeita os seus semelhantes, é empreendedor, não gosta de ostentar-se, não é perdulário, é temente a DEUS. Mas possui suas imperfeições, como todo mundo.

Eu, certamente em minhas vidas pregressas, fui um péssimo aluno, e deixei de fazer os deveres de casa, apesar de ter recebido boa educação na presente existência, quando senti-me no comando de minha própria vida, não possuía bagagem de valores para orientar-me e proteger-me, entendi que o trabalho me escravizava, o casamento me prendia e asfixiava, os compromissos me subjugavam, as responsabilidades me humilhavam, a posse de dinheiro incomodava-me, logo dele me libertava sem quitar meus compromissos, regras e disciplina eram para os fracos, coisas proibidas e ilegais me seduziam, meu prazer era contrariar normas, fazer as pessoas sofrerem alegrava-me, obedecer aos outros, jamais, sentia prazer em mandar, ofender, humilhar, explorar, mentir, enganar. Por mais de vinte longos anos, minha mente permaneceu entorpecida pelos eflúvios do

álcool e das drogas, sem experimentar um momento de lucidez. Até quando fui surpreendido pelo aguilhão da dor, estrangulando minhas entranhas, e a morte de muito perto me acenando, e um abismo negro de remorsos e arrependimentos começaram fustigar-me como um látigo de fogo. Que me fizeram recordar e reviver, o lugar tenebroso, onde estive durante uma eternidade, lutando desesperadamente para sair. Entendi que não poderia voltar para o mesmo lugar com as mãos vazias. Em um momento de aflição, e dor extrema, elevei meu pensamento a DEUS, e ELE caridosamente, atendeu-me.

Sou toda imperfeição, completamente despido de qualquer virtude.

Na terça-feira à noite, fui até o escritório do Coronel, levando dentro do caderno de anotações meu relatório, se considerasse o ambiente propício, lhe entregaria para que lesse. Bati levemente na porta, ouvi dizer: – Pode entrar, está apenas encostada.

Entrei, e cumprimentei lhe com um sorriso, respondeu-me da mesma maneira, sentei-me em minha mesa, tomei a palavra, e fui lhe dizendo:

— Coronel, aquela nossa última conversa, fustigou meu Espírito, e levou-me fazer uma reflexão, como julgo-me incompetente para tecer entendimento de conformidade com as teorias espiritistas, me dei ao trabalho de fazer um breve relato, caso não se oponha, gostaria que o lesse, e me iluminasse com seu entendimento abalizado.

Levantei-me e lhe entreguei as duas laudas, em poucos minutos concluiu a leitura, e disse-me:

— Seu relatório e suas conclusões, confirmam que você captou à sua maneira a filosofia da Doutrina Espírita, se bem que nunca estudei nada a respeito, o que possuo são deduções pessoais, baseadas no conhecimento dos Evangelhos de Jesus, que os conheço muito bem, mas em minha opinião, você só não compreendeu direito, o porquê das coisas, vou dar minha opinião, mas não significa que ela seja condizente com as instruções dos Espíritos.

— Lembra-se quando disse que preferiria possuir valores imperecíveis, que os levasse comigo quando morresse, valores morais, intelectuais e espirituais. Porque os valores materiais, perecíveis e transitórios, esses ficarão por aqui, exemplos: Minha casa, terras, ações, dinheiro, joias, título de nobreza, título de autoridade, diplomas. Numa próxima existência não vou vê-los, nem lembrar que os possuí. Mas com certeza lembrarei das coisas que aprendi fazer, nossos conhecimentos e nossas virtudes não se perdem. Se não livrar dos meus vícios nessa existência, na próxima existência eles estarão presentes e facilmente cederei às tentações. Uma pessoa que aprende tocar um instrumento qualquer, quando retornar, assim que tiver contato com o instrumento, vai ter menos dificuldade aprender pela segunda, terceira, quarta vez. A pessoa encontra tanta facilidade, que aprende sozinho. Certas coisas já nascemos sabendo fazer, porque a fizemos todas as vezes que aqui estivemos. Por isso temos que nos livrarmos de nossas imperfeições, à medida que agregamos coisas boas e nos libertarmos de nossas imperfeições, nos

tornaremos mais virtuosos. Uma vez conversando com um comprador de diamantes, muito rico, de uma grande cidade, falou-me uma coisa que nunca esqueci. Disse-me que quando menino, seu pai negociava diamantes, mas se encontrava à beira da falência, sua mãe desconfiava que seu pai andava dando o dinheiro que ganhava para as mulheres, pediu que ele fosse vigiar o pai, logo no primeiro dia percebeu que seu pai não sabia negociar, ensinou o pai, em pouco tempo a vida deles mudou. Esse comprador de diamantes, disse-me que aos dezesseis anos parou de estudar, e começou seu negócio com diamantes, aos vinte anos estava mais rico que seu pai, que havia se tornado muito rico.

— Nunca contei essa história pra ninguém, mas meu pai poderia ter sido um homem muito rico em Minas Gerais, e deixado os filhos todos bem, garimpou a vida toda e morreu pobre.

— Conta-me essa história, farei as anotações, se o Senhor gostar poderá fazer parte de nosso trabalho.

— Meu avô, pai de minha mãe, chamava-se Sr. Carolino, tinha um *sitinho* na fuma de uma serra, de onde descia um fio de água, onde criava umas vaquinhas, isso lá em Minas Gerais, minha mãe era sua filha única, e casou-se com meu pai, então meu pai foi morar com eles nesse sítio, nessa época algumas pessoas começaram garimpar nesse Corguinho, fora das terras de meu avô, meu avô não permitia que garimpassem em suas terras. Meu pai tinha conhecimento que encontravam muitos diamantes nessa parte do córrego que ficava abaixo

do sítio de vovô. Como meu avô não permitia, meu pai não garimpava. Quando nasci, meu avô faleceu, meu pai passou comandar o sítio, como minha avó que se chamava Dona Deolinda, não importava, meu pai sozinho começou garimpar no córrego nas terras de vovô. A facilidade e a quantidade de diamantes que meu pai encontrava era abundante. Como vendia os diamantes para compradores ambulantes, passava o tempo todo fora gastando o dinheiro dos diamantes. E o pessoal da região passou garimpar o córrego, nas terras de meu finado avô. Minha mãe alertava meu pai, mas dizia a ela que existiam tantos diamantes que não se acabariam nunca. Quando meu pai vendeu todos seus diamantes, voltou garimpar não encontrou mais nada, proibiu as pessoas de entrarem no sítio, e continuou garimpando e começou ensinar os filhos garimpar, e o que conseguíamos era muito pouco. Lembro-me que, quando tinha oito anos, deu uma chuva muito forte, depois fomos garimpar e encontramos vários diamantes graúdos, então disse ao meu pai, que a água da chuva tinha trazido os diamantes de cima da serra, onde nascia o córrego. Meu pai disse que eu era muito burro, diamantes só se produziam nos leitos dos córregos. Minha avó morreu, e meu pai vendeu o pequeno sítio, nos mudamos e fomos trabalhar em garimpos particulares. Logo ficamos sabendo que a pessoa que comprou o sítio que nos pertenceu, encontrou um veio de diamantes na nascente do córrego sobre a serra, e estava ficando muito rico. Se meu finado pai, tivesse um pouco de visão, teria explora-

do sozinho todo aquele tesouro, que na época não valia quase nada, devido à abundância que existia naquela região. Chegou nos dizer, que quando começou garimpar o córrego, em poucas horas, conseguia uma caneca cheia de diamantes graúdos, os pequenos devolviam no leito do córrego para crescer. Se meu pai tivesse garimpado aquele córrego, das terras de meu avô sozinho, e guardado os diamantes, para serem vendidos alguns anos depois, teria se tornado um homem rico, mas papai se deslumbrava facilmente com dinheiro, bebia e distribuía seu dinheiro aos estranhos, e se esquecia de levar o essencial para a esposa e aos filhos. Pouco antes de sair de casa, perguntei a ele se lembrava, quando lhe disse que os diamantes deveriam estar no começo do vale sobre a serra, e me havia chamado de burro. Disse-me que além de burro, era também mentiroso, e só por isso me surrou de peia. Então lhe disse que aquela seria a última vez que me surrava, se acontecesse uma próxima eu lhe mataria. E aconteceu, para não cumprir o que prometi, decidi sumir no mundo, e nunca me arrependi do que fiz. Por isso não o procurei, quando fiquei sabendo que estava muito doente, sem condições de se tratar.

14/01/2022

Pescaria Reveladora

NAQUELA quarta-feira levantei-me um pouco mais tarde, sentei-me no lugar de sempre e continuei a leitura dos Evangelhos, de vez em quando interrompia, e ficava pensando nas considerações que Coronel Epaminondas, havia feito sobre o relatório que tive a ideia de fazer sobre nossas diferenças. Engraçado, depois que vim parar aqui em Paraíso, sentia que muitas coisas tinham mudado em mim, hoje não teria coragem para fazer aquelas coisas degradantes que fazia com a maior na-

turalidade, como se houvesse adquirido uma espécie de proteção, uma resistência que antes não tinha. Antes do meio-dia fui almoçar na pensão de Sr. Polenta, depois do almoço sentei-me em um banco de concreto, que existia sob uma árvore em frente à pensão. Um Senhor grisalho bem-vestido, calçando botinas pretas reluzentes, sentou-se ao lado, primeiro perguntou meu nome, educadamente me apresentei a ele, disse-me chamar-se Sr. Josafá. Depois perguntou-me:

— Já vi o Senhor entrar várias vezes, sempre no mesmo horário da noite, no escritório do Coronel Epaminondas, gostaria saber o que vai fazer lá?

— Estou escrevendo a biografia, do Coronel.

— E o quer dizer essa biografia?

— Quer dizer, que estou escrevendo a história de sua vida, por ele ser o fundador desta cidade, é justo que as pessoas conheçam, toda trajetória de sua vida, e como se deu o descobrimento desse lugar.

— Mas certamente você vai escrever, somente as coisas que não o comprometem?

— Vou escrever o que ele pedir que escreva.

— Na minha opinião, o lugar de uma pessoa como o Coronel, seria na cadeia.

— Direi a ele sua opinião Sr. Josafá. Talvez ele o convide, para que o Senhor faça um depoimento, para que fique registrado, e também faça parte de sua biografia.

— Não faça isso! Não quero conversar com aquele homem.

Levantou-se, nem se despediu e desapareceu.

Achei muito engraçado, mas existiam outras pessoas na cidade como Sr. Josafá, que não simpatizavam com o Coronel, inimigos gratuitos, pessoas invejosas, que nem o conheciam direito, mas não gostavam dele simplesmente, e de certa forma não via com bons olhos àqueles que dele se aproximavam, e o admiravam. Mas é claro que não teria coragem para denunciá-lo, estava apenas brincando.

A verdade é que as notícias em uma cidade pequena, como Paraíso, circulavam em alta velocidade. Sabendo disso minha discrição era absoluta, afinal pretendia sobreviver para presenciar a repercussão, quando nosso trabalho fosse divulgado. Sem considerar o que ainda ignorava, tratando-se de Coronel Epaminondas, tudo era muito surpreendente e imprevisível.

Nessa mesma quarta-feira, depois que retornei da pensão, retomei o estudo dos Evangelhos, quando o sol começava declinar, deveria ser quatro horas da tarde, um automóvel preto parou na rua em frente ao meu escritório ao ar livre, percebi quando o chofer desligou o motor, abriu a porta, assim que desceu, reconheci Coronel Epaminondas, caminhando em minha direção. Aproximou-se frontalmente, cumprimentou-me e sentou-se em um banquinho em minha frente. Não tive coragem para perguntar: À que devia a honra de sua visita, como da primeira vez. Porque sinceramente, com aquela visita não estava me sentindo nada honrado. Perguntou-me: – César, você gosta de pescar?

— Para dizer a verdade, acho que nem sei pescar direito.

— Estou indo pescar no rio, em um local privativo, que mandei limpar e cercar, nos fundos de minha propriedade, caso você queira espairecer um pouco, passei aqui para convidá-lo conhecer, o lugar onde costumo pescar. Se preferir poderá levar sua bíblia, para ler.

— Será um prazer acompanhá-lo, só que não pos-
suo os apetrechos de pesca.

— Não será necessário, estou levando algumas varas já montadas.

Entramos no automóvel, perguntei-lhe: – Esse é o automóvel que me trouxe naquela noite?

— Exatamente, você não se lembra dele?

— Naquela noite estava tão mal, que apesar de ter visto o Senhor algumas vezes, em seu escritório antes de lhe conhecer, e mesmo depois que o conheci, jamais suspeitei que seria o motorista daquele automóvel que me trouxe, andei procurando por ele, para agradecê-lo, mais na esperança que me reconhecesse.

— Como lhe disse, deveria ter procurado aquela pessoa no outro dia, mas com tantos compromissos, nunca mais me lembrei daquele episódio. O mais incrível é que Eulália, também nada me falou sobre o assunto.

— Coronel, se o Senhor consentir, poderá ser em sua presença, gostaria de conhecer e conversar com Dona Eulália, imagino que seja uma mulher de muita personalidade.

— Isso garanto que é, no próximo domingo, você está convidado almoçar com a gente, então poderá conhecer e conversar com as quatro, menos sobre nosso

segredo doméstico, que elas ignoram que você também conhece.

— É claro Coronel, quanto a isso o Senhor pode ficar despreocupado, para dizer a verdade nunca me confessei ao padre, mesmo se o fizesse, nem a ele diria nosso segredo.

— É por isso que gosto de você, por confiar, te admirar, sei que nunca me decepcionará.

Quando terminamos essa conversa, percebi que o automóvel, estava passando sobre um mata-burros, que dava acesso à uma clareira à beira do lindo rio, com suas águas límpidas e correntes. Paramos à poucos metros de sua margem, sobre o barranco. Descemos, Coronel abriu o capô traseiro do auto, retirou as varas, e um covo pequeno, colocou um chapéu de pano na cabeça, pegou uma vara, sentou-se no barranco de pedras, e começou pescar. Fiquei observando, e imaginando a facilidade, há menos de dez minutos, estava lendo minha bíblia, agora me encontrava às margens daquele paraíso natural, talvez tenha sido a beleza e a paz daquele rio, que havia inspirado o Coronel, colocar esse nome na cidade. Quando o vi fisgar seu primeiro peixe, não resisti, peguei uma vara e fui pescar.

Depois da pescaria que durou cerca de uma hora, o suficiente para encher o pequeno covo de peixes pequenos, guardamos tudo no carro. Coronel abriu a porta luvas do automóvel, retirou um revólver e uma caixa de munição, e disse-me:

— Sempre que venho aqui, pratico minha pontaria, não precisa se assustar.

Colocou uma espécie de João bobo, feito de um material que não saberia dizer, e o prendeu sobre um toco, afastou-se uns vinte metros, deu uma série de tiros com a mão direita, sem errar um só tiro, recarregou a arma, e com a mão esquerda repetiu o exercício, a cada tiro que dava, o boneco inclinava com o impacto do projétil, e retornava à posição normal, ao todo deve ter feito uns vinte disparos, se chegou errar o alvo alguma vez, não percebi, depois disse-me:

— Quer praticar?

Respondi-lhe: – Não sei nem pescar, imagina atirar.

Ceguei em meu barraco quase noite, aquela noite não precisaria ir ao escritório do Coronel, estava impressionado com o passeio, e a beleza daquele lugar, nunca havia saído da cidade. Fiquei pensando qual teria sido sua real intenção, em fazer aquela demonstração de tiro ao alvo, teria sido um recado cifrado, alertando-me para que não vacilasse com as informações que possuía, eliminar-me seria para ele uma tarefa muito simples, um tiro na cabeça, depois o rio se encarregaria de desaparecer com o cadáver. Não sei por que, sempre desconfiava das pessoas, às vezes penso que não confiava nem em mim mesmo. Meu senso de responsabilidade sempre foi deficitário, guardar comigo aqueles segredos sobre o Coronel, colocava em xeque, minha própria credibilidade sobre mim mesmo. Gozava uma confiança do Coronel, que talvez não fosse digno, mas como ele mesmo disse, gostava de mim, por confiar, e admirar-me, sabia que nunca o decepcionaria. E se eu chegasse decepcioná-lo. O que me aconteceria?

Pela primeira vez na vida, encontrei uma pessoa disposta ensinar-me bons valores, depositar em mim confiança, por que esse medo, essa insegurança, essa minha dificuldade em assumir responsabilidades? Acendi minha lamparina, abri a bíblia no Evangelho, no ponto em que havia parado, depois de ter lido por uma hora, todos aqueles pressentimentos desvaneceram como por encanto. Peguei alguns pães dormidos, saí para fora, sentei-me no meu lugar de costume, enquanto comia, pensava no convite que Coronel me fizera. No domingo, iria conhecer mais intimamente o ambiente daquela mansão, e as quatro mulheres que segundo ele, constituíam um de seus dramas pessoais.

Na verdade, precisava comprar roupas mais apresentáveis, para causar boa impressão, meu enxoval de roupas, se resumiam em apenas duas trocas, enquanto usava uma, a outra descansava no varal improvisado, não seria extravagância, seria pura necessidade, estava decidido, com o dinheiro que receberia na sexta-feira, compraria mais uma troca de roupas, e seria no sábado.

16/01/2022

Almoço com Propósitos

NA SEXTA-FEIRA à noite, durante a conversação com Coronel, aconteceram dois fatos relevantes para mim, recebi meio salário relativo àquela semana, à título de adiantamento, ficou combinado que deveria chegar em sua casa no domingo às onze horas, o almoço certamente seria ao meio-dia. No sábado percorri algumas lojas, comprei uma calça e uma camisa, consumiu boa parte de meu salário, para meu sapato não destoar, o engraxate Socó, como era conhecido, caprichou na

graxa e na flanela, não ficou perfeito, se não observassem direito não perceberiam que era muito velho, e nem imaginariam que o encontrei em um cesto de lixo, em frente uma casa. No sábado à noite estava tão ansioso e emocionado que não consegui concentrar-me no estudo bíblico. Fiz uma oração na hora de dormir, pedindo a DEUS, que me concedesse sabedoria e tranquilidade, para que tivesse serenidade, que não viesse cometer nenhum deslize, que compromettesse ao Coronel, nem a mim.

Às onze horas pontualmente, toquei a campainha do portão da casa grande, Coronel Epaminondas veio receber-me, usava roupas caseiras, calçava chinelos confortáveis, cumprimentou-me com cordialidade como sempre, e disse-me:

— Vamos contornar a casa pelo lado, até a área do fundo, todas estão lá preparando o almoço.

Coronel tomou a dianteira, o fui seguindo, observando os detalhes, chegamos a uma área espaçosa, com várias cadeiras de descanso espalhadas, na parte central, enorme mesa de madeira maciça, rodeadas de cadeiras igualmente resistentes, porém ricamente trabalhadas, fomos entrando até aproximarmos da porta que dava acesso à enorme cozinha. Dona Eulália veio ao nosso encontro, Coronel a apresentou-me dizendo: – Sr. César, esta é Dona Eulália.

Cumprimentamo-nos formalmente, ela sorriu docemente, e disse-me: – Nonô disse-nos que receberíamos um amigo para o almoço, como sendo um amigo, pode chamar-me Zazá. Vou apresentar-lhe

nossas colaboradoras, pela ordem alfabética, como são tratadas aqui: Sr. César, esta é Zezé, esta Zizi, e esta Zuzu.

Todas me cumprimentaram com o mesmo sorriso receptivo da patroa, ou melhor, de Zazá, as quatro aparentavam ter a mesma idade, eram igualmente bonitas, assim que se moveram não saberia mais dizer, quem era quem, estavam as três igualmente uniformizadas, usando aventais idênticos, uma delas me disse: – Estamos terminando de fazer o almoço, depois voltamos para conversar, com sua licença.

Lhe respondi: – Fiquem à vontade, por favor.

As três voltaram para cozinha, Zazá aproximou três cadeiras, das que estavam espalhadas, sentou-se em uma, Nonô sentou-se em outra, entendi que deveria me sentar na última, e sentei-me. Coronel como anfitrião, tomou a palavra e começou explicar para Zazá:

— Zazá, como você sabe, não comento meus assuntos particulares com vocês, mas há algum tempo Sr. César, vem ajudando-me escrever minha biografia, como tem facilidade com as palavras, vou contando-lhe meus feitos, e ele vai redigindo. Assim que o trabalho estiver mais adiantado, pretendo que nos ajude selecionar, os assuntos que devemos ou não aproveitar, para fazer parte do documento.

— Terei muito prazer e muita honra, colaborar, mas entendo que você, tem o direito de decidir aquilo que gostaria que o público conhecesse sobre sua vida. Você não concorda Sr. César?

— Penso que a decisão final cabe ao Coronel, mas três ou mais cabeças pensam melhor que apenas uma, considero que uma equipe para realizar esse trabalho seria o ideal, sem dizer que cada pessoa tem critério próprio para tecer suas considerações.

Dona Zazá, perguntou-me: – Sr. César, essa é sua profissão, ou é um trabalho aleatório, por que penso que poucas são as pessoas que decidem revelar suas vidas particulares?

— Na verdade é um trabalho aleatório, que nesse caso particularmente, tem mais intenção histórica e documental, que interesse particular. A população de Paraíso cobra a existência desse trabalho, muitas são as informações desconstruídas que circulam, sobre a fundação de Paraíso, e das origens de seu fundador, foi por perceber esse desejo coletivo, que procurei o Coronel, e propus auxiliá-lo nesse trabalho. Mas na verdade sou formado em literatura, apesar de ter lecionado por algum tempo, até agora não cheguei produzir nenhum trabalho relevante, sou muito agradecido ao Coronel, por confiar-me realizar esse trabalho, que é sem dúvida o mais importante que realizo.

Coronel tomou a palavra, e expôs seu pensamento: – Em minha opinião, depois que terminarmos esse trabalho, poderia escrever sua própria história de vida. Pelo que já me revelou, é um exemplo de superação como poucos, daria uma boa história.

Dona Zazá, se expressou nesses termos: – Conversando com as meninas aqui de casa, já disse a elas

mais de uma vez, que todas as pessoas, têm sua história de vida muito interessante, as pessoas são insensíveis e não valorizam nem a si, nem suas superações, nem seus fracassos, tudo que nos acontece tem o poder de nos ensinar alguma coisa.

Coronel Epaminondas, preparava-se para dizer alguma coisa, quando as três colaboradoras chegaram, haviam tirado seus uniformes, e vestido roupas de domingo, cada uma ao seu estilo, traziam uma jarra de licor, e copos de vidro em uma bandeja, uma delas disse:

— São servidos tomar um licorzinho?

Para descontrair, brinquei: – Obrigado, não vou aceitar o licor, mas gostaria que se identificassem novamente, acho que agora conseguirei memorizar quem é quem?

Dona Zazá levantando-se, aproximou-se de cada uma, e disse o nome de cada uma delas, tomou um copo e a jarra com o licor, e serviu o Coronel, depois insinuou servir-me, fez um gesto dizendo que não, então serviu-se, disse às colaboradoras, sirvam-se e sentam-se meninas, daqui um pouco almoçaremos, cada uma fez conforme Dona Zazá recomendou.

Tornei brincar, perguntando às meninas: – Vocês nunca brigam?

As três começaram rir, Dona Zazá respondeu-me: – São iguais crianças, mas todas me respeitam.

Coronel lembrou-se do que pretendia dizer, e desabafou: – O que Zazá disse, de cada pessoa ter sua própria história, é a mais pura verdade, cada um faz

a sua, DEUS nos deu inteligência e o livre arbítrio justamente para isso, se acertamos ou se erramos, a responsabilidade é somente nossa, e somente nós responderemos pelo que fazemos. E muitas vezes erramos, conscientes de que estamos errando. E se alguém vier nos dizer que fazer aquilo é errado, achamos ruim, mesmo assim cometemos o erro. Por isso todo erro que praticamos, cedo ou tarde teremos que repará-lo. Só assim aprenderemos não errar. Mas penso que agora, está na hora de trazer as panelas para essa mesa, para vermos o que contém dentro delas, você não acha Sr. César?

— O Senhor é quem manda, apenas obedecemos.

Em poucos minutos as panelas fumegantes estavam sobre a mesa espaçosa, exalando seus odores sugestivos, cada um ocupou sua cadeira, e fazer seu próprio prato. Não seria necessário dizer que há muito tempo, e que minha mente não recordava se alguma vez teria deparado com um cenário tão apetitoso. Para manter o clima descontraído, perguntei:

— Todos os domingos o almoço é assim?

Coronel, respondeu-me: – Não, hoje as meninas capricharam mais, acho que vou convidá-lo mais vezes para vim almoçar aqui.

Dona Zazá, se explicou: – Já disse à Nonô, que apesar de morarmos em uma cidade, vivemos praticamente isolados nessa casa, muito raramente saímos para almoçar em um restaurante, ou na casa de algum conhecido. Também poucas são as pessoas que veem aqui para uma refeição, ou mesmo para conversar.

— É justamente sobre esse aspecto que a população local, faz juízo destorcido sobre vossa família, pelo fato de não se misturarem. Não obstante todos vocês serem pessoas legais, e simples, as pessoas acabam desconhecendo que são assim. Por isso esse nosso trabalho tem que ser bem fundamentado, que seja capaz de refletir exatamente quem e como são, a partir de então vão conhecê-los melhor.

Depois do almoço, enquanto as meninas recolhiam a mesa, Coronel convidou-me para conhecer o interior da parte inferior de sua casa, explicando que na parte superior tinha apenas os quatro dormitórios e as toaletes. Na parte que visitamos, tinha: Uma cozinha espaçosa com paredes revestidas com azulejos, um armário enorme e a pia também grande, depois uma sala de jantar, com mesa e cadeiras do mesmo tamanho da que estava na área externa, com estilo mais sofisticado e delicado, segundo Coronel, raramente aquela sala era utilizada, depois duas salas enormes germinadas, que já conhecia, devido a primeira vez, quando lá estive, um ou dois banheiros sociais, e um escritório, com mesa e cadeira, e uma estante com muitos livros, e um cofre de aço, fixado na parede. Quando adentramos o escritório, Coronel foi até a estante, procurou e encontrou um livro, e entregou-me, perguntei-lhe:

— Que livro é esse, o Senhor está me emprestando?

— Não, é um presente que estou lhe dando. Esse livro foi psicografado por Francisco Cândido Xavier, um meu conterrâneo, lá das Minas Gerais, que conta as His-

tórias de Paulo e Estevão, duas personagens dos tempos de Jesus Cristo, que habitaram a mesma região, não diria que eram conterrâneos de Jesus, segundo esse mesmo livro diz que Paulo de Tarso, antes de converter-se ao Cristianismo, chamava-se Saulo, e tinha cidadania Romana, o que lhe salvou da tirania dos Judeus, a mesma sorte não teve Estevão, que era um cidadão comum judeu, por ter se convertido ao Cristianismo foi morto à pedradas.

— Coronel, desculpa minha ignorância, mas o que significa ser, um livro psicografado?

— Significa que tudo que contém nesse livro foi revelado através da mediunidade de Chico Xavier, obtido de um Espírito, nesse caso o Espírito “Emmanuel”. Depois que você terminar o estudo dos Evangelhos, leia com muita atenção, se você não sabe, esse Paulo do livro é o mesmo que escreveu aquele monte de cartas, constantes no Novo Testamento, em Atos dos Apóstolos, um dos maiores divulgadores do Cristianismo, para não dizer o maior.

— Coronel, depois que eu ler esse livro, prometo devolvê-lo. Pelo jeito como falou dele, senti que tem admiração e estima muito grande por ele.

— Isso é verdade, mas não se preocupe, eu tenho um outro, idêntico que nunca foi usado.

Quando retornamos a área do fundo, haviam colocado seis cadeiras, dessas bem confortáveis, bem próxima umas das outras, e as quatro estavam sentadas conversando e nos aguardando, assim que Dona Zazá, viu o livro em minhas mãos. Perguntou-me:

— Você pretende ler esse livro?

— Pretendo, por quê?

— Quando Nonô comprou e leu esse livro, isso deve ter sido há uns dois anos, ficou tão emocionado e impressionado que pediu que eu também o lesse. Demorei quase um mês, mas enquanto não terminei não parei de ler.

— Não sabia que a Senhora também gostava de ler?

— E não gosto, meu estudo é muito pouco, tenho dificuldade entender o que leio, mas esse livro gostei de ler, e Nonô, me ajudou entender certas coisas.

Então perguntei às outras mulheres, se gostavam de ler. Duas balançaram a cabeça negativamente, depois disseram sorrindo que não sabiam ler. Como a outra se manteve calada, fiz a pergunta diretamente para ela, respondeu-me: — Eu cheguei ir à escola quando pequena, aprendi ler, mas sou como Dona Zazá, não consigo entender o que leio. Já se uma outra pessoa ler em voz alta, eu compreendo. Então chegou a vez de Coronel Epaminondas, se explicar:

— Quando éramos pequenos, eu e meus irmãos frequentamos uma escola dessas de fazendas, posso dizer que aprendi bem a parte das operações com os números, mas ler muito pouco, mas depois dos quatorze anos, eu lia mais não entendia, fui me esforçando, porque tinha muita vontade entrar para o Exército, continuei me esforçando, hoje entendo perfeitamente o que leio, só que demoro para ler uma página, enquanto não entender não sigo em frente.

Então dei minha opinião de ex-professor de literatura: — Em minha opinião, o Coronel Epaminondas, apesar de ter pouca leitura, como ele mesmo diz. É dono de um

conhecimento profundo das coisas, que poucos homens instruídos têm, isso chama-se sabedoria de vida, Coronel fala sobre qualquer assunto com segurança, conhecimento de quem conhece as coisas na prática, tanto é que sempre foi bem-sucedido em tudo que empreendeu. Eu por exemplo, só sei ler e escrever, não entendo de mais nada, nem de roça, nem de mato, nem de gado, nem de diamante, nem de negócios, nem do mundo, nem da vida, e temos a mesma idade, em comparação com o Coronel, considero-me analfabeto, e ele para mim é um Catedrático.

— Não é bem assim, você também tem conhecimento. Mas outro tipo de conhecimento.

— O Senhor quer dizer, conhecimentos inúteis.

E todos rimos.

Zizi, a Senhora que disse ter ido na escola quando pequena, mas não entendia o que lia, perguntou-me:

— O Senhor não tem esposa?

— Não tenho, por aí a Senhora pode imaginar, o quanto sou incompetente, nem uma esposa possuo.

Dona Zizi, tirou suas conclusões e disse: – Ah não, um homem tem que ter uma esposa, arruma uma boa mulher, e sua vida vai melhorar.

E todos rimos novamente, menos Dona Zizi.

Dona Zazá disse-me: – Sr. César, sabe por que Zizi, está lhe falando desse jeito, por que casar-se sempre foi seu maior sonho, não é verdade Zizi?

Dona Zizi, confirmou dizendo: – Eu tenho fé em Deus, e esperança, que um dia ainda vou me casar, com um homem bonito e rico, assim como Coronel Nonô.

E todos voltamos rir, menos ela. Por ser o que realmente mais desejava.

Levantei-me e disse: – A conversa está muito boa, foi um prazer muito grande conhecer vocês quatro, são muito simpáticas e divertidas, o almoço estava ótimo, mas hoje é domingo vocês querem descansar, qualquer hora volto para conversar mais.

Despedi-me, cumprimentando e agradecendo a todas, Coronel levantou-se para acompanhar-me até o portão, chegando ao portão, disse-lhe:

— Foi um prazer muito grande passar essas horas, na vossa companhia, adorei conhecê-las, o Senhor é um homem de muita sorte, e merece ser. Mais uma vez, obrigado pelo livro.

Coronel apertou minha mão, e sorrindo disse: – Até amanhã às oito horas.

18/01/2022

Parceria Cautelosa

CHEGUEI EM CASA, e lembrei-me de um assunto, que gostaria ter tratado com o Coronel, e acabei me esquecendo, mas na segunda-feira, queria resolvê-lo. Deitei-me em meu colchão, e fiquei pensando nas mulheres, que consistiam em um drama pessoal para o Coronel, como já havia concluído, em um drama não muito dramático. Das quatro, apesar de todas serem bonitas, Zizi foi a que mais me impressionou, talvez por ser um pouco morena, e a mais jovem, possuía um olhar pene-

trante capaz de entorpecer um vivente desprevenido. Quando me perguntou se não tinha esposa, flertou-me com um olhar inquiridor, que não sei como consegui encontrar de pronto, a resposta condizente com minha triste realidade de homem sem perspectivas. Mas sem dúvida, aquele olhar possuía potencial magnético, para desestabilizar a paz de espírito de um pecador solitário como o meu. Depois declarou que gostaria casar-se com uma pessoa rica como o Coronel, como se estivesse me dizendo, não sou para seu bico gavião.

Um homem como eu, que teve em mãos, todas as condições para realizar todas suas aspirações, e deliberadamente jogou tudo na vala do esgoto. Não deveria mais sentir esses rompantes sentimentais impróprios e inadequados, que só servem para esmagar um coração que já se encontra literalmente esmagado, pela culpa e arrependimento. Olhei do lado, e vi a bíblia me acenando, e uma voz me dizendo: “O tempo que lhe foi acrescido, foi para consertar suas mazelas, não queira sopesar o fardo que não está conseguindo carregar”. Peguei a bíblia, e abri aleatoriamente, meus olhos pararam sobre uma frase que dizia: “Todas as coisas me são lícitas. Mas nem todas convém”, continuei lendo, na sequência. “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”. Procurei em que parte da bíblia se localizava esses dizeres, constatei: “Novo Testamento, em Atos dos Apóstolos, Coríntios 1.6.12.”

Tomei o Livro Paulo e Estevão, que acabara de ganhar do Coronel, o abri aleatoriamente, comecei lê-

-lo, e não conseguia parar, penso que li umas vinte ou trinta páginas, o suficiente para entender que Saulo de Tarso, que era uma pessoa muito importante e conhecida, quando começou pregar os ensinamentos de Jesus, passou ser perseguido pelos Escribas e Fariseus, por sugestão de Barnabé, um cristão que o acompanhava em suas pregações, trocou seu nome para Apóstolo Paulo, que ninguém conhecia. Saiu pregando o Evangelho, conforme as anotações de Levi, porque os Evangelhos bíblicos hoje largamente conhecidos, ainda não haviam sido revelados, até que foi preso, mesmo encarcerado passou escrever as Epístolas, que eram cartas, enviadas às escondidas a aquelas comunidades que ele havia visitado e feito suas pregações. Descobri que aqueles nomes como: Coríntios, Efésios, Filipenses, Romanos, Colossenses, Tito, Timóteo, Pedro, eram justamente às igrejas daquelas localidades, ou as pessoas daquelas comunidades, onde o Cristianismo estava sendo divulgado. Às vezes acontecia de mandar mais de uma Epístola (carta), para a mesma comunidade ou pessoa.

Outro detalhe que chamou minha atenção, e me fez acreditar sem nenhuma restrição, nas palavras do Coronel, quando me explicou o que vinha ser um livro psicografado, a narração da história do livro, da forma como está apresentada, só poderia proceder de uma fonte que conheceu aquela região e aquelas pessoas profundamente. Não tenho qualificação, nem elementos para provar, nem uma coisa, nem outra, minha inteligência limitada, não concebe que uma pessoa,

mesmo sendo uma sumidade dos recursos históricos, geográficos e literários, teria condições para retratar com tanta fidelidade, os detalhes de uma época, e de uma civilização com tantos traços de autenticidade, capaz de reproduzir fatos e acontecimentos que a história da civilização humana precariamente grafou em seus registros, nas páginas dos alfarrábios, e dos pergaminhos que se encontram carcomidos pela ação nefasta dos tempos, que ressurgem nas centenas de páginas desse livro, como se lentes poderosas, tivessem o poder de ressuscitar e reviver fatos que até então eram obscuros, mas tornaram-se possível pelas vias da comunicação espiritual.

Na segunda-feira como sempre, com um pouco de antecedência cheguei ao escritório do Coronel, e antes que me esquecesse, lhe disse: – Coronel, sinto-me na obrigação de conversar um assunto com o Senhor, que estou até constrangido, pelo tempo que ando protelando essa conversa. Somente naquele dia que me revelou, que tinha sido o Senhor que havia me socorrido, depois me deixado em um salão abandonado de sua propriedade, me dei conta que sou um seu inquilino que está em débito, ou talvez até deseje que desocupe aquele espaço. Porque até então não sabia quem era o verdadeiro dono daquele prédio. Quero que seja sincero e me diz, o que deseja que eu faça, penso que em alguns dias posso encontrar um outro lugar para morar.

— Como você nunca se manifestou, estava pensando requerer seu despejo, o que pensa sobre isso?

— Peço que o Senhor me perdoe, penso que não será necessário, era só ter me falado, já teria mudado.

— Cesar, estou brincando, você pode continuar ocupando e protegendo aquele espaço, pelo tempo que desejar, o dia que precisar que você saia, eu mesmo providenciarei espaço melhor para você.

— Obrigado Coronel, e que Deus lhe pague por tudo. Mesmo assim quero que me desculpe, por somente hoje dar satisfação ao Senhor.

Coronel Epaminondas abaixou a cabeça, depois como estivesse meio atrapalhado, perguntou-me: – Gostaria saber quais foram suas impressões sobre as mulheres lá de casa?

— Para quem vê a coisa de fora, pode pensar que o Senhor ocupa uma das posições mais privilegiadas, que um homem gostaria de ocupar. Não obstante as quatro mulheres que lá residem serem pessoas amáveis, simpáticas e discretas. Pressentia que me faria essa pergunta, então coloquei-me mentalmente em sua posição, e não me senti nada confortável. Porque penso que dentro daquela casa ninguém está feliz. Somente agora compreendi as razões quando me falou que se sentia vítima de um esquema maquiavélico, arquitetado por Dona Eulália, e que estava inserido nele por força das circunstâncias.

— O fato de você colocar-se em meu lugar e não se sentir confortável, não corresponde sentir o mesmo que realmente sinto, está muito distante de compreender o que se passa comigo. Um homem quando rompe o limi-

te das coisas naturais, fica à margem daquilo que é certo, não é o julgamento das pessoas que o perturba, é a paz da consciência que o abandona.

— Coronel nos países orientais, e em muitos países do Continente Africano, a poligamia é praticada legalmente e ostensivamente, está diretamente vinculada à capacidade econômica do homem, que no caso assume todas as responsabilidades sociais e pecuniárias perante sua prole, e esses cidadãos vivem em paz com suas consciências.

— Você disse bem, lá a poligamia é considerada legal, aí está a diferença do homem oriental para o homem ocidental. Os conhecimentos sobre Deus, e Suas Leis, fizeram com que os homens e as religiões também evoluíssem. A população dos países que rejeitaram o Cristianismo, estacionou em seus conhecimentos sobre Deus e Suas Leis, suas consciências não evoluíram, para eles certas barbáries ainda são normais. Eu como homem ocidental e Cristão, praticando a poligamia, me considero na contramão da evolução humana, Deus, nos fez racionais para que nos amássemos uns aos outros e evoluíssemos. É uma questão de racionalidade, a natureza produz uma mulher para cada homem, logo um homem que exerce domínio sobre dez mulheres, não está preocupado que nove homens ficaram sem suas mulheres, então promovem deliberadamente o morticínio de homens, para aplacar o desequilíbrio entre o número de homens e mulheres. Logo esse homem está infringindo várias Leis Divinas, será infeliz, e estará fazendo dez mulheres extremamente infelizes.

— Então não estava errado, quando disse que dentro de sua casa ninguém está feliz?

— Não. Por isso tenho que romper com esse esquema maquiavélico, idealizado por Eulália.

— E como pretende fazer isso?

— Há algum tempo, quando Zizi, que na verdade se chama Sandra, veio trabalhar em nossa casa, deveria ter na época trinta e cinco anos, mas até então não tinha se relacionado intimamente com nenhum homem, à princípio não queria aceitar participar do esquema de rodízio, aceitaria caso assumisse condição de exclusividade, mas as outras não concordaram, então pediu para ir embora, mas gostei dela, e com muito jeito a convenci ficar e participar, e lhe prometi que no prazo de três anos acabaria com tudo aquilo. A partir do momento que ela passou frequentar meu quarto, receber as outras passou ser para mim um tormento. Desde então venho tentando convencer que as outras desistam, mas Eulália não permite. Como você mesmo disse, duas ou mais cabeças pensam melhor que uma, gostaria que me ajudasse com algumas ideias para me livrar das outras três.

— Coronel gosto muito do Senhor, e muito lhe devo por tudo que fizeste por mim até hoje, gostaria de possuir de imediato a solução para seu problema, como há de reconhecer lidar com o ser humano é complicado. Penso que com inteligência e jeito, haveremos de encontrar a solução menos danosa para pôr fim nessa situação, a partir de hoje vou acionar meus neurônios, não lhe peço nada em troca, será minha forma de retribuir o

muito que já lhe devo. Não vamos nos precipitar, como o Senhor disse certa feita. Quem já se deixou vender uma vez, tem seu preço, não vai deixar de fazê-lo novamente.

— Por isso gosto de você, pode ir pra casa e começar acionar seus neurônios.

20/01/2022

Coronel Epaminondas, Cada Vez, mais me Surpreende

NÃO SEI DIZER exatamente por que, mas desde o princípio algo me dizia que alguma coisa haveria de estar incorreta, naquela convivência de um homem, relativamente jovem com quatro mulheres ainda mais jovens. Principalmente quando esse homem era rico e descomprometido. O homem por natureza é um animal propenso a prevaricar, principalmente quando lhe

falta o freio de uma paixão e de um amor verdadeiro, não exatamente por sentir essa paixão e esse amor verdadeiro, mas por medo perdê-lo. Quanto à mulher, ou às mulheres, abstenho-me de revelar meu parecer. Se o próprio Coronel, alegou dificuldade para compreender a natureza feminina, logo ele que convive com quatro, imagina um homem solitário como eu, mas isso não significa que não possuo opinião própria formada sobre a questão. É o que tentarei demonstrar para ajudar o Coronel, sair desse imbróglio.

Estou chegando à conclusão que o homem dispõe de um manancial perene de informações, mas por incúria não as procura. A palavra de DEUS, é a fonte mais segura onde poderemos saciar a sede de nosso desconhecimento. Quando o homem nortear suas ações nos Mandamentos Divinos, e nos Exemplos de Jesus, certamente não se decepcionará, mas quando nortear-se pelos seus instintos e pendoros vai errar, depois terá que consertar suas próprias mazelas. Estou me sentindo como uma ilha, um bloco de terras, cercado de água por todos os lados. No meu caso, um bloco de mazelas, cercado de instruções transcendentais, por todos os lados, e a voz da consciência falando em meu ouvido: “O tempo que lhe foi acrescido, foi para consertar suas mazelas, não queira sopesar o fardo que não está conseguindo carregar”. Compreendi, se desejasse ajudar o Coronel, teria de cuidar-me de não cometer desatinos, que viesse comprometer ainda mais minha situação. Para isso foi me acrescido um tempo para despojar-me dos deslizes já cometidos.

O ato de mentalizar a DEUS, ou a JESUS CRISTO, e pedir que lhe seja revelado uma instrução para orientar os pensamentos. Depois abrir o Evangelho aleatoriamente, para quem tem fé e acredita, pode ser um método válido, isso não implica que sempre vai funcionar, naquele domingo, a mensagem revelada, deu-me forças para tirar aqueles pensamentos da cabeça, e o desenrolar dos fatos, revelou-me que aquele caminho estava deveras obstruído.

Tomei a bíblia, selecionei o bloco de páginas que continham os quatro Evangelhos, e os Atos dos Apóstolos, pus-me em orações. Porém considerei que o momento e a intenção não eram pertinentes, antes de recorrer a esse recurso, teria que esgotar todas minhas possibilidades, afinal havia prometido que queimaria alguns neurônios, e por mim mesmo encontrar uma resposta, o caso não requeria urgência. Melhor seria estudar algumas páginas do Evangelho, talvez nas entrelinhas escondessem uma orientação racional sobre o assunto. Na verdade, a leitura que realizei naquela noite, esclarecia que colhemos aquilo que semeamos, são nas adversidades que temos oportunidade de considerar que erramos, é o ônus que pagamos pelo nosso erro. Assim como eu havia contraído um passivo, que competia somente a mim resgatá-lo, o mesmo ocorreu com Coronel Epaminondas, e com cada uma daquelas quatro mulheres, certamente todos passaram ser devedores, competia cada um à sua maneira pagar sua dívida. Engana-se quem pensa, que está passando por

um sofrimento por causa de outrem. Se estamos pagando por algo, é porque somos os devedores diretos. Nem sempre admitimos que aquela dívida nos pertence, isso acontece, porque desconhecemos nosso passado. Certamente um devedor contumaz como eu, com o acréscimo de tempo que me foi concedido, não conseguirei pagar tudo que devo, isso significa que chegarei na próxima existência com meu saldo devedor. Conclui-se que não encontrarei facilidades, enquanto não quitar tudo que devo. Quando admitimos que devemos, sofremos resignados. Quando acreditamos que somos devedores, sofremos com alegria. Quando atribuímos a outrem as razões por que estamos sofrendo, mas nos endividamos. Não foi sem uma justa razão, que JESUS, aconselhou-nos “Reconcilia-te com teu irmão, enquanto estiver no caminho”.

Pelo menos agora tinha uma explicação plausível, para dar ao Coronel, caso me cobrasse ajuda para resolver seus problemas.

No outro dia pela manhã, sentei-me no lugar de sempre, para continuar meus estudos, entendi que Evangelho não se deve ler, deve-se estudá-lo, estava absorto, fazendo algumas ponderações sobre à maneira como Jesus se relacionava com Seus discípulos. Nem percebi quando se aproximou, uma mocinha, deveria ter quinze ou dezesseis anos, muito morena, quase negra, usando um vestido bem surrado, nos pés chinelos de dedo, deveria ter corrido, devido sua respiração ofegante, perguntou-me: – O Senhor mora nesse salão?

— Sim, por quê?

— Deixe-me que esconde lá por uns minutos?

— Pode esconder-se.

Imediatamente ela entrou pela porta do salão, e desapareceu. Logo vi passar pela rua um rapaz negro e forte, deveria ter vinte anos, estava malvestido e sujo, trazia nas mãos um pedaço de pau, como quem estivesse procurando por alguém. Esperei alguns minutos, como ela não retornava, fui até lá, estava deitada no chão, encostada na parede, assim que me viu chegar, sentou-se, perguntei-lhe: – O que lhe aconteceu?

— Tem um rapaz me perseguindo, querendo me bater, talvez matar-me.

— O que ele é seu?

— Ele pensa que é meu marido, e dono de mim.

— Ele passou pela rua, em direção ao cemitério, tinha nas mãos um pedaço de pau.

— É esse mesmo. O Senhor permite que fique escondida aqui, mais um pouco?

— Onde você mora?

— Em um barraco, lá na favela perto do cemitério.

— Com quem você mora?

— Com minha mãe e meus irmãos.

— Não sabia que lá perto do cemitério, tinha uma favela?

— Tem uma favela com mais de quarenta barracos.

— Qual seu nome? Me fale sobre sua família? E o que fazem?

— Me chamo Clarice, moro com minha mãe, mais uma irmã de treze anos, e dois irmãos, um com dez, outro com oito. Minha mãe trabalha, nós pedimos.

— Tudo bem, vai ficando aqui por enquanto. Vou até lá, conhecer essa favela. Me espere até que volte.

Fui até o cemitério e não vi nenhum sinal de favela, perguntei para uma senhora, em uma casa próxima, ela disse-me: – Do lado do cemitério tem uma estradinha, e mais lá dentro do cerrado, há uns duzentos metros, dizem que tem uma invasão de sem terras.

Agradei a Senhora, cheguei até o outro lado do cemitério, constatei a existência de uma estradinha, percorri uns duzentos metros dentro de uma matinha, deparei-me com um descampado, completamente ocupados por barracos. Disse à uma mulher, que gostaria de falar com o líder daquela comunidade, disse-me: – O chefe e a maioria dos homens estão no serviço, só voltam à tardinha. O que o Senhor gostaria saber?

— Colher algumas informações. Voltarei qualquer dia à noitinha.

Imediatamente retornei, quando cheguei em casa, melhor, onde morava, procurei por Clarice, e não a encontrei, havia se ido.

À noite fui ao escritório do Coronel, recebeu-me como sempre, não que tivesse a intenção de azucrinar mais sua cabeça, mas senti na obrigação de avisá-lo sobre o que estava acontecendo dentro de suas terras, disse-lhe:

— Coronel hoje aconteceu-me um fato, sinto-me no dever de revelar, para que o Senhor se inteire do que está acontecendo, suspeito que ainda não tenha conhecimento.

Contei-lhe em detalhe a visita inesperada da mocinha, o que me revelou, e a visita que fiz in loco, para confirmar se era verdade. Coronel colocou sua cabeça entre as mãos, dando-me entender que não estava sabendo de nada. Depois falou-me:

— Se fosse em outros tempos, sabe o que lhe diria? Amanhã vou lá pela manhã, expulso todo mundo, e queimo todos os barracos. Mas hoje, sabe que vou fazer amanhã pela manhã? Se quiser pode me acompanhar, leve seu caderno de anotações, para que registre tudo, quero que faça parte de nosso trabalho biográfico.

— Que pretende fazer lá pela manhã Coronel?

— Acompanhe-me e verá.

— Um detalhe Coronel, que esqueci de lhe dizer. O chefe e a maioria dos homens, saem muito cedo para trabalhar nas fazendas, talvez a hora que lá chegarmos, só encontraremos as mulheres e as crianças, eles só chegam à noite.

— Então vamos lá agora. Vou pegar meu automóvel e você vem comigo.

— Me desculpe Coronel, mas antes terá de dizer o que pretende fazer.

— Acompanha-me, e verá, e não se esqueça de registrar nenhum detalhe.

Levantou-se, apagou a luz, esperou que eu sáísse e fechou a porta do escritório, entrou em sua casa, fiquei lhe esperando em frente ao portão, em poucos minutos seu automóvel apareceu, abri o portão, ele saiu. Assim que me sentei no banco do carona, abri a porta luvas, vi lá seu revólver e uma caixa de balas. Perguntei-lhe: – E esse revólver Coronel?

Respondeu-me: – Ali sempre foi o lugar dele.

Paramos ao lado do cemitério, onde havia a estradinha, descemos do auto, eu disse:

— Agora temos que ir andando.

Chegamos ao descampado apinhado de barracos, todos iluminados com lamparinas, algumas pessoas vieram ao nosso encontro. Coronel disse que queria todos os moradores daquela comunidade reunidos, que tinha um pronunciamento a fazer, pediu que trouxesse uma mesa, uma cadeira e uma boa lamparina. Em poucos minutos centenas de seres humanos, homens, mulheres, jovens e crianças, estavam aglomerados em nossa volta. Coronel tomou a palavra e pediu que comparecesse à frente, o chefe daquela comunidade. Um Senhor gordo e moreno apresentou-se. Coronel começou fazendo as apresentações, nesses termos:

— Meu nome é Coronel Epaminondas Valadão, esse que está comigo é meu secretário Sr. Cesar Ferreira, que vai sentar-se para redigir uma ata, tudo que for dito aqui quero que seja registrado nessa ata, que depois de redigida, será lida em voz alta, e assinada pelas pessoas res-

ponsáveis. Não sei se vocês sabem, sou o fundador desta cidade, essas terras todas me pertenceram, regularizamos um loteamento, e vendemos os terrenos. Essas terras onde estamos aqui, ainda me pertencem, e se estendem mais de quatro quilômetros, entre o rio e a serra. Não será necessário por enquanto se desmanche nenhum barraco, para que continuem neles morando. Nos próximos dias, contratarei por minha conta, uma firma de engenharia, para que seja regularizado um novo loteamento, nos moldes do primeiro, com apenas vinte quadras, com cerca de quinhentos terrenos, com quatrocentos metros quadrados de área, será disponibilizado um terreno gratuitamente, com toda documentação pertinente, a todo chefe de família, que não possua um imóvel urbano, para erguer sua moradia, seja uma casa, seja um barraco. Serão feitos o desmatamento, a demarcação dos terrenos e das ruas. Essa será minha contribuição direta, tentarei sensibilizar os órgãos públicos, das esferas municipal e estadual, para que formem um consórcio de casas populares, e disponibilizem moradias a preços acessíveis para todo trabalhador de baixa renda que deseje adquirir uma casa já construída. O novo loteamento será germinado ao primeiro, sem distinção de continuidade, depois escolheremos um nome para diferenciá-lo. Isso era tudo que queria dizer a vocês, vamos esperar que meu secretário termine de lavrar a ata, para que seja lida em voz alta para que todos fiquem cientes do compromisso que estou assumindo com todos vocês, e moradores desta cidade que não possuem terrenos urbanos, para que depois todos a assinemos.

Nesse momento levantei-me e disse: – Está pronta Coronel, posso ler?

— Faça o favor.

Coronel segurou a lamparina, à altura do manuscrito, eu li bem lentamente, para que todos compreendessem o teor de todo aquele documento. Terminada a leitura, Coronel Epaminondas assinou, depois assinei, e passei ao chefe da comunidade para que assinasse, e convidei para quem quisesse, que assinasse como testemunha.

21/01/2022

Tudo Posso, Naquele a Quem Confio

DEPOIS CORONEL FOI aplaudido por todos, e cumprimentado por muitos, deixamos aquela comunidade deveria ser mais de dez horas da noite. A lua minguante iluminava suavemente o céu despido de nuvens, e permitia iluminar a estradinha que terminava na rua que passava em frente ao cemitério, onde o automóvel preto do Coronel nos esperava. Disse a ele que iria caminhando pra casa, não concordou e pediu-me

que entrasse no auto, chegamos em frente ao salão, desligou o motor do automóvel, e também desceu. Fomos até à mesa sob a árvore e nos sentamos, então disse a ele:

— Coronel, nunca lhe disse, mas o Senhor de vez em quando me surpreende, essa noite imaginei que poderia acontecer muitas coisas. Mas não tive capacidade de imaginar que poderia acontecer coisa tão boa.

— Você chegou ver, se estava lá a mocinha que esteve aqui hoje?

— Não, não cheguei vê-la entre as pessoas. Talvez não estivesse lá.

— Quanto ao que me prometeu, que poria seus neurônios para encontrar solução para meu problema, conseguiu pensar alguma coisa?

— Coronel, estudando os Evangelhos, concluí que não adianta o Senhor conseguir livrar-se delas, e adquirir três inimigas. A solução que encontrei de imediato para solucionar a questão, é doutriná-las.

— Doutriná-las? Não estou entendendo, por que chegaste nessa conclusão.

Expliquei-lhe minuciosamente, a conclusão que havia chegado em minha interpretação Evangélica, que os cinco haviam igualmente se comprometido com as Leis Divinas. Quando fazendo uso do livre arbítrio, se dispuseram contrariar as Leis Naturais. Se usássemos argumentos bíblicos convincentes, e os Evangelhos são pródigos em ensinamentos irrefutáveis e incontestáveis, e as fizéssemos reconhecer que estavam infringindo as Leis de Deus, e a dívida que estavam

contraíndo. Que o Senhor através do estudo e reflexão, já havia se convencido que se encontrava em erro, e que estava muito infeliz. Certamente começariam pensar e concordariam. É claro que teria de recompensá-las, para que não se sentissem prejudicadas ou lesadas, e não guardassem nenhum tipo de ressentimentos. Queria que por hora, pensasse no assunto, na falta de outra solução, penso que essa seria a menos conflitante, afinal quem nesse mundo está sem pecados, e quem não gostaria livrar-se deles.

— Sr. Cesar, às vezes você também me surpreende. Vou começar pensar no assunto, sua conclusão tem fundamento. Um boa noite.

Depois que Coronel foi embora, fiquei pensando o quanto DEUS, é bom para com Seus filhos, permite que erremos, e fornece todos os meios para que nos redimimos de nossos erros, através da inteligência, e de uma infinidade de instruções que nos disponibilizou, mesmo assim perseveramos viver sem solucionar nossas mazelas. E o tempo que me foi acrescido passando célere, eu protelando encarar meus credores. Onde andaria Ângela, que suponho que seja minha principal credora, depois minha filha, que não conheço. Coronel está certo, devo procurá-las, talvez até já me perdoaram. Mas como estou, como procurá-las?

Antes de dormir, pus-me em orações, pedindo a DEUS, uma luz que iluminasse o caminho que deveria trilhar para encontrá-las, para pedir que me perdoassem.

E durante o sono, sonhei com Ângela. Diria que o sonho tinha detalhes parecidos ao anterior, mas deixou-me péssima sensação, agravando meu sentimento de culpa:

Dessa vez Ângela tinha aparência mais envelhecida, visivelmente cansada, abatida e andrajosa, andava da mesma maneira pelas ruas, no meio da multidão, procurando por alguém, de muito perto eu a observava, parava e pedia informações para as pessoas, e as pessoas balançavam a cabeça, como dissessem que não tinha visto a quem ela procurava, como da vez anterior. Quando se sentou no banco da praça, aproximei e perguntei, se havia encontrado a filha? Percebi que desta vez reconheceu-me, e virou-me o rosto, e nada me disse, quanto ia levantar-se para sair, a impedi, e disse-lhe: – Ângela queria que me perdoasse, por tudo que lhe fiz.

Respondeu-me: – Está perdoado pelo que me fez. Só não o perdoo pelo deixou de fazer por mim e pela nossa filha, isso nunca.

Não me lembro se disse mais alguma coisa, acredito que depois disso, acordei, estava sentindo arrasado, tinha esperança de que talvez já houvesse me perdoado. Mas percebi ódio em seus olhos quando virou-me o rosto, minha presença lhe causou repulsa, senti pena dela, deveria estar sofrendo muito. Sentei-me no colchão, em que dormia, porque até então não tinha conseguido comprar nem uma cama velha. Decidi dirigir minhas orações a minha filha, enquanto orava senti

um vazio dentro do peito, que me impediu de continuar, acendi a lamparina, consultei meu velho relógio, passavam alguns minutos das duas horas, passei ler o Evangelho, aos poucos o mal-estar foi desaparecendo. Lembrei-me do que disse o Coronel, que nos comprometemos seriamente quando deixamos de honrar nossos compromissos pessoais, negligenciei completamente meu compromisso de marido e pai.

Logo fui envolvido pelo sono, apaguei a lamparina e dormi, acordei quando a luz do sol, penetrou pela fresta da janela de madeira, já danificada pelo tempo e pelo abandono.

Estava sentado no lugar de sempre, deveria ser dez horas da manhã, meu estômago avisava-me que estava quase na hora de ir almoçar na pensão de Sr. Polenta, que ficava apenas duas quadras de onde morava. Estava entretido lendo as últimas páginas do Novo Testamento, digo lendo, porque de repente, deu-me pressa terminar o estudo bíblico, para iniciar a leitura do livro “Paulo e Estevão”, que sem comparação, deveria ser mais envolvente. Vi chegar toda faceira, Clarice, usava calça comprida preta e blusa cinza, revelando seu corpo magro e esguio, tinha nos pés sapatos rotos. Seus cabelos rebeldes, estavam presos num feixe, amarrados fortemente por um lenço vermelho. Chegou perguntando-me: – Como é seu nome mesmo?

Respondi-lhe: – Cesar Ferreira.

— O Senhor trabalha pra quem mesmo?

— No momento sou secretário do Coronel Epaminondas Valadão, o fundador desta cidade.

— Fiquei sabendo pela minha mãe, e por outras pessoas, que esse Coronel, esteve lá na favela, e prometeu terreno de graça pra todo mundo. É verdade?

— É verdade. Você não estava lá ontem à noite?

— Não, estava trabalhando.

— Que tipo de trabalho, estava fazendo à noite?

— Isso o Senhor não precisa saber.

— E o negão parou de te perseguir?

— Fizemos as pazes.

Num tom de voz mais sério, lhe disse: – Você não tem vergonha mesmo, na próxima vez que vier se esconder aqui, e ele passar te procurando, com um pedaço de pau nas mãos, vou lhe denunciar só para assistir a surra.

— Estou pensando em me casar com ele.

— Faça isso. E esteja preparada para apanhar o resto da vida, se agora já anda querendo te bater, imagina quando se casar com você. Uma hora quero conhecer, e conversar com sua mãe.

— Não faça isso, ela já não gosta de mim. Bom, estou indo pra casa, até mais.

Fiquei pensando no futuro desta menina, tão jovem e destemida, subestimando os perigos da vida. Certamente seria uma forte candidata, começar tropeçar logo, pelos caminhos tortuosos do mundo. Quem nesse mundo seria capaz de impedir que isso acontecesse?

Depois do almoço, retomei a leitura disposto até à tarde concluir a leitura dos Evangelhos, mais especificamente “O Apocalipse”, O que felizmente consegui, mas sinceramente, teria que estudá-lo minuciosamente, por não o ter compreendido direito, mas na verdade aquela leitura havia me cansado. Talvez quando lesse novamente, teria menos dificuldade para entendê-lo. À noite quando retornasse, pretendia começar pela primeira página a leitura da história de “Emmanuel”, sobre Paulo e Estevão.

À noite no escritório do Coronel Epaminondas, depois de umas considerações que fizemos, sobre a estratégia correta de implementarmos a doutrinação Evangélica, as suas quatro concubinas, que por enquanto seria um segredo nosso. Coronel convidou-me para no dia seguinte, acompanhá-lo em uma viagem, até uma outra cidade que ficava relativamente distante, com o propósito de contratar a firma de Engenharia e Planejamento, para elaborar no papel, o projeto de urbanização das vinte quadras, para que depois viessem iniciar os serviços no local, conforme ficou acordado. Aproveitaríamos a viagem para discutir detalhes, sobre a doutrinação das mulheres que abordaríamos. Ficou acertado que viesse a sua casa logo pela manhãzinha, para um café reforçado, para pegarmos a estrada bem cedo. Coronel, decidiu que seria melhor que fôssemos dormir, para que acordássemos mais dispostos para a viagem. Ao deitar deliberei que o início da

leitura do livro de Chico Xavier, ficaria para quando voltasse. Assim que terminei minhas orações, um pensamento suscitou-me a possibilidade, de aproveitar a viagem que faríamos, para tentar obter notícias sobre Ângela, segundo as informações que possuía, passaríamos pela cidade em que ela morava, certamente o Coronel não se negaria ajudar-me. Sentei-me na cama novamente, e me pus em orações, pedindo a DEUS, que possibilitasse condições para que a encontrasse pessoalmente, e se fosse necessário lhe imploraria de joelhos para que me perdoasse pelo que lhe fiz, e pelo muito que deixei de fazer.

23/01/2022

Advogando em Causa Própria

NA QUINTA-FEIRA antes do amanhecer, estava de pé, coloquei a mesma roupa que havia comprado para ir almoçar na casa do Coronel naquele domingo, passei um pano molhado nos meus sapatos surrados, e me dirigi para a casa do patrão. Ainda estava escuro, as ruas estavam desertas, cheguei em frente ao portão, olhei para dentro, percebi as lâmpadas da lateral da casa, todas acesas, ouvi algum barulho nos fundos, decidi apertar a campainha. Em menos de um

minuto, Coronel apareceu e abriu o portão para que entrasse, cumprimentou-me e disse: – Nosso café está quase pronto. Uma das outras duas, que não eram nem Zazá, nem Zizi, já havia posto a mesa farta do café, resolvi arriscar dizer seu nome, teria cinquenta por cento de chance acertar, disse: – Bom dia Dona Zezé!

Olhou-me com meiguice deu um sorriso, e respondeu-me: – Bom dia Sr. César.

Não resisti e perguntei: – Acertei?

— Acertou, eu sou mesmo a Zezé. Podem se sentar e servir-se à vontade.

Comi e bebi de tudo um pouco, enquanto Coronel foi buscar sua maleta, continuei comendo e bebendo. Parei somente quando ele retornou, e perguntou: – Podemos ir Sr. César?

Levantei-me e disse: – Podemos sim. Até mais Dona Zezé.

Coronel foi pegar o automóvel, fui abrir o portão, em poucos minutos já estávamos fora da cidade, então decidi revelar ao Coronel, sobre a possibilidade de realizar aquilo que estive pensando, sobre procurar por Ângela. Falou-me: – Vamos deixar para procurá-la quando voltarmos, achei excelente sua ideia em procurá-la, assim como temos coragem para cometermos nossos erros, temos que ter hombridade para reconhecê-los, e se possível para amenizá-los, por que apagá-los é mais complicado.

— Obrigado Coronel, recentemente tive um sonho não muito bom com Ângela, lhe pedi perdão ela recusou-se perdoar-me.

— Os sonhos com pessoas que ainda estão vivas, geralmente não refletem muito bem o que elas sentem. Sonhar com pessoas já falecidas, penso que são mais verdadeiros. Penso que os falecidos são mais sinceros, isso é o que penso sobre sonhos, não quer dizer que esteja certo.

— Coronel ontem terminei o estudo do Novo Testamento, agora vou ler o livro que o Senhor me emprestou. Mas depois, pretendo voltar estudá-lo, comparo os Evangelhos ao dicionário, nunca seremos capazes de conhecê-lo completamente, é um manancial inesgotável de informações, que à medida que vamos absorvendo seus ensinamentos, novos horizontes de incompreensões vão descortinando.

— Apesar de minha ignorância, hoje percebo como conduzimos erradamente nossa existência. Passamos por esse mundo e tão pouco aprendemos, e tão pouco nos modificamos. Hoje a visão que tenho sobre a razão de existirmos, contradiz com o que tenho feito, ao longo de minha existência, despojarmos de nossas imperfeições, uma tarefa gigantesca, que serão necessárias muitas existências. Somente os tolos poderiam imaginar que os valores que possuímos foram adquiridos nesta existência. E a maioria das religiões não entendem assim, quando as pessoas entenderem que somos seres multisseculares, começarão encontrar respostas.

— Coronel a propósito, qual sua religião?

— Nasci em uma família Católica, à medida que adquiri capacidade de compreender as coisas que leio, descobri que não necessito de intermediário para di-

zer-me no que acreditar. Religião é para as pessoas que não querem assumir responsabilidades, quando as pessoas entenderem que ninguém, somente ela mesma responderá pelos seus atos. Vai começar modificar-se. Demorei, mas compreendi que preciso urgentemente mudar minha maneira de ser e de viver. Muitos ainda consideram por ser adepto, dessa ou daquela denominação religiosa, está melhor ou mais protegido, ledô engano. Olhe para sua vida, você somente mudou quando assumiu responsabilidades.

— O senhor pensou na melhor maneira de abordar as meninas, para iniciarmos nosso trabalho de doutrinação?

— Ainda não, mas acredito que você seja melhor estrategista que eu, e dispõe de mais neurônios para pensar. Eu te ajudarei com Ângela, e você me ajudará com as minhas meninas.

— Coronel penso que teremos que dispensar com os cinco o mesmo tratamento, sem concessões ou privilégios. Enquadrá-los igualmente sob os rigores das mesmas Leis Soberanas, justas e imparciais, possibilitar que cada qual seja julgada e penalizado pelo tribunal da própria consciência. Se criarmos qualquer tipo de favorecimento, abriremos precedentes para discórdias, penso que o Senhor terá que abdicar de Dona Zizi, seria o ônus pessoal que teria que pagar por fazer parte da infração coletiva. Isso não impedirá que a procure em um segundo momento, quando as coisas estiverem equacionadas.

— Eulália não aceitará as mesmas condições das demais.

— Teremos que convencê-la, lastreados nos rigores das próprias Leis, que a punição deverá ser proporcional ao grau de culpabilidade do infrator. E pelo que consta ela foi a mentora intelectual da trama, logo é a mais culpada. Não obstante ter mais direitos, em contrapartida, terá de pagar um preço mais alto, para ficar quites com a Lei. E o palco ideal para as tratativas deverá ser na privacidade de vossa casa, de preferência em dia de domingo, quando todos estiverem desocupados. Como não tenho envolvimento no caso. Serei apenas um mediador imparcial para se evitar conflitos.

— Acho que pelo fato de você não fazer parte do imbróglio, está simplificando muito as coisas, as pessoas não se convencem assim tão facilmente, conscientizar uma pessoa e convencê-la que está infringindo Leis Divinas, é uma interpretação de fórum íntimo, que a ignorância humana tem resistência tremenda para submeter-se. Geralmente a pessoa só consegue compreender e aceitar, quando estiver sob o aguilhão da dor e do sofrimento. Perdoar sete ou setenta vezes sete vezes, é um atributo que poucos felizardos conquistaram, você vai comprovar isso quando encarar Ângela frente a frente.

Depois dessa explanação do Coronel, o silêncio se fez presente, e ninguém disse mais nada, particularmente concordava com ele, a facilidade que encontramos para errar, e a dificuldade que temos para admitir que erramos, são paradoxos que somente a evolução humana será capaz de extirpar, da vida do homem terreno, isso requer esforço e tempo.

24/01/2022

Desagradáveis Descobertas

DURANTE A VIAGEM Coronel perguntou-me se havia aprendido dirigir automóvel, como lhe disse que não, caso soubesse não omitiria entregar-me a direção para que eu conduzisse o auto, justificou-se dizendo, que na sua idade a postura ereta do corpo e das pernas, provocavam dores que incomodavam, sugeri que parasse e desse uma caminhada para flexibilizar os nervos. Ignorou meu conselho e prosseguiu a viagem. Ao anoitecer chegamos ao destino. Procuramos um hotel, jantamos e pernoitamos.

Na sexta-feira pela manhã, procuramos a firma de engenharia. Recebidos pelo proprietário, engenheiro chefe, que se chamava Dr. Otaviano, Coronel explicou-lhe o que pretendia e desejava, e em pouco prazo tudo havia se acertado. Foi firmado um contrato de prestação de serviços, e um documento de procuração, outorgando à firma de engenharia, todos os poderes para viabilizar junto aos órgãos competentes, todas as licenças e os registros, para que depois de elaborado o projeto de urbanização, fosse registrado em Cartório competente. Eximindo o Coronel, de qualquer providência. Estipularam que no prazo de dois meses, as máquinas chegariam em Paraíso, para executarem os serviços de limpeza da área, e a devida demarcação das quadras, ruas e terrenos. Coronel fez questão de adiantar parte do valor combinado, para realização dos trabalhos. Fiquei admirado com o respeito e a credibilidade, com que Coronel Epaminondas, foi tratado pela equipe de Serviços de Engenharia, muitos já o conheciam, mas todos fizeram questão de vir cumprimentá-lo, e parabenizá-lo pela iniciativa do empreendimento. Fui apresentado a todos, como sendo seu Secretário particular, só então tive conhecimento, que seria delegado a mim no momento oportuno, a coordenação da distribuição dos terrenos, todos me cumprimentaram com civilidade e respeito. Às dez horas, estávamos liberados para retornarmos.

Passavam das duas horas da tarde, quando chegamos na cidade em que provavelmente Ângela residia, pelo menos era ali que seus pais sempre moraram, e sabia perfeitamente o lugar onde se localizava a casa deles. Apesar de encontrar tudo

mudado, reconheci a casa onde Ângela morava com seus pais, quando a conheci. Coronel parou o automóvel em frente à casa, descemos, bati palmas. Apareceu um Senhor, que deveria ter setenta anos, cabelos grisalhos, que de imediato percebi que não o conhecia. Perguntei-lhe:

— O Senhor poderia nos prestar algumas informações, sobre os antigos moradores dessa casa?

— Pois não, façam o favor de entrar.

Entramos na casa, na pequena sala, sentamo-nos em um sofá, o Senhor perguntou-nos:

— Vocês são parentes, ou conheceram o antigo proprietário dessa casa?

Respondi: – Fui casado por dois anos com Ângela, filha de Sr. Gabriel e Dona Esmeralda, o Senhor saberia me dizer onde estão morando?

— Faz tempo que você não tem notícias deles?

— Mais de vinte anos.

— Sinto em lhe dizer que a família de Sr. Gabriel, praticamente se acabou. Inclusive quero aproveitar a presença do Senhor aqui, para lhe revelar uma pendência que tem me tirado o sono. A propósito, por acaso o Senhor seria o professor, marido de sua única filha, que segundo dizem, era o maior cachaceiro desta cidade?

— Sim, sou eu mesmo César Ferreira.

— Pois é Sr. César, o que tenho a lhe dizer é muito triste. Primeiro, morreram os pais de sua esposa, ficou ela sozinha, com uma filha problemática, que desde pequena não deu sossego à mãe, vivia drogada pelas ruas, a mãe começou beber também. Quando estava sóbria, andava pelas

ruas procurando pela filha quase mocinha, que sumia de casa. Há muito tempo Sr. Gabriel, tinha uma dívida de dinheiro comigo, depois andei emprestando mais dinheiro à filha, que vivia até passando necessidades. Há uns dez anos atrás, aconteceu um fato que até hoje não ficou bem esclarecido. Segundo algumas pessoas que presenciaram o que aconteceu, mas não quiseram se envolver em denunciar o culpado, Ângela, era como ela chamava, encontrou a filha com uns marginais, então quis trazer a menina pra casa à força, como a menina recusou acompanhar a mãe, um dos marginais, que ninguém sabe quem exatamente, deu uma facada nela, depois todos fugiram, quando foi socorrida já havia morrido, desde então ninguém sabe dizer da menina, se fugiu com os marginais, ou se também a mataram. Como a casa ficou sozinha, e o valor da dívida comigo era superior ao valor da casa, apropriei-me dela, mas até hoje a documentação está em nome de Sr. Gabriel. Quem sabe o Senhor não me ajudaria regularizar a documentação da casa, por que como está, ninguém interessa comprá-la.

— Como é o nome do Senhor?

— Me chamo, Jerônimo da Silva.

— Sr. Jerônimo, estou até tonto com essa história. Penso se minha filha, que nem sei qual é seu nome, ainda for viva, ela é a verdadeira herdeira desta casa, somente ela poderia assinar algum documento, para beneficiar o Senhor, porque de fato, não cheguei casar-se legalmente com Ângela, na época ela era menor de idade, depois nos separamos, nosso casamento ficou assim praticamente desfeito. Nem sei se meu nome consta como pai, em seu registro de nascimento.

— A menina era conhecida aqui na rua como Nice. Mas sei que seu nome era Berenice, mas acho que não tinha Ferreira, em seu nome, talvez na escola que ela estudou uns tempos, existe lá seu nome completo, e o nome de seus pais, nunca pensei verificar isso, por acreditar que ela também já tenha morrido.

— Ela nunca chegou aparecer por aqui, depois que a mãe morreu?

— Isso não, tenho certeza, ninguém a viu mais.

— Senhor Jerônimo, há um ano deixei o vício, estou morando em Paraíso, estou trabalhando com esse Senhor, que se chama Coronel Epaminondas Valadão, que é o fundador de Paraíso, caso um dia precisar de mim para alguma coisa, terei prazer em servi-lo, caso tiver alguma notícia de minha filha, vou deixar meu endereço, para que faça o favor de escrever-me avisando, desejo muito encontrá-la. Apesar de estar chocado com tudo, só tenho que agradecê-lo pelas informações.

Quando deixamos a casa de Sr. Jerônimo, passavam das cinco horas da tarde, era de se esperar que ao anoitecer teríamos chuvas, disse ao Coronel: – De minha parte podemos ir embora.

Coronel respondeu-me: – Vamos procurar um quarto de hotel, depois jantamos, dormimos, sairemos pela madrugada, chegaremos em Paraíso antes do anoitecer, não tenho mais condições de dirigir à noite, e pelo jeito teremos chuvas. Vamos descansar.

25/01/2022

Puxão de Orelha Merecido

NAQUELA NOITE FIQUEI pensando, imaginando Ângela, procurando pela nossa filha, nas ruas da cidade, perguntando a cada conhecido que encontrava, se a tinha visto, muita semelhança com os dois sonhos que tive com ela, mas em nenhum momento passou pela minha cabeça, que ela poderia estar morta. E se estava morta, levou consigo todo ressentimento que lhe causei, uma dívida difícil de se resgatar na presente existência, diria quase impossível, certamente ficaria para próxima. Sem aventar à feira de desventuras,

desencadeadas em consequência de minha falta de responsabilidade. Por mais que eu quisesse ou fizesse nada mudaria o perfil de réprobo que consegui adquirir. Mesmo se renunciasse a tudo, e decidisse ser o menor de todos, o mais humilde, o mais pacífico, o mais manso. Nada compensaria os males que causei. Então elevei meu pensamento a DEUS, e orei do fundo de meu coração:

“Meu Deus, Meu Pai, devolva-me a dor que retiraste de minhas entranhas, eu a mereço continuar sofrendo, quero suportá-la até o último segundo de minha existência, não justifica uma pessoa como eu continuar vivendo, se nada mais posso fazer àqueles que deliberadamente destruí, não deveria ter-me concedido a graça de continuar vivendo, por nunca ter sido digno merecer. Recuso-me continuar aceitando o acréscimo de vida que me concedestes. Considere rompido o compromisso que fiz, de não mais colocar uma gota de álcool na boca, se permitires que continue vivendo, voltarei ser o homem ainda mais abjeto do que fui. Peço que permita que todos meus algozes, descarreguem sem piedade sobre mim, todo furor e ódio que possuem, e inoculem em meu ser, toda peçonha, que faça que sinta a pior e a mais aguda dor que possa existir. Depois que morrer, permita que enviem o que restou de mim, para o mesmo lugar tenebroso, de onde nunca deveria ter saído, e que lá permaneça até o findar dos tempos, se possível que tudo isso se dê ainda essa noite, por me sentir indigno de ver a luz de mais um dia, imploro que assim seja.”

Enterrei minha cara no travesseiro, para abafar meus gemidos, e chorei convulsivamente, maldizendo

toda minha maldita vida, do dia em nasci até aquele que seria meu momento extremo.

Dormi, imagino que tenha sido um sonho. Em frente ao salão que pertencia ao Coronel, o mesmo que eu morava desde que cheguei em Paraíso, havia uma multidão de pessoas, homens, mulheres e muitas crianças. Todos muito bem-vestidos, estavam todos, como estivessem esperando alguém chegar. Não sei como isso se deu, de repente chegamos eu e o Coronel, em seu automóvel preto, descemos, naturalmente fui passando, cumprimentando as pessoas, abri a porta do salão, seu interior estava todo ocupado de cadeiras, dessas simples de madeira, na parte da frente, logo à frente das cadeiras, existia uma espécie de estrado, uns cinquenta centímetros acima do nível do assoalho, quando percebi, estava sozinho sobre esse estrado, e todas as cadeiras já se encontravam ocupadas pelas pessoas que haviam entrado e se sentado.

Sem entender como. Comecei falar sobre uma época, em que a humanidade atravessava um momento difícil, de um lado o poder do Império Romano, fazendo uso da prepotência, da força e da violência, cobrando altos tributos, exploravam os habitantes dessas nações dominadas. De outro lado, o poder dos Escribas, que eram os doutores da Lei, que detinham o monopólio do conhecimento da Lei Mosaica, mancomunados com os Fariseus, que era uma classe dominante de capitalistas, se locupletavam da posição privilegiada que ocupavam, para julgar e explorar os fiéis e a população pobre e humilde. Sob esses poderes tirânicos, vivia uma população indefesa e subjugada

à própria sorte. Foi nesse ambiente que surgiu JESUS CRISTO, um homem simples e humilde, portador de um magnetismo excepcional, com poderes e conhecimentos, que até então a humanidade desconhecia. O Ser mais iluminado que DEUS, enviou a Terra, para orientar a humanidade, sobre os caminhos que deveria seguir para se chegar à salvação. Esse homem, chamado JESUS, com Sua palavra, sábia, mansa, e instrutiva, por onde passava pregando, arrebanhava multidões. A luz de Seu saber era tão poderosa, que ofuscava o conhecimento dos *pseudos* doutores da Lei. Curava os doentes, fazia os paralíticos andar, devolvia visão aos cegos. Falava com propriedade de quem sabia das coisas da vida, de além vida, e das coisas de DEUS. Sua moral ilibada, Seu desapego às coisas materiais do mundo. Sua palavra honesta e verdadeira incomodava aos hipócritas e aproveitadores. Por três anos viveu pregando, ensinando, e exemplificando aos homens, até ser execrado pela ignomínia do ser humano, e o mundo depois Dele, nunca mais seria o mesmo. Seu corolário de ensinamentos mais tarde, seria revelado por Seus Apóstolos, através dos Evangelhos. E o Cristianismo, lenta e gradativamente, como uma luz perene, foi iluminando o caminho dos homens de boa vontade.

Depois, talvez influenciado pelo estudo dos Evangelhos, que havia acabado de realizar, comecei falar deliberadamente sobre as Máximas de Jesus: Que devemos amar a Deus, sobre todas as coisas; Amar ao próximo, como a nós mesmo; Que não só de pão vive o homem; Deus não quer a morte do pecador; Que não

veio destruir a Lei; Que o que contamina o homem, não é o que entra pela sua boca, mas o que sai; Para dar a César o que era de César, e a Deus, o que era de Deus; Vinde a mim, todos que se sentirem cansados e sobre-carregados, Eu vos aliviarei. E muitas outras Máximas e ensinamento de Jesus.

O mais incrível, a facilidade e a coerência, como explicava tudo. Sinceramente, aqueles conhecimentos não me pertenciam, muito menos a eloquência com que tudo dizia. Jamais tinha tido sonho semelhante. Quando acordei, minha alma estava leve, como tivesse extravasado e me libertado de todo aquele remorso que estava sentido. Só então percebi o absurdo, que consistia em aquela oração que proferi antes de dormir. DEUS é tão bom e generoso que ao invés de castigar-me, contemplou-me com aquele sonho maravilhoso. Elevei meu pensamento a JESUS CRISTO, e pedi:

“Nosso Senhor Jesus Cristo: Que esteve aqui na Terra, e conheceu como ninguém, as ignomínias dos homens, suas incompreensões, suas ingratidões, suas hipocrisias, suas pequenezes, e suas covardias. Interceda por mim junto a DEUS, Nosso Pai, com Seu excelso poder, Sua ilibada credibilidade, por sentir-me indigno de Lhe pedir qualquer coisa. Peço, que me perdoe e desconsidere os absurdos de minhas palavras, diz a ELE, apesar de eu possuir o dom da fala, da leitura e da escrita, sou um ser muito ignorante, e irresponsável, que ainda me encontro no nível daqueles Seus filhos que não sabem nem o que dizem, nem o que fazem”.

Nesse momento ouvi um toque na porta do quarto. Era Coronel avisando-me que estava na hora de pegarmos a estrada. Já na estrada, pensei relatar-lhe os acontecimentos da noite, mas uma voz falou em minha consciência: *“Filho, para seu próprio bem, fale menos, reflita mais, e se possível, não continue pecando”*.

27/01/2022

Em Primeiro Lugar Amai-Vos, em Segundo Instrui-Vos

A VIAGEM DE VOLTA transcorreu na mais absoluta tranquilidade. Coronel percebeu meu silêncio, sem imaginar as razões, fez seu comentário, tentando reanimar-me dizendo:

— Sr. César. É consolador saber, que a vida continua. Se não podemos diretamente fazer nada por aqueles que já se foram. Não significa que nossa tarefa terminou, tudo que fizemos de bom neste mundo, seja lá pra quem for, pode crer, não se perde. Assim que

nosso projeto de loteamento ficar pronto. Pretendo colocá-lo à frente, para coordenar a distribuição dos terrenos, e como prêmio, faço questão em conceder-lhe o direito, de ser o primeiro em requerer, e escolher seu terreno. E seu local de trabalho, será em meu escritório. Posso contar com o Senhor?

— Terei muita honra em colaborar com o Senhor, nesse projeto. Quanto ao terreno agradeço, mas só o aceitarei, no dia em que tiver conhecimento, que minha filha Berenice, esteja viva, caso contrário, prefiro ganhar um terreno lá no cemitério.

— DEUS vai permitir, sua filha vai aparecer, para nos ajudar. Vamos orar por ela.

Passados alguns minutos, tive uma intuição, e disse: — Pensando melhor Coronel, independente de minha filha aparecer, vou aceitar o terreno, vou doá-lo à comunidade, para que nele seja construído, uma capela, ou uma casa de orações, o que o Senhor acha?

— Acho excelente ideia, mas vão sobrar muitos terrenos.

Deveria ser quatro horas da tarde, quando chegamos em Paraíso, deixou-me em frente ao salão onde morava. Como era sábado, à noite não tinha nenhum compromisso, estava cansado, decidi deitar-me e dormir um pouco. Então fiquei pensando, eu e o Coronel, permanecemos calados a viagem toda, e acabamos não acertando os detalhes, nem a data que iniciáramos nosso trabalho de evangelização, para convencer as meninas que o que estavam fazendo, não estava de

conformidade com as recomendações Evangélicas, e às Leis Divinas. Pelo pouco que conversamos, por não estar envolvido na trama, considerou que estava simplificando as coisas, seria melhor que Coronel, tomasse as iniciativas. Segundo a voz de minha própria consciência, era melhor que eu falasse menos, refletisse mais, e se possível não continuasse pecando.

À noite depois de um lanche na padaria, cheguei em casa, acendi minha lamparina e comecei a leitura do livro “Paulo e Estevão”, quando dei por mim, olhei o relógio, passava do meio da noite.

No domingo acordei quando a luz do sol, penetrou pela fresta da janela, e bateu diretamente em meu rosto. Quando me levantei passavam das oito horas, comi um pão duro, que havia comprado antes de viajar, peguei meu livro, dirigi para meu lugar predileto para leitura. Depois de ler algumas páginas, interrompi o que estava lendo, fiquei divagando, olhando sem nada ver, me imaginei caminhando por aquele deserto como se fosse um personagem da história. Então fiquei imaginando: Quantos livros não poderia ter lido, em mais de vinte anos, que fiquei ausente da vida? Quantas viagens poderia ter realizado, através dessas leituras? Quantas personagens deixei de conhecer? Quantas histórias de vidas, quantos conselhos, quantos exemplos? Quantos países e culturas diferentes, sem ser necessário deixar o conforto de minha casa e minha família, meu emprego de ensinar pessoas.

Quantas pessoas passam pela vida alheias aos seus valores reais, ocupadas com coisas efêmeras, não diria com o trabalho, por que o trabalho dignifica o homem, e permite que desenvolva sua capacidade e sua inteligência. Mas envolvidos com vícios, ociosidades, causando malefícios às pessoas, desgostos aos pais, descumprindo compromissos elementares, prejuízos pecuniários aos semelhantes, danificando a saúde precocemente.

Por um momento fiquei pensando na resposta que o Coronel havia me dado, quando perguntei o que vinha a ser um livro psicografado. Somente agora havia compreendido de fato sua explicação. Enquanto divagava tive a impressão de ver o Espírito “Emmanuel”, retrocedendo no tempo, há quase dois mil anos, como se estivesse presenciando todos aqueles acontecimentos, e grafando através das mãos de Chico Xavier, com um lápis, todas aquelas palavras no papel.

Como! uma pessoa formada em literatura como eu, somente aos cinquenta e dois anos de idade, interessou-se conhecer o conteúdo dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, a história de Paulo e Estevão. Quantos acontecimentos importantes da história da humanidade ignoro? Quantos mártires, quantos heróis desconheço? Por puro descaso e desinteresse de minha parte. Quanto mal uso tenho feito de meu tempo e de minha inteligência? Nessa minha vida, quantas coisas importantes deixei de produzir para mim mesmo, e aos meus semelhantes?

Somente agora descobri, por que me rebelei no passado, por imaginar ser superior, quando na verdade, sentia inveja das pessoas: Dos que possuíam, dos que sabiam, dos que se esforçavam, dos que amavam e eram amados, dos que eram felizes, dos que creiam em Deus, dos que tinham fé, dos que cantavam e até dos que choravam. Por imaginar-me diferente, decidi desprezar tudo que as outras pessoas desejavam e perseguiam. Então abdiquei-me de ser igual a maioria de meus semelhantes, optei por não aprender nada. Por isso nada sou.

E hoje lendo a história de Paulo e Estevão, reconheço o potencial de forças que o ser humano possui, mas quando decide não as utilizar, elas se tornam inúteis. Paulo de Tarso, percorreu a pé, milhares de quilômetros, ora na companhia de Silas, ora na companhia de Barnabé, andando e pousando pelos desertos, comendo frutos silvestres, passou fome, passou sede, foi hostilizado por idólatras e pagãos, que nunca haviam ouvido falar em Jesus Cristo, foi acusado de feitiçaria por Judeus, seguidores das Leis de Moisés, perseguido, apedrejado e ferido. Visitou centenas de povoados de gentios, isolados nos desertos da Síria, ou perdidos em ilhas dos mares Jônico e Egeu. Foi até os confins da Antioquia. Levou o Cristianismo até Atenas, na Grécia, depois até Roma na Itália. Teria ido até a Espanha, se não tivesse sido preso.

Como disse o Coronel, é consolador saber que a vida continua. Se não podemos diretamente fazer mais

nada por aqueles que já se foram. Nem recuperar o tempo e as oportunidades que perdemos. Não significa que nossa tarefa terminou, tudo que fizemos de bom neste mundo, não se perde. Tudo que nos competia fazer, e não fizemos, permanecerão em prazo de espera, para que seja feito. Mesmo que o tempo que nos resta, não permite mais que façamos, vamos utilizar o tempo que nos resta, para nos instruímos, um pouco.

29/01/2022

Poligamia em Debate

O DIA DAQUELE domingo praticamente havia terminado, a sombra da árvore aliada à sombra da noite que se aproximava, não permitia que identificasse as letras minúsculas das palavras, fechei o livro, quando me preparava para levantar-me, percebi uma mocinha, bem amorena-da, com seus cabelos rebeldes, presos em coque, usando saia e blusa azuis, ambas muito econômicas, caminhando em minha direção, antes que chegasse próxima, seu perfume há muito já havia chegado,

onde estava sentado, cumprimentou-me: – Boa noite Sr. César, está tudo bem?

— Boa noite Clarice, tudo bem, obrigado, e você como vai?

— Tudo bem, quer dizer, quase tudo.

— Posso ajudá-la?

Não respondeu, e perguntou-me: – O Sr. saiu esses dias atrás?

— Precisei viajar.

— Vim procurá-lo e não o encontrei.

— O que você queria comigo?

— Queria um favor, mas já resolvi com outra pessoa.

— Então está tudo bem?

— Sabe o que era? Vim lhe pedir um dinheiro emprestado, para pagar uma dívida, minha mãe costuma comprar a prazo, em um mercado próximo ao cemitério, e esse mês não conseguimos juntar o dinheiro para pagá-lo, então cortou nosso crédito, até não pagarmos o que devemos, e como não o encontrei, emprestei de outra pessoa, caso me emprestasse esse dinheiro, pagaria a pessoa que me emprestou.

— Quanto seria esse empréstimo que você fez?

— Um salário-mínimo.

— Infelizmente não ia poder lhe atender, não tinha, nem tenho esse dinheiro.

— Mas seu patrão não é rico?

— Muito rico, mas o que ganho é pouco.

— Pensei que ganhasse bem.

— Como o que faço é pouco, também ganho pouco.

— Que livro é esse?

— Paulo e Estevão.

— Que nome bonito.

— Qual deles? São dois nomes, um se chama Paulo e o outro Estevão.

— Então é feio. Se fosse Paulo Estevão, era mais bonito. Está quase escuro, estou indo.

— Tudo bem Clarice, me desculpe não poder ajudá-la, até mais.

O perfume de Clarice era tão forte, que mesmo sem tocá-la, ficou impregnado em mim, e acompanhou-me até meu quartinho. Penso que no mínimo tenha tomado banho de perfume. Pela maneira de maquiar, perfumar-se, e vestir-se, Clarice se autodenunciava, apesar ser praticamente uma menina, seus modos recomendava, mantenha distância, encrenca!

Na segunda-feira à noite, fui ao escritório do Coronel. Qual não foi minha surpresa, Coronel havia convocado as quatro mulheres que residiam em sua casa, e já tinha dito a elas, de que eu conhecia o segredo delas, estavam as quatro sentadas, esperando que chegasse, para darmos início aos trabalhos de convencimento. Pensei comigo, Coronel é péssimo estrategista, não estou devidamente preparado. Depois de cumprimentar a todos, sentei-me em minha mesa de trabalho, Coronel começou dizendo:

— Sr. César, ontem depois do almoço em nossa casa, revelei a Eulália, e as demais, nossa complicada situação moral. E que estava decidido interromper nos-

so relacionamento pecaminoso, que o Senhor tinha conhecimento, porque o havia confidenciado. As quatro concordaram ouvir nossos argumentos, para se convencerem de que estamos praticando um ato não condizente aos códigos Evangélicos, e com isso estamos nos comprometendo seriamente com as Leis Divinas, apesar desconhecermos o grau de implicação que estamos incorrendo. Num ponto estamos de acordo, intimamente nenhum de nós cinco, estamos bem com nossas consciências, todos estamos nos sentindo em erro e infelizes, e desejamos encontrar se possível uma maneira de amenizar essa culpa. Como percebemos que não estamos muito distantes de chegarmos a um consenso, por ansiarmos a mesma solução, decidimos enfrentar a situação, o mais rápido possível. Como não está diretamente envolvido, gostaríamos que nos ajudasse, expondo seu parecer imparcial.

— Penso que cinquenta por cento de vosso problema está resolvido, por todos estarem decididos solucioná-lo. No Evangelho de João, no início do Capítulo 8, JESUS CRISTO, deixou bem esclarecido, quando questionado no episódio da mulher adúltera, talvez por conhecer como ninguém as fraquezas do ser humano, quando sugeriu: Quem está sem pecado atire a primeira pedra, como cada um dos presentes consultou sua consciência, e sentiu que não se enquadrava, desistiu de apedrejá-la. Jesus o justo por excelência, disse à pecadora: – Mulher ninguém te condenou, vá e não peques mais. O que foi feito, não há como desfazer,

esse erro ficará contabilizado, juntamente com os demais que compõem a carteira do passivo, que mais cedo ou mais tarde terá que ser equacionado. Há de considerar que Jesus não disse, “Mulher Eu te perdoo”. Se o próprio Cristo não estava investido dessa prerrogativa. A recomendação para que não pecasse mais, isso ELE o fez para que o montante de sua dívida, que já era grande, não aumentasse ainda mais.

Coronel decidiu esclarecer, com base nas razões, que o levaram à conclusão, que deveria romper com o que há muito tempo vinham praticando:

— As Leis da natureza são justas e perfeitas, por isso são consideradas Leis Divinas. Se analisarmos, a proliferação de toda cadeia biológica, verificamos sem esforço, que a paridade de nascimentos está na proporção de uma fêmea para cada macho. Logo o homem que está detendo sob seu domínio mais que uma mulher, está contribuindo para que ocorra o desequilíbrio natural. Imaginem se todo homem decidir ter para si duas mulheres, metade dos homens ficariam sem as suas mulheres. Se todo homem decidir ter quatro mulheres, como no meu caso, setenta e cinco por cento dos homens ficariam sem suas companheiras. Essa prática contraria diretamente as leis naturais, significa estar em desacordo com as Leis Divinas.

Coronel tomou um pouco de água, e continuou defendendo sua posição: – Alguém poderá questionar, por que em certos países do mundo é permitido a poligamia? Nesses países os direitos humanos são ain-

da precariamente respeitados. Como essa prática está consolidada nesses países. A classe dominante que se locupleta dessa situação, promove o morticínio de homens, provocando guerras desnecessárias, atentados terroristas, tornando o extermínio de seres humanos um acontecimento normal necessário, para fomentar o desequilíbrio entre os gêneros. Por isso o Cristianismo que condena tanto a poligamia como a morte intencional, de seres humanos, até os dias de hoje não conseguiu penetrar nessas nações.

Então complementei o pensamento do Coronel, dizendo: – As nações, principalmente no mundo Ocidental, onde o homem se encontrava mais evoluído em moral e justiça, e os direitos humanos são mais respeitados, aceitaram sem resistências os Evangelhos de JESUS CRISTO, e hoje os habitantes dessas nações, já incorporaram em suas vidas. grande parte desses ensinamentos de JESUS, e essas práticas primitivas estão sendo abolidas gradativamente do mundo civilizado, permanecendo apenas no seio das populações selvagens. Por isso conhecer e praticar o Evangelho, tornou-se necessidade imprescindível, para o homem conduzir sua vida. Cultuar a poligamia, além de ser um costume bárbaro, é submeter a mulher a uma condição desrespeitosa e humilhante, e comprova que aquele que a prática ser pessoa extremamente possessivo e egoísta. Como vocês mesmos estão constatando, não proporciona nenhuma felicidade.

Coronel retomou a palavra: – Como se trata de um assunto extremamente confidencial, não pretendemos

envolver outras pessoas no debate. Trouxe esse Evangelho para vocês quatro, como nem todas sabem ler, Dona Zazá e Dona Zizi, leiam em voz alta, para que todas entendam e discutam durante o dia, anotem as dúvidas. Durante toda essa semana nos reuniremos aqui, como fizemos hoje, para continuarmos discutindo o assunto, para que juntos encontremos a melhor maneira de encerrarmos pacificamente essa nossa situação.

30/01/2022

Não Há Nada, Que Não Será Descoberto

NA TERÇA-FEIRA suspendi a leitura do livro de “Emmanuel”, retomei aos Evangelhos, para selecionar alguns assuntos que possibilitassem embasar alguns pontos de vistas, que reforçavam a conveniência que aquele esquema vigente na casa do Coronel deveria ser encerrado, da maneira menos dramática possível, que acreditava que só conseguiria, se todos se convencessem que o que estavam fazendo, não era agradável a DEUS.

Em pouco tempo de pesquisa, encontrei o que procurava, mas entendi que as mulheres teriam que abraçar a causa, e começar também defendê-la. Na primeira reunião não ouvi nenhuma delas se pronunciar, nem a favor, nem contra. Aquela conversa do Coronel, de que todos estavam de acordo em um ponto, me pareceu refletir apenas seu desejo. Mas sobre uma coisa fiquei convencido. Coronel exercia forte ascendência sobre todas elas, se soubéssemos manipular argumentos consistentes, certamente as convenceríamos.

Com o dever de casa cumprido, sentia em melhores condições corresponder às expectativas. À noite, sem me dar conta havia colocado minha roupa seminova, compareci ao escritório do Coronel, munido de argumentos que julgava convincentes, para defender minha posição, que não era totalmente imparcial, nas entrelinhas escondia intenções tendenciosas, que procuravam massagear meu ego de fracassado.

Antes de começarmos manifestar. Para surpresa geral, Dona Eulália, tomou a palavra e apresentou seu parecer que tinha sem dúvidas a intenção de solucionar o problema, mas claramente visando seus interesses pessoais, disse:

— Estive pensando, caso Nonô concordasse, poderíamos nos casar no civil e no religioso, e passarmos viver decentemente como marido e mulher.

A sugestão de Dona Eulália, não logrou aceitação, foi rejeitada por unanimidade, e com protesto de todos.

Coube ao Coronel interceder, para surpresa geral, fazendo uso de argumentos bíblicos.

— Eulália, isso seria o mesmo que: Colocar pano novo sobre tecidos rotos, ou fazer uso de dois pesos e duas medidas, e no futuro seríamos medidos, da forma que estaríamos medindo, e cá pra nós, não é isso que pretendemos. Todos somos igualmente culpados, todos seremos igualmente punidos. Qual sua opinião Sr. César?

— Penso que o Senhor está corretíssimo, a justiça Divina não faz concessões, é cada um segundo suas obras. Acrescentaria ainda, Dona Eulália a Senhora: primeiro, teve muito tempo para conquistar o Coronel, e tornar-se sua esposa de verdade, na pobreza e na riqueza. Segundo o preteriu, deixando de exercer o papel de esposa e de dona de casa. Terceiro, foi a autora intelectual desse esquema maquiavélico, induzindo outras quatro pessoas se tornarem réprobos como a Senhora. Penso que por ora, isso é o suficiente para externar minha opinião.

Coronel completou: – Obrigado Sr. César, compartilho de seus argumentos.

Dona Zizi, com mais humildade, expôs sua situação, nesses termos: – Não sei se alguém, além do Coronel, conhece em detalhe minha situação, essa é a primeira vez que faço essas confidências: Quando cheguei nessa casa, desconhecia que imperava esse esquema, apesar de ser uma moça madura, até então não tinha tido nenhum namorado, quando me disseram que tinha que dormir no quarto do patrão, pedi para ir embora imediatamente, mas não deixaram. Coronel Nonô,

disse que gostaria falar comigo a sós, fui ao seu quarto, então explicou-me que não precisava ter medo, ele seria muito carinhoso e gentil comigo, começou abraçar-me, depois me beijou, e disse que eu podia ir, para que pensasse mais um pouco, se mudasse de ideia, não iria me arrepender. Naquela mesma noite resolvi dormir lá mesmo. Desde então me apaixonei pelo Coronel, e passei ter muito ciúmes de minhas colegas, mas não podia exigir nada dele. Sei o que fazemos é errado, o que gostaria era ser sua esposa de verdade, e ser sua única mulher, por que eu amo o Coronel, do fundo de meu coração, por isso sou muito infeliz naquela casa, mas não gostaria de ir embora, mesmo sabendo que estou pecando. Se minhas colegas permitissem, e o Coronel quisesse, poderíamos nos casar no civil e no religioso, poderia dar a casa para as três, eu o ajudaria construir um ranchinho lá na beira do rio, plantaríamos uma horta, criaríamos porcos e galinhas, e viveríamos lá para sempre.

Coronel intercedeu dizendo: – Sandrinha, as coisas não podem ser resolvidas assim facilmente, como você pode ter ouvido Sr. César dizer, a justiça Divina não faz concessões, teremos que pagar pelos nossos erros, enquanto não quitarmos nossas dívidas, temos que ir pagando. Mas dizem que DEUS, escreve certo, mesmo por linhas tortas. O futuro a ELE pertence, por enquanto temos que sermos obedientes. Qual sua opinião sobre esse caso, Sr. César?

Antes que me pronunciasse, Dona Eulália antecipou-se: – A opinião de Sr. César não conta, Nonô foi muito

claro, quando rejeitou minha sugestão, externou sua conclusão quando disse: Somos todos igualmente culpados, seremos todos punidos. Além do mais Zizi, casaria até com Sr. César, caso ele a quisesse, é só nisso que ela pensa.

Coronel falou: – Sr. César, faça o favor, quero ouvir sua opinião.

— Como já disse, e agora repito, “Cada um segundo suas obras”. Penso que a justiça de DEUS, difere completamente da justiça praticada pelos homens. A justiça de DEUS, é perfeita, imparcial, igual para todos, quem as regula e as executam, são Suas Leis, perfeitas, imutáveis, incorruptíveis. A dos homens é falha, tendenciosa, aplicadas segundo a interpretação de homens falíveis, e até corruptos. DEUS conhece nossos sentimentos, sabe as condições e as razões por que pecamos. Por exemplo um assassinato em legítima defesa, é diferente de um latrocínio. Quando um pobre, assassina um rico. Sua pena é mais severa do que quando um rico assassina um pobre, esse terá uma pena mais branda, e muitas das vezes nem chega ser punido. A justiça de DEUS, como já foi dito aqui, não faz concessões, não considera quem é rico ou pobre, quem é patrão ou empregado. No nosso caso em questão, não pretendo assumir o papel de juiz, e dizer Dona Eulália é mais ou é menos culpada, isso compete as Leis Divinas. Mas em minha humilde interpretação, a maneira como Dona Eulália aceitou participar do esquema em pauta, foi diferente da maneira como Dona Zizi submeteu-se. O próprio Coronel Epaminondas, confessou-me que à

princípio recusou aceitar a presença de sua empregada em seu quarto, só cedeu quando ela insistiu. São esses detalhes que estarão em julgamento, no tribunal das Leis Divinas.

— Muito obrigado Sr. César, compartilho da mesma opinião.

Dona Zezé, de repente começou chorar.

Coronel perguntou-lhe: – Dona Cleusa, gostaria de contribuir com alguma informação, que talvez desconheçamos?

— Não quero dizer que eu não seja culpada, ou que não tenha pecado, ou o que faço não me deixa muito mal comigo mesma. Quando vim trabalhar em sua casa, só vim porque necessitava, na verdade não tive outra opção, precisava trabalhar, precisava ganhar meu salário, por que vou negar? Precisava também de uma companhia, o Senhor sempre foi muito legal e carinhoso comigo, muito diferente de quando vivia com meu marido, que me batia e maltratava. Não vou responsabilizar Dona Eulália, ela propôs e eu aceitei. Ela propôs me chamar de Zezé, eu aceitei. A vida nem sempre é do jeito que gostaríamos que fosse. Na casa do Coronel, não trabalho muito, como do bom e do melhor, minha cama é macia, minha coberta é quente, ninguém me bate ou me maltrata. Dizer que sou obrigada dormir com o Coronel, talvez. Mas gosto de dormir com ele, muito mais do que com meu ex-marido.

— Dona Cleusa, mas a Senhora há de convir, que o que fazemos DEUS, não aprova, vamos ter que mudar

nossa maneira de viver. Sr. César, gostaria de fazer alguma observação sobre esse caso?

— Dona Cleusa, se JESUS CRISTO, estivesse sentado onde estou, ELE diria a todos, quem estiver sem pecado atire a primeira pedra, e ninguém faria isso. Devo confessar à Senhora e aos demais, que eu sou infinitamente mais pecador que todos vocês aqui presentes, o Coronel conhece minha história e sabe que não estou mentindo, não vou revelá-la agora para vocês, mas quem sabe um dia. Como a Senhora disse, nem sempre a vida é um mar de rosas. O mais importante, é que às vezes chega um momento em nossa vida, que DEUS, dá um jeito, talvez mesmo através de linhas tortas. Assim como JESUS, disse a mulher adúltera do Evangelho, “Vá e não peques mais”. Penso que assim como esse momento chegou para a mulher adúltera, também chegou para mim, e comecei mudar minha vida. Não que tenha quitado meus erros anteriores, estou tentando não aumentar o quanto estou devendo. Penso que também é chegado o vosso momento. O que está feito, nem tem como desfazer, o importante é mudarmos a direção de nossa vida. Conhecer a verdade, e nos libertamos das amarras que nos prende em coisas que aprendemos que são erradas, que mais cedo ou mais tarde teremos que reparar. Eu tenho um passivo de muitas décadas no erro, e o tempo que me resta é muito pouco, o que fizer de bom, certamente não vai se perder.

Coronel olhou-me e disse: – Acho que vocês se lembram, quando disse que Sr. Cesar, deveria escrever

sobre sua vida, acreditem, é um bom exemplo de superação. Faço minha as palavras que acabou de dizer sobre Dona Cleusa. Dona Zulmira, a Senhora gostaria de dizer alguma coisa, sobre o que pensa sobre mudar nossas posturas morais?

— Não sei se Dona Eulália chegou comentar alguma coisa com o Senhor, mas já disse a ela que estou pensando voltar pra minha cidade. A única coisa que espero de vossa parte é que cumpram o compromisso que fizeram, de quando fosse embora, me indenizariam com um ano de salário, necessito desse dinheiro para realizar um velho sonho. Do mais podem contar com minha total discrição, nada revelarei a ninguém, sobre os cinco anos que trabalhei em vossa casa, e sou muita agradecida por tudo. Quero que me perdoe pelas falhas que por acaso tenha cometido durante esse tempo todo.

— Dona Zulmira, Dona Eulália ainda não me havia comunicado sua decisão, só espero que não tenha sido por algum motivo que desconheço, caso seja, está autorizada revelar aqui, somos praticamente uma família, quanto a sua indenização, não se preocupe, será paga juntamente no acerto da rescisão de nosso contrato de trabalho. Só tenho a agradecê-la por esse seu tempo de dedicação a nossa casa.

— Não Coronel, nenhum motivo em especial, forcei-me tomar essa decisão. Apenas um velho sonho que pretendo realizar. Antes de ir embora, se prometer guardar segredo revelarei ao Senhor.

— Tudo bem, eu prometo. Amanhã continuaremos nosso bate papo.

Despedi-me de todos. Todas me sorriram gentilmente. Menos Dona Zazá, percebi uma certa ironia e indiferença, quando me olhou. Mas nada que me preocupasse.

31/01/2022

Tribunal da Culpa

NA QUARTA-FEIRA depois de revisar os assuntos que pretendia distender à noite, que seriam os mesmos que estavam programados para a noite passada, e acabou não acontecendo, recebi novamente a visita de Clarice, além de não estar usando nenhum perfume ou maquilagem, pareceu-me preocupada. Quando questionada sobre o que lhe estava preocupando, revelou-me uma história sórdida, bem própria da indecência humana, mas não podia dizer o nome da pessoa. Contou-me:

— No dia que procurei o Senhor e não o encontrei, recorri a essa pessoa, que tem o costume de emprestar dinheiro, disse a ele que era por uns poucos dias, até que o Senhor retornasse, no domingo estive aqui, como me disse que não tinha o dinheiro para me emprestar, o procurei em sua casa na segunda-feira, para dizer que não poderia lhe pagar no prazo combinado, então pegou-me a força, levou-me para seu quarto e abusou de mim, disse-me que enquanto não lhe pagasse, exigia que fosse em sua casa todas as segundas-feiras. O Senhor precisa ajudar-me, não quero mais voltar àquela casa.

Então perguntei-lhe: – Quantos anos você tem Clarice?

— Já fiz dezoito anos.

— Se fosse menor de idade, íamos agora à Delegacia de Polícia.

— Não Sr. César, só quero pagá-lo, e nunca mais olhar em sua cara imunda.

— Espere-me aqui. Fique lendo minha bíblia. Vou ver se consigo esse dinheiro, para pagá-lo.

Fui até o escritório do Coronel, estava fechado, apertei a campainha de sua casa, ele veio até onde estava, cumprimentamo-nos, disse a ele:

— Coronel, surgiu um imprevisto, preciso que me adiante um salário-mínimo, preciso do dinheiro agora.

— Espere-me que vou buscar.

Quando entregou o dinheiro, perguntou-me: – Não gostaria de me dizer o que aconteceu?

— Outra hora eu lhe digo. Muito obrigado Coronel, Deus lhe abençoe.

Cheguei, encontrei Clarice segurando a bíblia fechada em suas mãos, devolveu-me o livro e perguntou-me: — Conseguiu Sr. César?

— Consegui, vou com você até lá, ver a cara desse miserável.

— Pelo amor de Deus Sr. César, não quero que vá.

— E se ele te pegar de novo?

— Vou chamá-lo na rua. Não tem perigo.

Entreguei-lhe o dinheiro. Agradeceu-me e saiu. Esperei um pouco, e passei segui-la, depois de percorrer umas cinco quadras, parou em frente uma casa, bateu palmas, apareceu um Senhor já grisalho, entregou-lhe o dinheiro, vi quando tentou pegá-la pelo braço, ela esquivou-se, lhe disse uns palavrões, e tomou o rumo do cemitério. Verifiquei o número da casa, e comecei retornar, na esquina encontrei um meu conhecido, e perguntei:

— Você saberia me dizer quem morava naquela casa?

— É Sr. Josafá, um agiota safado.

— Obrigado pela informação, um bom dia.

O mundo era deveras pequeno. Agora Coronel Epaminondas, tomaria conhecimento do que Sr. Josafá, pensava sobre ele, e quem era esse safado, se tudo corresse como estava pensando, logo seu endereço seria na cadeia pública.

À noite estávamos reunidos novamente, era praxe Coronel coordenar as discussões, mas nesta noite

Dona Eulália, não sabemos se já havia combinado com as outras mulheres, ou não. Tomou da palavra e questionou Coronel, lhe perguntando:

— Nonô, qual seria sua proposta caso aceitássemos romper com esse esquema que você agora chama maquiavélico, mas que até há pouco tempo atrás, você aprovava sem nenhuma restrição, por que sempre foi sem dúvida o grande beneficiado?

Eulália, em primeiro lugar queria esclarecer, que o que realmente gostaria, que todas vocês compreendessem que o que estamos fazendo não é certo. Depois, que quando chegássemos em um consenso, não restassem entre nós nenhum tipo de mágoa ou ressentimentos, que o que praticamos durante um longo tempo foi algo muito reprovável, perante as Leis Divinas, e aos olhos da sociedade, que jamais poderá ter conhecimento desse fato, porque seríamos eternamente discriminados. Se eu as indenizasse estaria demonstrando um profundo desprezo e desrespeito com vocês, estaria comprando vossas consciências e assumindo sozinho o ônus da culpa. Por isso entendo que cada um de nós deveria reconhecer que estávamos em erro, e como tal, cada qual assumir o ônus de sua própria culpa, seria uma maneira honesta de se redimir. Pensei em duas alternativas para elucidar o caso, penso que antes de decidirem, se reúnam, troque ideias, e cada uma escolha livremente aquela que for a mais interessante.

Primeira: Fazerem como Dona Zulmira, demitir-se, fazendo jus aos direitos trabalhistas por força

de rescisão de nosso contrato de trabalho, mais um ano de salário por força do acordo firmado. Assim que for efetuado o acerto, o demissionário teria dois dias para se mudar. Levando consigo todos seus pertences.

Segundo: Abrir mão do acordo firmado, manter o vínculo trabalhista, com direito às vantagens garantidas pelo contrato de trabalho que continuará vigente, executar os serviços até que o quadro de funcionários seja recomposto.

Dona Eulália manifestou-se, perguntando: – E no meu caso, como fico?

— As alternativas são válidas para todas. As que optarem por continuar trabalhando, terá que trabalhar.

— O Senhor está sendo muito injusto comigo.

— Isso quem vai dizer é o tribunal Divino, onde todos nós seremos igualmente julgados. Sr. César, gostaria de conhecer o que pensa sobre minha conclusão.

— Penso que nenhum tribunal terreno poderia chegar a um veredicto mais coerente e democrático, concedendo aos réus o direito de escolher a pena que considerar mais conveniente. Quanto ao tribunal Divino, me abstenho de opinar, por que lá também serei réu, e como vocês, ignoro completamente o que nos espera.

Coronel retomou a palavra: – Sr. César considero seu pensamento, prudente e racional. Gostaria saber das meninas, se preferem continuar nossa discussão sobre o assunto, até na sexta-feira, ou já gostariam de fazerem suas opções amanhã?

Dona Eulália, levantando-se, disse: – Por mim encerraria essa palhaçada hoje mesmo.

Dona Sandra, mais ponderada: – Vamos nos reunir amanhã, trocaremos mais algumas ideias, se encontrarmos a solução, amanhã mesmo encerraremos.

Coronel encerrou a reunião, desejando um boa noite a todos.

01/02/2022

Vá, e Não Peques Mais

NA QUINTA-FEIRA fatídica, fiz questão de chegar pontualmente às oito horas, o clima era muito pesado para ficar olhando para a cara daquelas Senhoras, me fitavam como se tivesse culpa, principalmente Dona Eulália, como se fosse o responsável pelo despertar do Coronel, romper com aquele esquema que vinha sendo praticado há mais de uma década. Entrei, cumprimentei a todas, perscrutei o ambiente e não encontrei o Coronel, então perguntei:

— E o Coronel?

Dona Zezé, com um sorriso tímido, respondeu-me:
– Precisou ir ao banheiro, deve estar chegando.

Depois de cinco minutos, chegou se desculpando: – Boa noite Sr. César. Desculpem o imprevisto.

Como sempre era o Coronel que coordenava os trabalhos, olhou para todos, e perguntou: – E aí o que decidiram, vamos encerrar os trabalhos hoje, ou adiaremos para amanhã?

Dona Eulália a mais impaciente, desabafou: – Vamos acabar logo com isso.

Se existia alguma indecisão, foi o suficiente para que todas se decidissem, por encerrar naquele dia mesmo, melhor dizendo, naquela mesma noite, todas concordaram. Coronel retomou as rédeas de comando, e orientou:

— Como é uma decisão pessoal, entendo que a decisão de uma não deve influenciar a da outra, confeccionei quatro cédulas idênticas, basta colocar um “X” no quadrinho que desejar, a pessoa deverá colocar o X no primeiro quadrinho, se desejar demitir-se. Assinalará no segundo quadrinho se desejar permanecer no emprego. De conformidade com o que foi esclarecido ontem. As cédulas estão identificadas com os respectivos nomes. A pessoa de posse de sua cédula, se dirigirá até à mesa grande lá na frente, faça o X, coloque seu voto na urna, em ordem de idade, primeiro as mais novas, entenderam?

Foram distribuídas as cédulas, Dona Sandra foi até à mesa, votou, colocou a cédula na urna, voltou e se sen-

tou. Depois Dona Cleusa. Depois Dona Eulália, e por último Dona Zulmira.

Coronel deu continuidade ao processo de escrutínio: – Vamos fazer a apuração, Sr. César, faz-me o favor de trazer a urna.

Entreguei-lhe a pequena caixa, retirou as quatro cédulas, e disse-nos: – Duas optaram por demitir-se, e duas por continuar na casa. Dona Zulmira e Dona Cleusa, estão decididas que pretendem mesmo irem embora?

Ambas confirmaram.

Coronel se dirigindo à Dona Eulália e a Dona Sandra, entendeu como adequado o momento para delegar à cada uma delas suas respectivas funções, explicando: – Depois que Dona Cleusa e Dona Zulmira, forem embora, decidi que não vou contratar mais ninguém. Cada uma terá seu próprio quarto. Ficando Eulália encarregada e responsável, pelos serviços da cozinha, preparar e servir as refeições, e todos os demais serviços afetos à limpeza da cozinha, e providenciar todos os meses, a lista de compras para suprimento da despensa. Dona Sandra, cuidará da limpeza e arrumação do restante da casa, lavar e engomar as roupas em geral. Caso o revezamento de função, seja vontade de ambas poderão fazê-lo. Nenhuma exercerá ingerência sobre a outra, qualquer dúvida deverá se dirigir a mim. Estão de acordo, ou têm alguma objeção a fazer?

Dona Sandra manifestou-se, dizendo: – De minha parte está tudo bem Coronel.

Dona Eulália se absteve de manifestar-se, mas pela sua expressão, deve ter pensado “Quem pode manda, quem não pode, obedece”.

Mas Coronel não se deu por satisfeito, com essa resposta velada, reforçou sua pergunta à Dona Eulália: – Pode ser assim Eulália?

Balançou a cabeça concordando.

— Sr. César o Senhor como mediador, gostaria de acrescentar alguma coisa, a respeito do consenso que acabamos chegando?

— Gostaria parabenizá-los, por demonstrarem maturidade e responsabilidade, em solucionar de forma rápida, pacífica, e civilizada, um problema que dizia respeito a todos. Quando JESUS, esteve entre os homens, encontrou um ambiente de hostilidade, prepotência, autoridade, exploração, violência, injustiças etc. Durante os três anos de Seu mecenato, conviveu com os homens, e de todas as maneiras, atentou-lhes transmitir através de ensinamentos e exemplos, que DEUS havia dado ao ser humano recursos, pelos quais poderiam solucionar todos seus problemas, sem ser necessário destruir seu semelhante. Sabia ELE que quando prejudicamos nosso próximo, para obter aquilo que almejamos, contraímos dívidas que cedo ou tarde teremos que recompensá-lo. Orientou exaustivamente: “Que não fizéssemos ao nosso próximo, tudo aquilo que não gostaríamos que nos fizessem”. Se me perguntares, JESUS conseguiu convencer aos homens? Diria que, de imediato não, tanto que o mataram crucificado em uma cruz. Mas todos Seus ensi-

namentos e exemplos, não se perderam, foram revelados à humanidade, através de Seus Evangelhos, por homens de bem, e a humanidade foi evoluindo em entendimento, moral, e justiça, quando começou colocar em prática esses ensinamentos, que sempre estiveram contidos nos Evangelhos. Quando todos os homens pautarem seus atos, de conformidade com o que nos ensinou JESUS, não haverá mais sobre a Terra, guerras, assassinatos, roubos, maldades, injustiças, fome, poligamia etc. Por meio século, fui um homem que vivi praticamente na escuridão sobre as coisas de DEUS. Há menos de um mês ganhei uma bíblia do Coronel, e posso dizer que foi aí que comecei conhecer o Evangelho de JESUS CRISTO, posso vos assegurar, que hoje sou outra pessoa. Se o tivesse conhecido quando era jovem, certamente não teria cometido os erros que cometi. Quando Coronel perguntou-me como resolveríamos um problema doméstico, de fundo moral, que vinha ocorrendo dentro de sua casa, com base naquele pouco que havia aprendido. Disse-lhe que bastava doutrinar as pessoas envolvidas. O que não chegamos fazer, mas acreditem, se tivessem conhecimentos Evangélicos não os teriam cometido. Por isso vos lhes digo: Nunca é tarde para conhecer e começar praticar os ensinamentos dos Evangelhos. Por essa inobservância, acabamos pelos nossos erros, nos tornando todos devedores das Leis Soberanas. Por isso nenhum de nós temos o direito de atirar nenhuma pedra, em quer que seja.

Quando disse essas últimas palavras, minha voz estava trêmula, e estava muito emocionado, que me fez

lembrar o sonho que tive, naquela noite, no quarto do hotel, quando estávamos viajando.

Coronel retomou o comando, e acrescentou: – Talvez possa parecer imprudência de minha parte, confiar um segredo doméstico, à uma pessoa que a conhecemos há tão pouco tempo, e convidar essa pessoa ajudar solucionar, esse problema de fórum tão íntimo. A verdade que até o presente momento Sr. César, tem correspondido satisfatoriamente à confiança que lhe tenho depositado, e sei que não me decepcionará. Se alguém desejar fazer alguma observação, a palavra está à disposição.

Tomei a palavra e acrescentei: – Uma pessoa quando descobre que pela própria incúria, perdeu uma existência, e de repente percebe que DEUS lhe concede um acréscimo, para provar a si mesmo que poderia ter feito tudo corretamente, não tem mais a preocupação de decepcionar a outrem. Vai viver esse tempo que lhe foi concedido, para não decepcionar a DEUS, que confiou nele.

Coronel eximiu-se comentar o que ouviu, talvez por não ter compreendido, de imediato em quem me referi que deveria confiar, em mim ou em DEUS. Na verdade, quis dizer: Se DEUS, que tudo sabe, deu um voto de credibilidade a mim, por que ele um simples pecador como eu, não haveria de dar?

02/02/2022

Se Deus é Por Nós, Quem Será Contra Nós?

NA SEXTA-FEIRA ÀS coisas estavam bem mais tranquilas, então decidi revelar ao Coronel, que não precisaria pagar-me, que ainda continuaria lhe devendo meio salário. Aproveitei para lhe explicar o motivo, que levou-me recorrer a seus préstimos, naquela quarta-feira. Quando lhe disse, o nome do responsável, e o que havia feito. Coronel ficou pensativo, e revelou seu parecer:

— Sr. César, o fato de Clarice ter dezoito anos, não significa que esse cafajeste, não possa ser denunciado por estupro, uma vez que ela foi levada à força para seu quarto.

Aproveitei e lhe contei também sobre o que Sr. Josafá, pensava sobre ele, respondeu-me:

— Quanto a isso, considero apenas, despeito de concorrente, se bem que nossa clientela é bem distinta. Muitas de seus clientes recorrem a mim para pagá-lo, e isso o impede de chantageá-las. Amanhã falarei com meu advogado Dr. Pedro Bento. Na segunda-feira, peça para Clarice procurá-lo em seu escritório, para que ela o relate em pormenores o que aconteceu, aí é só esperar para ver o que irá suceder a ele.

— Sr. César, na segunda-feira, estarei acertando os direitos de Dona Cleusa e Dona Zulmira, como este será o último domingo que estarão conosco, gostaria que fosse almoçar lá em casa, e ajudar-me passar a elas algumas orientações, à luz dos Evangelhos, para conduzirem suas vidas lá fora. Gosto muito delas.

— Terei muito prazer em poder ajudá-lo, e almoçar novamente em sua casa.

No sábado recorri aos Evangelhos para encontrar uma mensagem, que trouxesse inserida em sua essência, um ensinamento com poder de persuadir positivamente a pessoa desorientada. Em poucos minutos havia encontrado, não uma, mas várias, porque definitivamente concluí que não só os quatro Evangelhos, como todo Novo Testamento, possuía fonte inesgotável de orientações. JESUS CRISTO, indiscutível não só era o mestre

dos mestres, como o médico dos médicos, o porto seguro onde todo navegador, ou andarilho transviados pelas intempéries da vida, deveriam ancorar e refazer-se, para depois prosseguir sua trajetória.

A leitura do livro, Paulo e Estevão, não deslanchava da maneira como imaginei que seria devido as constantes interrupções. Para atender necessidades que careciam urgência de solução. Na verdade, depois que comecei realizar essas pesquisas, e essas leituras, os horizontes de meus entendimentos começaram se expandir, proporcionando-me a segurança que antes não possuía. Coincidentemente na hora que fui almoçar na pensão do Sr. Polenta, cruzei com Sr. Josafá, que também fazia suas refeições naquele lugar, que ignorou conhecer-me. Então pensei “Desculpa-me Sr. Josafá, mas para seu próprio bem, não posso ser conivente com suas safadezas, minha consciência não permite conviver mais com arbitrariedades e permanecer omissa.

Ficou decidido que naquele sábado Coronel procuraria Dr. Pedro Bento, e lhe entregaria o caso de Clarice. Sr. Josafá, certamente tinha mais de sessenta anos, caso possuísse algum antecedente, e não fosse réu primário, as coisas não ficariam boa para seu lado.

No domingo vesti minha melhor roupa, já bastante conhecida de todos, e na hora combinada me dirigi para casa do Coronel, levando sob o braço, minha bíblia. A rotina dos trabalhos da casa ainda não havia se alterado, todas mulheres estavam envolvidas na preparação do almoço, acompanhado do Coronel, chegamos à por-

ta da cozinha, cumprimentei a todas com civilidade e respeito, todas retribuíram minhas saudações, sentamo-nos em cadeiras confortáveis e comecei conversar com o Coronel, então lembrei-me do caso, Clarice/Josafá, perguntei ao Coronel: – Procurou seu advogado o Dr. Pedro Bento?

— Falei pessoalmente com ele ontem.

— Ele adiantou seu parecer, sobre a gravidade do delito?

— Dr. Pedro disse que tem certeza de que Sr. Josafá, não é primário, e desconfia que já esteve até preso. É o tipo de pessoa que só vive encarcerado. A entrevista com a mocinha vítima do estupro, foi marcada para às dez horas de amanhã, segundo Dr. Pedro, se seu depoimento for consistente, e não deixar margem para dúvidas, provavelmente, receberá voz de prisão na própria reunião de audiência. Por tratar-se de crime inafiançável. Nesses casos a justiça é eficiente e ágil.

Faltavam alguns minutos para o meio-dia, Dona Eulália aproximou-se de onde estávamos sentados, perguntou ao Coronel: – Nonô, o almoço já está pronto, pode pedir para pôr a mesa?

Coronel consultou o relógio de parede, e respondeu: – Podem servir a mesa, está na hora de almoçarmos.

Dona Eulália, com um sorriso discreto, disse: – Só mais uns minutinhos, se quiserem podem sentarem-se, à mesa.

Sentamo-nos, ficamos esperando que todas viessem se sentar. Antes que começássemos nos servir, Coronel,

fez um breve comentário: – Depois que almoçarmos, quero que todos participem de uma breve reunião, para falarmos sobre um assunto útil a todos. Agora façam o favor, cada um se servir, vamos almoçar.

Depois do almoço ficamos aguardando tirarem a mesa, lavarem os pratos, enquanto isso Coronel colocou as cadeiras formando um círculo, em poucos minutos cada um ocupava a sua. Coronel tomou a palavra, e elucidou o motivo e o assunto que pretendia tratar:

— Como talvez esse seja o último domingo, que desfrutamos as presenças de Dona Cleusa e de Dona Zulmira, conforme ficou decidido, amanhã rescindiremos nosso contrato de trabalho, efetuari o acerto de conta, e estarão desligadas de suas obrigações, para darem continuidade em suas vidas. É do conhecimento de todos, que nos utilizamos de maneira bem democrática para chegar aonde chegamos. O que gostaria esclarecer, o que levou mudar meu modo de vida, foi o conhecimento que venho adquirindo há algum tempo, através do estudo dos Evangelhos, e o que desejaria do fundo de meu coração, é que vocês quatro se apropriassem desse conhecimento, só assim poderiam avaliar a gravidade do erro que inconscientemente estávamos cometendo. Há pouco tempo dei uma bíblia ao Sr. César, passou estudar os Evangelhos com afinco, vamos ouvir dele, o que mudou para ele.

Como tínhamos toda uma tarde de domingo pela frente, para que todas entendessem detalhadamente minha situação, relatei toda minha vida de erros e tropeços,

até quando comecei receber algumas informações sobre os ensinamentos de JESUS, através das conversas com o Coronel, depois com o estudo dos Evangelhos, compreendi a gravidade do mal uso que havia feito de minha vida, e dos ônus que contraí, sem poder fazer muita coisa para corrigi-las, penso caso tivesse recebido essas informações, quando me casei, ou mesmo antes, certamente teria dado outra direção para minha vida, Ângela poderia ainda estar viva, ao meu lado, e nossa filha Berenice, recebido uma formação descente, e hoje ser uma pessoa de bem. Quando Coronel e Dona Eulália, me socorreram naquela estrada, naquela noite, com a ajuda de DEUS, salvaram minha vida. Depois com as lições que o Coronel, possibilitou que aprendesse, salvou o resto das coisas boas que haviam sobrado em mim. Agora sinto conseguir andar com minhas próprias pernas, sem prejudicar as pessoas de quem aproximar, até o dia que DEUS permitir.

Coronel levantou-se, entrou em sua casa, voltou trazendo quatro exemplares da bíblia Sagrada, entregou uma para cada uma das mulheres, e disse: – A bíblia relata toda história da humanidade, desde o princípio, através dela percebemos, que DEUS, jamais abandonou Seus filhos, esteve sempre preocupado em os instruí-los. Essas instruções sempre estiveram condizentes ao grau de entendimento das pessoas, nas respectivas épocas. À medida que a humanidade vai evoluindo, em conhecimento, moral e justiça, novos conhecimentos vão sendo revelados através dos desígnios de DEUS aos homens. Hoje temos conhecimento, que DEUS, permite aos Es-

píritos dos homens de bem que viveram sobre a Terra, transmitirem a essas pessoas que se encontram preparadas, irem recebendo esses novos conhecimentos, que por sua vez, vão repassando às demais pessoas ainda não bem-preparadas. Naquele domingo em que Sr. César, esteve almoçando aqui em casa, lhe presenteei com um livro, fala-nos o que está achando dele Sr. César.

— Vocês devem estarem lembrados, que perguntei ao Coronel o que vinha ser um livro psicografado. Ele explicou-nos, que era uma mensagem, ou uma história, que um Espírito, se utilizando de uma pessoa detentora do dom de mediunidade, revelava através da escrita para que muitos conhecessem. No caso do livro que Coronel me presenteou, que ainda não terminei de ler: O Espírito que se identifica como “Emmanuel”, escreve pelas mãos de um médium, nesse caso, Francisco Cândido Xavier, como se o Espírito voltasse no tempo, e fosse relatando tudo o que estava acontecendo. Contando-nos a história de Paulo e Estevão, dois personagens bíblicos que viveram naquela época em que JESUS, estava entre os homens, e mesmo depois da morte de JESUS. Nesse caso o Espírito relata uma história que realmente aconteceu, como se estivesse presenciando todos aqueles acontecimentos. Mas o Espírito pode utilizar-se do mesmo meio, para transmitir outro tipo de informação. A essa nova religião, que na verdade não chega ser uma religião, nem tão nova assim, porque há mais de um século está instruindo a humanidade, a chamam Doutrina Espírita, cujo seu conteúdo está embasado sob três

aspectos, científicos, filosóficos e religiosos. Que permite através de seu estudo, o homem descobrir, através dessas orientações dos Espíritos Superiores, as responsabilidades dos seres humanos perante as Leis Divinas. Segundo as pesquisas que Coronel e eu, andamos fazendo, o homem responderá por todos seus atos aqui na Terra. Todos os homens indistintamente, serão avaliados, julgados e punidos, por essas Leis, que são Perfeitas, Eternas, Imutáveis, Imperecíveis, Infalíveis, Incorruptíveis, existiram desde o princípio e existirão para sempre. Os Espíritos dizem, que nem DEUS, julga, pune, ou absolve ninguém. Por isso não delegou a outrem, o poder de nos punir ou absolver-nos. Todos os seres humanos, do mais abjeto ao mais virtuoso, estaremos sob a égide dessas Leis. Quanto aos profissionais das religiões, serão submetidos ao crivo das mesmas Leis, “A cada um, segundo suas próprias obras”. Só assim, justifica-se os atributos de DEUS. Só ELE, é Perfeito, Justo, Eterno, Todo Poderoso. Como Suas próprias Leis. Queiramos ou não é assim, quanto mais demoremos para entender e aceitar, mais demoraremos para atingirmos a Perfeição Relativa, que significa, conhecer infinitamente todas as coisas, do mundo, do além-mundo, e o mais difícil, despojarmos de todas nossas Imperfeições. Para isso DEUS, que é todo Poder e Bondade, concede-nos a Eternidade, para que possamos aproximarmos da Perfeição de JESUS CRISTO. Os Espíritos nos orientam “Amai-vos uns aos outros, e instruí-vos”, e acrescentam “Fora da Caridade não há Salvação”.

Como sempre acontece quando estou encerrando minha oratória, fico emotivo, e minha voz fica trêmula, um pouco embargada. Coronel percebeu e assumiu o controle, dizendo:

— Infelizmente aqui em Paraíso, não tenho conhecimento se existem mais pessoas que compartilham do interesse de conhecer os fundamentos dessa religião, a quem muitos chamam de Doutrina Espírita. Quando efetivei o loteamento desta cidade, reservei uma quadra, onde hoje é a praça central e a Igreja Católica, e uma quadra onde foi construído o grupo escolar. Nesse próximo loteamento que estamos providenciando, como o senhor ficou encarregado para coordenar a distribuição dos terrenos, quero por antecipação, pedir que reserve um terreno, que equivale à quatro por cento da área de uma quadra, mas que seja estrategicamente localizado, para que no futuro ali se construa um pequeno prédio, para que os adeptos dessa Doutrina, possam difundir seus fundamentos, que mesmo sem conhecê-los, compartilho do pensamento de que um dia no futuro voltaremos, para resgatar nossas dívidas, e dar continuidade ao nosso demorado processo evolutivo. Não obstante essa localidade ter recebido o nome Paraíso, quando o coloquei estava pensando mais na exuberância do rio e do vale, penso que ainda está muito distante de sê-lo, por reconhecer que aqui, como em todos os lugares, ainda se praticam muitas iniquidades.

— Além de considerar seu desejo uma ordem, compartilho dos mesmos entendimentos, por estarem

lastreados em fundamentos racionais, que o ser humano que pensa na possibilidade da existência de um DEUS, que criou tudo que existe, que tudo sabe, e que tudo pode, não encontrará dificuldade em acreditar, que além desse nosso corpo frágil e perecível, existe uma essência, composta pelo que sentimos, pelo que acreditamos, pelo que gostamos, pelo que faz cada um de nós, ser um universo único. Somente uma inteligência Suprema, poderia nos conceder esses recursos.

— Por entender que Sr. César, compartilhava das minhas conclusões, o convidei para auxilia-me transmitir para vocês, essa interpretação, que quando desejamos mudar a direção de nossa vida, se estivermos apoiados nos ensinamentos de JESUS CRISTO, e através deles procurarmos DEUS, cedo ou tarde o encontraremos, Então conseguiremos andar com nossas próprias pernas, sem prejudicar nem a nós, nem aos nossos semelhantes.

05/02/2022

Um Acontecimento Desagradável

NA SEGUNDA-FEIRA logo pela manhã, Coronel rescindiu os dois contratos de trabalho, de suas duas funcionárias, fez os cálculos de todos os direitos de cada uma delas. Lá pelas dez horas, voltou até sua casa, pediu que ambas o acompanhassem até o escritório, explicou-lhe minuciosamente a prestação de contas. Apesar de elas serem analfabetas, tinham noção daquilo que iriam receber. Nesse ponto Coronel era totalmente confiável, jamais iria apropriar-se de algo que não lhe pertencia.

Elas concordaram com a forma como foi calculado, assinaram as rescisões. Ambas aprenderam desenhar seus próprios nomes, e sem dificuldade deixaram seus nomes gravados em documentos, dando por encerrado os vínculos trabalhistas. Coronel efetuou os respectivos pagamentos, as agradeceu pelo tempo e dedicação, e as liberaram para seguirem seus caminhos.

Sem não antes, como havia prometido, Dona Zulmira confidenciar em particular ao Coronel, o motivo que a havia feito decidir por demitir-se. Coronel deu-lhe todo seu apoio, disse que deveria mesmo fazer o que pretendia. Pelo qual prometeu-lhe segredo absoluto, e vamos respeitar.

Nesse mesmo horário da manhã, Clarice avisada e acompanhada por mim, adentrávamos o escritório de Dr. Pedro Bento, o advogado que costumava prestar seus serviços jurídicos ao Coronel Epaminondas. Era um Senhor também cinquentenário, um pouco obeso, sorridente, recebeu-nos com seu cartão de visitas, seu sorriso marcante. Perguntou à Clarice, o que eu representava para ela, e se podia presenciar a entrevista, ela respondeu-lhe:

— Considero Sr. Cesar meu protetor, talvez o pai que nunca conheci. Se possível gostaria que ele presenciasse, e ouvisse o que vou lhe contar.

— Façam o favor sentarem-se. Conta-me em detalhe o que sucedeu, sem omitir nem acrescentar nada, a não ser o que realmente aconteceu.

— Na quinta-feira deveria ser onze horas da manhã, procurei Sr. César onde mora, para que me

emprestasse um dinheiro, para pagar uma dívida no mercado, que recusou-se continuar vendendo para minha mãe, enquanto não pagássemos o que devíamos. Como não o encontrei fui até a pensão do Sr. Polenta, imaginando que estivesse lá almoçando. Lá encontrei Sr. Josafá, então lhe pedi que me emprestasse o dinheiro, por uns poucos dias, até quando Sr. César retornasse. No domingo voltei até onde mora Sr. César, o encontrando, disse-me que não tinha o dinheiro para emprestar-me, conversando com minha mãe, pediu que na segunda-feira fosse até à casa de Sr. Josafá, avisá-lo que esperasse um pouco mais, só poderíamos pagá-lo no final daquela semana ou da próxima. Chegando em sua casa, bati palmas veio atender-me no portão, lhe expliquei que o empréstimo com Sr. César não tinha dado certo, só poderíamos pagá-lo no final daquela semana, ou da outra, disse que estava tudo bem, pediu que eu o acompanhasse, queria explicar-me algumas coisas. Entramos pela porta da sala que estava aberta, disse-me que poderia pagá-lo quando pudesse, que não tinha a menor pressa para receber, desde que viesse ficar com ele todas as segundas-feiras, disse-lhe que não fazia esse tipo de coisa, respondeu-me que tinha conhecimento de que eu fazia esse serviço sim, quando tentei sair, percebi que a porta estava trancada, pegou-me à força levou-me para um quarto, que ficava ao lado da sala, deitou-me em uma cama, tirou minha roupa de baixo, e estuprou-me por uns dez minutos, quando sai disse que o denunciaria à polícia. Disse-me

que a polícia não tomaria nem conhecimento, e que me esperaria na próxima semana.

Clarice respirou fundo, e continuou: – Cheguei em casa, contei para minha mãe o que aconteceu, que pretendia ir à Delegacia, disse-me que era perda de tempo, que isso já havia acontecido com ela, tinha denunciado o estuprador e só acabou passando vergonha, não se deram ao trabalho nem de chamá-lo à Delegacia. Que mulher sem marido ninguém respeitava mesmo, que teria que arrumar um bom marido. Então perguntei-lhe, aonde uma pessoa como eu vou conseguir um bom marido? Respondeu-me: Quanto mais você esperar, mais difícil se tornará. Na quarta-feira, voltei aonde Sr. César mora, contei o que me aconteceu, sem revelar o nome da pessoa, acabou conseguindo o dinheiro pra mim, fui até a casa dele, e lhe disse que queria pagar o que devia. Que preferia morrer a voltar àquela casa. À princípio demonstrou não querer receber, depois lhe disse uns desaforos, pegou o dinheiro e tentou segurar-me pelo braço, lhe falei mais um monte de palavras e fui embora.

Então revelei a parte que Clarice desconhecia: – Quando ofereci para acompanhá-la até a casa de seu credor, ela não permitiu, a espreitei para descobrir se estava sendo sincera, então a vi quando parou em frente de uma casa, apareceu um senhor grisalho, ela entregou-lhe o dinheiro, e testemunhei quando ele tentou pegá-la pelo braço, ela lhe disse qualquer coisa, e saiu em direção ao cemitério, depois o vi fechar o portão e entrar, fui até em frente à casa, e anotei o número, voltando encontrei um

rapaz na esquina, perguntei se sabia quem morava naquela casa, ele me disse que era o Sr. Josafá, o agiota. Como senti-me impotente para tomar uma providência efetiva, o denunciei ao Coronel Epaminondas, por que há poucos dias atrás, fez-me um comentário desabonador, dizendo-me que o lugar de uma pessoa como o Coronel, era na cadeia. Na ocasião nada falei, mas depois que descobri que tinha sido ele, contei tudo ao Coronel.

Dr. Pedro Bento, esclareceu: – Se você tivesse ido à Delegacia e o tivesse denunciado, provavelmente seria intimado prestar depoimento, compareceria acompanhado de um advogado, registrariam os fatos segundo a versão deles e ficaria por isso mesmo. Antes de denunciá-lo, vou levantar todos seus antecedentes, colher informações com pessoas que atuam na área de investigações, se correr como estou prevendo, vamos tirá-lo de circulação por uns tempos, devo isso ao Coronel Epaminondas. Se necessitar mais informações os procurareis.

Sáímos do escritório do advogado, nos despedimos, Clarice tomou a direção de sua casa, considerei que ainda estava cedo para almoço, decidi passar em casa, ler algumas páginas do livro Paulo e Estevão, depois iria até à pensão do Sr. Polenta. Enquanto caminhava, refletia sobre a difícil situação de uma criatura como Clarice, tão jovem enfrentando as diversidades que a vida impõe às pessoas pobres, principalmente àquelas que não puderam contar com a assistência do pai, pensei em Berenice. A única filha que pus no mundo, e não tive dignidade para proporcioná-la, uma

infância e adolescência com os direitos elementares inerentes à um ser humano.

À noite fui até o escritório do Coronel, percebi que estava um pouco chateado, então perguntei-lhe se as rescisões dos contratos de Dona Zezé e Dona Zuzu, havia transcorrido tudo bem, explicou-me: – A demissão de um funcionário, com quem convivemos alguns anos, antigamente não me afetava tanto, mas atualmente me deixa muito mal comigo mesmo, não sei se é devido a idade. Lembra-se quando Dona Sandra, fez aquela declaração, que me sugeriu ao seu lado, construir um ranchinho lá na beira do rio, criar galinhas e plantar uma horta. Não seria exatamente isso que desejaria fazer, mas essa minha vida da maneira como a estou conduzindo, não tem me proporcionado a satisfação que gostaria sentir. Estou com uns pensamentos estranhos, talvez em breve eu tenha coragem, e tome uma decisão que mudará radicalmente minha vida.

08/02/2022

O Desfecho do Caso Clarice

HAVIA SE PASSADO um mês desses acontecimentos, nesse pequeno espaço de tempo, alguns fatos importantes tinham se consumado, Primeiro: Desde que houve aquela semana de reuniões, com as quatro mulheres da casa do Coronel, em seu escritório, quando duas delas decidiram demitir-se, receberem seus direitos, e desde então, foram cuidar de suas vidas, segundo Coronel, tudo mudou no ambiente interno da casa, à noite cada um em seu quarto, du-

rante o dia cada qual, executando e se ocupando de suas funções. Segundo: O trabalho biográfico que planejamos realizar, de minha parte, estava praticamente concluído, todo manuscrito se encontrava com o Coronel, para sua apreciação final, e decisão, do que seria feito dele. Terceiro: O loteamento encomendado pelo Coronel, junto à Companhia de Engenharia, havia ficado pronto, o mapa com a demarcação das ruas, das quadras, e dos terrenos, dava condições de iniciarmos os trabalhos de distribuição dos lotes, segundo informações as máquinas estavam à caminho para realização da limpeza da área, um trabalho de poucos dias. Quarto: Há vinte dias, Sr. Josafá, havia sido detido, como medida preventiva, estava preso na cadeia local, acusado por estupro. Seu processo estava em trâmite, sem previsão de data para julgamento. Um bom e rápido trabalho, realizado por Dr. Pedro Bento. Quinto: Na segunda-feira, eu passaria trabalhar no escritório do Coronel, das oito horas da manhã, às cinco da tarde, nesse primeiro dia passaria distribuindo senhas, anotando o nome das pessoas em um livro, para posteriormente serem cadastradas para receberem seus terrenos, um trabalho mais lento e minucioso, e o principal requisito a ser exigido, que o candidato não possuísse imóvel na localidade. Para isso a Prefeitura local, disponibilizou uma lista de todos os proprietários de imóveis urbanos de Paraíso.

Era manhã de domingo, havia sido convidado almoçar na casa do Coronel. Depois do almoço nos reuniríamos para discutir detalhes, sobre o trabalho que se iniciaria no dia seguinte. Por esse tempo, tinha termi-

nado de ler o livro Paulo e Estevão, voltei ao estudo dos Evangelhos, nesse dia intencionava devolver o livro que acabara de ler, quem sabe conseguir um outro emprestado, para me entreter nas horas vagas. Quando estava saindo, fui surpreendido com a chegada de uma menina que ainda não conhecia. deveria ter treze anos, estava acompanhada de um menino de dez anos, perguntou-me: — É aqui que mora Sr. César Ferreira?

— Sim, sou eu César Ferreira.

— Meu nome é Joana, esse é meu irmão Marcos, somos irmãos de Clarice, essa noite ela não passou muito bem, nossa mãe a levou ao Hospital pela manhã, depois voltou, pegou algumas roupas, disse que a ambulância a levaria para um Hospital melhor, em outra cidade, minha mãe disse que Clarice pediu que mandasse avisar o Senhor.

— Você sabe dizer o que ela tem?

— Não, mas à noite dizia que doía a barriga.

— E vossa mãe?

— Foi com ela na ambulância.

— Vocês vão ficar sozinhos?

— Vamos ficar nós três, eu, Marcos e Fernando.

— Quem é Fernando?

— Nosso irmão, o mais novo.

— Vocês têm o que comer?

— Temos sim.

— Tudo bem, à tardinha vou até lá, saber notícias. Tomem cuidado.

Enquanto esperávamos o almoço de Dona Eulália, contei ao Coronel, que Clarice não tinha passado bem

durante à noite, a mãe a tinha levado ao Hospital, e lá reconduzida de ambulância a outro Hospital, em outra cidade. Difícil imaginar Clarice doente, parecia ser feita de um material indestrutível, sempre muito faceira e lépida como uma gazela.

Depois do almoço Dona Eulália e Dona Sandra, não sei se convidadas pelo Coronel, sentaram conosco, e passou instruir-me, como gostaria que ocorresse todo processo, sem ter sua participação direta. No primeiro dia me ocuparia exclusivamente, com a distribuição das senhas que já haviam sido impressas, numeradas em ordem sequencial, distribuídas conforme as pessoas fossem se apresentando para recebê-las, e seus nomes registrados em livro próprio. Encerrada a distribuição que deveria se dar no mesmo dia. Nos dias seguintes seriam recebidos os portadores de trinta senhas, em ordem sequencial, munidos de seus documentos de identificação e feito os respectivos cadastramentos. Assim que todos os candidatos fossem cadastrados, faríamos a checagem com a lista fornecida pela Prefeitura, e excluiríamos sumariamente os nomes constantes da lista dos já proprietários de imóveis. Terminado a apuração dos cadastramentos aprovados, seria marcado o dia para realização do sorteio dos terrenos. Tudo muito democrático e transparente, sem favorecer quem quer que seja. Como todos os presentes consideramos a proposta exequível, confeccionamos alguns cartazes divulgando as regras, que seriam fixados nos principais pontos de concentração da população.

Depois de fixar alguns cartazes em estabelecimentos que estavam abertos, por se tratar de uma tarde de domingo. Fui até a comunidade onde a mãe de Clarice, morava com seus filhos, encontrei Joana e os irmãos, mas nenhuma notícia sobre o estado da saúde de Clarice. Então decidi passar no Hospital, para saber se tinham alguma informação. Consegui falar com o médico plantonista, o mesmo que a atendeu naquela manhã, e o que ele disse preocupou-me de verdade. Segundo seu diagnóstico preliminar, Clarice estaria grávida de pouco tempo, uns quarenta dias, e as coisas não estaria bem com o feto, por ela apresentar forte sangramento, talvez fosse necessária uma intervenção cirúrgica. Quando cheguei em casa, fiquei pensando na possibilidade dessa gravidez, ter sido consequência do estupro que sofreu, exatamente há uns quarenta dias atrás. Voltei imediatamente ao Hospital, ainda consegui falar com o mesmo médico, que estava deixando seu plantão, e lhe confidenciei o que havia lhe acontecido. Me disse que suas suspeitas, eram com base nessas informações ouvidas da própria paciente. Por isso considerou mais providente, colocá-la num Hospital com mais recursos. Lhe agradei e voltei pra casa pensativo. Deus iria permitir que tudo haveria de terminar bem.

Fazendo uso dos meios de comunicação disponíveis da época, foi incrementado intensiva divulgação sobre a distribuição desses terrenos, e a quantidade de senhas distribuídas, superou as expectativas. À noite com as colaborações de Dona Eulália e Dona Sandra,

mais a presença de Coronel Epaminondas, realizamos o cruzamento dos nomes inscritos no livro de registro, com a relação dos proprietários de imóveis fornecidos pela Prefeitura, e detectamos os nomes que deveriam ser excluídos, agilizando assim os trabalhos de cadastramentos. Dos quinhentos terrenos disponibilizados, duzentos e noventa e seis, já estavam praticamente comprometidos, haviam restados duzentos e quatro terrenos, que seriam doados futuramente, à medida que os interessados fossem aparecendo.

Saindo do escritório passei no Hospital, à procura de informações sobre a saúde de Clarice, mas infelizmente nada de concreto conseguimos. Se não havia chegado nenhuma notícia boa, era compensado pela ausência de uma notícia ruim, como as notícias ruins se propagam com mais velocidade, o silêncio era sinalizador promissor. Voltei pra casa otimista, tudo haveria de terminar de conformidade com os desígnios daquele que tudo provê.

Na sexta-feira às cinco horas da tarde, havíamos cadastrados todos os candidatos que estariam aptos receberem seus terrenos, se essa era uma excelente notícia, que deixava muitas pessoas felizes. A notícia que nos chegava ao Hospital local, procedente do Hospital da cidade vizinha era desoladora. Clarice havia se submetido à uma intervenção cirúrgica, na segunda-feira para retirar o feto que já encontrava sem vida. Desde então sofreu várias crises em consequência da cirurgia complicada, sem apresentar sinais de recuperação, na

quinta-feira seu quadro fora definido como muito grave, e nessa sexta-feira havia evoluído para gravíssimo. Sua mãe pedia preces da população de Paraíso, só um milagre reverteria o quadro crítico pelo qual a filha estava passando. Sai do Hospital fui até a comunidade, onde Clarice morava com a mãe e os irmãos, informei da gravidade de seu estado de saúde, e do apelo que sua mãe havia feito, sob o efeito do desespero. No domingo pela manhã retornei ao Hospital, e lá tive a notícia de que a jovem Clarice, de apenas dezoito anos havia falecido, por complicações em consequência de uma cirurgia complicada. Fui até à casa do Coronel, apertei a campainha, ele apareceu-me vestido de bermuda, camiseta e chinelos nos pés, disse que precisava lhe falar urgente, abriu o portão e o acompanhei até a área dos fundos, sentamo-nos, lhe revelei detalhadamente toda a sequência dos acontecimentos, até seu desfecho trágico. Coronel colocou a cabeça entre as mãos, e ficou pensando por alguns minutos, depois disse-me: – Espere-me um pouco, vou trocar minha roupa, vamos procurar Dr. Pedro Bento.

Em poucos minutos Coronel estacionava seu automóvel preto, em frente à casa do advogado, quando nos viu cumprimentou-nos, e convidou para que entrássemos, ali mesmo no portão de sua casa, lhe expliquei detalhadamente o motivo de nossa breve visita. Ficou pensando por uns instantes, e concluiu: – Seria essa gravidez produto do estupro, em que foi vítima há menos de quarenta dias?

— Segundo o médico que a atendeu, no domingo passado pela manhã, essa foi a conclusão que Clarice havia chegado, quando ele a questionou.

Dr. Pedro Bento, pediu ao Coronel se poderia levá-lo até o Hospital, gostaria de conversar com o médico que a atendeu. Imediatamente entramos no auto, fomos ao Hospital, coincidentemente Dr. Cecílio, era novamente o plantonista neste domingo, recebeu-nos em uma sala, com porta fechada, disse-nos:

— No domingo passado, assim que cheguei ao Hospital, disseram-me que tinha uma emergência, entrei no quarto encontrei Clarice deitada em uma cama, sentada em uma cadeira ao lado estava sua mãe, Dona Maria Aparecida. Ao examiná-la, como sangrava muito, perguntei sobre sua vida sexual, se era casada? Disse-me que não, que aproximadamente há quarenta dias, havia sido estuprada. Perguntei se tinha conhecimento que estava grávida? Respondeu-me que não. Pelos sintomas apresentados, suspeitei que se tratava da possibilidade de aborto espontâneo. Como se tratava de vítima de agressão sexual, decidi encaminhá-la para um Hospital, onde houvesse mais recursos humanos e materiais. Isso é basicamente tudo que presenciei.

Dr. Pedro disse ao médico: – Sou o advogado que está cuidando de seu caso, o estupro foi identificado, processado, e se encontra detido há mais de vinte dias, penso que sua situação, com a agravante da morte de sua vítima se complica consideravelmente. Nós o agradecemos pela sua atenção, penso que por hora é o que

desejávamos saber, caso necessitarmos mais informações voltaremos.

Coronel ofereceu-se para levar Dr. Pedro, até o Hospital na cidade vizinha, que ficava aproximadamente cinquenta quilômetros de distância. Dr. Pedro olhou-me como interrogando-me o que achava da ideia, fez um gesto que interpretou como conveniente, então concluiu: – Coronel, se conseguirmos produzir provas materiais, que Clarice, engravidou-se em consequência do abuso sexual que sofreu, ficará fácil responsabilizá-lo pela sua morte, penso que é o mínimo que devemos fazer. Sr. César, o Senhor nos acompanharia?

— Se não opuserem, faço questão ir.

Antes das dez horas da manhã, chegamos ao Hospital da cidade vizinha, Dona Maria Aparecida, que estava na recepção do Hospital, reconheceu-nos, e veio ao nosso encontro, se identificando. Quando Dr. Pedro, disse à recepcionista que desejávamos falar com os médicos que cuidaram de Clarice, fomos os quatro conduzidos a uma sala privativa do Hospital. Logo chegaram dois médicos, que se identificaram como sendo Dr. Mauro, cirurgião obstetra, e Dr. Flávio, anestesista. De posse do prontuário médico da paciente, foi nos relatando passo a passo, a cirurgia para retirar o feto sem vida, que pela formação aparentava ter quarenta dias, depois todo trabalho que visava a recuperação da paciente, que em nenhum momento apresentou evolução e foi se deteriorando, à medida que tempo foi passando, apresentando cada vez mais acentuados sinais de irreversibilidade, passando

sobreviver com a ajuda de aparelhos, e na manhã desse domingo cessaram todos os sinais vitais.

Dr. Pedro Bento, intercedeu dizendo: – Não sabemos se vocês têm conhecimento, mais de conformidade com esse protocolo de Boletim de Ocorrência, da Delegacia de Polícia de Paraíso, exatamente há quarenta dias atrás Clarice foi vítima de um estupro, gostaríamos saber se em algum momento ela mencionou esse fato, ou fez referência quem seria o provável pai dessa criança que esperava?

— Na sala de cirurgia antes dos procedimentos, Clarice declarou-nos caso estivesse mesmo grávida, a concepção dessa criança tinha ocorrido através de um estupro, e que o autor do delito se encontrava preso, estavam presentes quatro pessoas, eu, Dr. Flávio, as enfermeiras Dona Fátima e Dona Lourdes. Para possíveis futuras confirmações, foram colhidos materiais genéticos, que poderão ser usados para análises que comprove sem margem de erro a verdadeira paternidade.

Dr. Pedro, tomou a palavra e disse: – Foi exatamente para elucidar esse assunto, que nos deslocamos até aqui, e ficamos muito satisfeitos e agradecidos, com os esclarecimentos prestados, e as providências proativas para uma provável identificação do autor dessa gravidez.

10/02/2022

Loteamento Vila Clarice

N O ENTARDECER daquele domingo triste, quando o sol se aproximava da linha do horizonte, o corpo da jovem Clarice, de apenas dezoito anos de idade, dentro de um caixão modesto, era sepultado em uma cova profunda, no cemitério que ficava há poucos metros de sua antiga morada. Aquela menina simples, com seus modos insinuantes, que tinha mais inocência que propriamente malícia, cumpria sua missão neste mundo de provas e expiações, as poucas pessoas presentes ao evento, as-

sim que o coveiro começou cobrir seu caixão, com a terra do próprio buraco cavado, foram deixando o local, como quem estivessem tristes, mas indiferentes, restando apenas seis pessoas, a mãe, os três irmãos, eu e o coveiro, terminando de executar o seu trabalho.

Aproximei-me de Dona Maria Aparecida, fiz um resumo sucinto de como a conheci, e de nossa breve convivência, que mantive com sua filha, hipotecando a ela minhas condolências, liberando-a do compromisso de pagar-me, o valor que havia emprestado para Clarice, quando quitou sua dívida com o agiota malfeitor. Dona Maria Aparecida, com humildade disse-me:

— Deus lhe abençoe Sr. César, Clarice falava muito sobre o Senhor, ela o considerava um grande amigo, talvez o protetor que gostaria sempre ter tido.

Então lhe disse: — Nessa semana que a Senhora esteve ausente, acompanhando Clarice ao Hospital, ocorreu o cadastramento para distribuição dos terrenos, do novo loteamento, reservei uma senha para a Senhora, gostaria que comparecesse ao escritório do Coronel Epaminondas, levando seus documentos pessoais, para que também a cadastramos.

— Obrigado Sr. César, amanhã irei até lá. Mais uma vez, que Deus lhe abençoe por tudo.

Quando cheguei ao salão em que morava, o manto da noite já havia expulsado as últimas luzes daquele domingo que ficaria gravado em minha mente para sempre, acendi a lamparina, sentei-me em um caixote, improvisado como cadeira, uma tristeza inexpli-

cável invadiu meu peito, fazendo ressurgir a figura frágil e sofrida de Clarice, fiquei pensando, onde estaria ela naquele momento? Lembrei-me do dia que a conheci, revelou-me a existência de uma favela perto do cemitério, depois a decisão do Coronel fazer daquele local um loteamento. Essa recordação levou-me ter uma ideia, à princípio considerei pouco provável, mesmo assim à submeteria a quem de fato tinha o poder de acatá-la ou rejeitá-la definitivamente.

Na segunda-feira, penso que havia concluído de fato, o cadastramento dos futuros proprietários, dos terrenos do novo loteamento que aumentaria substancialmente o número de residências de Paraíso, mas esse loteamento como havia previsto Coronel Epaminondas, teria nome próprio, como se fosse, como de fato seria o primeiro bairro da cidade. À noite em meu encontro com o Coronel, tinha em mãos o livro registro, com o nome de todos os cadastrados, mais três terrenos que seriam destinados a finalidades específicas, totalizando até aquele momento, trezentos e oito terrenos comprometidos. Antes de entregar-lhe o material, lhe disse:

— Coronel, ontem depois do sepultamento de Clarice, cheguei no quarto onde moro, já era praticamente noite, sentei-me e fiquei pensando, coincidência ou não, foi através de Clarice, que tomamos conhecimento da existência da formação de um princípio de favela, próxima ao cemitério. Não sei explicar os motivos, mas tive a ideia de homenageá-la, colocando seu nome no novo bairro. “Vila Clarice”, por ela representar como nin-

guém, o perfil daquelas pessoas. Gostaria que o Senhor na hora de escolher o nome do novo bairro, se não encontrar um nome mais apropriado, considerasse minha sugestão. Aqui está todo o material relativo ao cadastramento, penso que a maneira de fazer a distribuição o Senhor já tem em mente, faltando apenas marcar a data para realização do evento.

— Sr. César, engraçado, hoje estive pensando exatamente sobre essas questões, e conseguido definir tudo como seria realizado essa etapa, sinceramente havia me esquecido de decidir sobre o nome do bairro, mas gostei muito de sua sugestão, e prometo que vou considerá-la. Esta semana a Companhia de Engenharia, terminará os trabalhos físicos pertinentes, limpeza completa da área, demarcação definitiva das quadras, das ruas e a identificação numérica sequencial dos terrenos, e me entregará toda documentação, e o mapa de toda área loteada. Quando tivermos em mãos todo esse material, marcaremos o local e a data, e faremos tudo da maneira mais impessoal, transparente e democrática, que possam imaginar. Depois vou colocá-lo a par de tudo.

— Quanto à dissertação de sua biografia penso que está concluída. Amanhã lhe entregarei todo material, para que comece fazer uma leitura minuciosa de tudo que foi escrito, e assinale o que desejar que seja excluído, ou faça alguma observação, sobre alguma inclusão que considerar pertinente, depois desses ajustes, ficará a seu critério o que pensa e pretende fazer desse trabalho. Em minha opinião, não vejo nenhuma inconveniência

publicá-lo, para que as pessoas saciem suas curiosidades, e começassem refletir sobre seus próprios compromettimentos, demonstraria coragem e a hombridade de uma pessoa reconhecer que ao longo da vida cometeu equívocos, muito próprio e inerente ao ser humano, e nenhum tribunal da Terra teria o poder para condená-lo, por que todos indistintamente, seremos avaliados e punidos por métodos e critérios que a inteligência do homem não consegue ainda penetrar.

— Como já lhe disse, somente depois de conhecê-lo integralmente, decidirei o que fazer com ele, mas se existe algo que eu possa temer, não é exatamente a opinião nem o julgamento dos homens, por que esses, são todos como eu mesmo, falíveis e imperfeitos.

Saí do escritório do Coronel, eram quase onze horas da noite, tinha a sensação do dever cumprido, ao mesmo tempo estava apreensivo, imaginando qual seria o grau de satisfação ou decepção dele, quando terminasse de ler aquele calhamaço de laudas de manuscritos, revelando detalhes de sua vida. Cheguei em casa e comecei rever todo aquele meu trabalho, eram quase trezentas laudas escritas manualmente, todas enumeradas frente e verso, escritas à lápis, com letras cursivas facilmente legíveis. Na dissertação da biografia do Coronel, não omiti nenhuma informação, competia a ele expurgar aquilo que considerasse inconveniente, inclusive sua longa e conturbada vida de polígamo, e o registro fiel como ocorreu o rompimento dessa prática, com intenção explícita de revelar na íntegra, sua imagem de transgressor da boa moral e dos bons

costumes. Enfatizando sua regeneração moral, através da conscientização obtida pelo conhecimento adquirido no estudo dos ensinamentos Evangélicos. Então fiquei pensando na possibilidade de no futuro, adquirir uma máquina datilográfica, fazer um curso, e produzir trabalhos mais apresentáveis, sem dúvida teria aparência mais profissional.

No outro dia concluí a revisão do trabalho, à noite entreguei todo material ao Coronel, que imediatamente começou ler, entendi que poderia ir embora, pelo entusiasmo que iniciou a leitura, nem sei se ouviu quando lhe desejei um boa noite e me retirei. Competia agora esperar o seu veredicto, fazer o que me ordenasse, e dar por concluído nosso trabalho.

Passados dois dias Coronel procurou-me logo pela manhã, encontrou-me no lugar de sempre, trazia em mãos o calhamaço de laudas contendo sua história de vida. Cumprimentou-me, e foi logo dizendo:

— Li e reli algumas vezes nosso trabalho, como decidi não incluir nem excluir nada, por que certamente alteraria sua essência, e lhe prejudicaria a autenticidade, quero lhe propor para que o revise, transferindo para mim a autoria do texto, como se fosse eu mesmo escrevendo minha autobiografia, isentando-se de qualquer participação dele. Depois de cumprida essa etapa, quero que estipule o valor por todo seu trabalho, inclusive que não comente com ninguém sobre o que tomou conhecimento e escreveu. Ainda não decidi quando e o que pretendo fazer com ele, mas lhe garanto que será divul-

gado, e de maneira que ninguém precisará pagar para tê-lo em mãos, sem obter com isso nenhum ganho financeiro.

— Tudo bem Coronel, penso que dois dias serão suficientes para fazer esse serviço, então terás em mãos sua biografia como se o Senhor mesmo a tivesse escrito. E poderá contar com minha total discrição, conforme previamente combinamos.

Terminado o trabalho, o procurei no escritório, e lhe devolvi o mesmo material com as alterações solicitadas, antes que me dissesse qualquer coisa, sobre o valor que lhe cobraria, me adiantei dizendo: – Quanto ao valor de meu trabalho, considero que o que já me pagou foi o suficiente, quero que o Senhor o leia atentamente, caso desejar fazer mais algum ajuste, me procure que terei o maior prazer em atendê-lo.

Como iniciou a leitura sem nada me dizer, despedi-me e me retirei.

Na quarta-feira pela manhã, tinha acabado de me sentar sob a árvore em frente ao salão, trazia comigo a bíblia, pretendia ler algumas partes dos Evangelhos. Fui surpreendido com a chegada do Coronel, tinha vindo caminhando e não trazia nada nas mãos, cumprimentou-me sorrindo, sentou-se em um dos banquinhos e começou dizendo:

— Vim convidá-lo para acompanhar-me até minha casa, onde a partir de hoje, estaremos trabalhando nos preparativos para a distribuição dos terrenos, que será realizado neste próximo domingo pela manhã, no pátio do

Grupo Escolar. O trabalho da Companhia de Engenharia, foi concluído, estou de posse da documentação, e do mapa do loteamento, onde é possível identificar a localização exata de todos os terrenos. A partir de hoje o serviço local de som ambulante, passará convocar os cadastrados a comparecerem, para concluirmos essa etapa do projeto.

— Terei muito prazer acompanhá-lo, e participar desses preparativos, na qualidade de cadastrado, estou ansioso em entender como se dará essa distribuição. Gostaria saber também o resultado da adaptação para primeira pessoa do singular, da dissertação do trabalho biográfico, se ficou como o Senhor gostaria?

— Ficou quase perfeito, conforme combinamos previamente, faltou apenas dizer-me o quanto terei que pagá-lo?

— Eu já lhe disse, que o Senhor nada me deve, recebi tudo que pretendia cobrar.

Chegamos em sua casa encontramos sobre à mesa da área do fundo, um enorme mapa, o quadrilátero fora traçado sobre espécie de plástico especial, duro e impermeável, demonstrando todas as particularidades do loteamento. Para minha surpresa, na parte superior do croqui constava: “Loteamento Vila Clarice”, o traçado das ruas definindo as vinte quadras, cada quadra dividida em vinte e cinco terrenos, todos numerados em ordem sequencial. Fiquei tão emocionado, consegui dizer apenas:

— Coronel, muito obrigado pela homenagem prestada a Clarice, fiquei muito feliz.

— Desde que decidi fazer esse loteamento, venho pensando numa maneira impessoal, transparente e democrática, para distribuir esses terrenos, de forma que ninguém possa alegar que houve algum tipo de favorecimento há quem quer que seja. Para isso encomendei essas quinhentas esferas feitas de material plástico, todas essas bolinhas são idênticas, que podem ser abertas e depois fechadas novamente, colocaremos no interior de cada uma delas, um número correspondente ao número de cada terreno, isto é, do número um ao número quinhentos. Cada pessoa cadastrada, de conformidade com nosso livro registro, será convidada retirar uma dessas esferas do recipiente, na presença de todos. Logo depois abrir na presença de um corpo de jurados, formado por quatro pessoas respeitadas da localidade, o número encontrado no interior da esfera, corresponderá ao número do terreno constante na demarcação do mapa, que estará fixado no local, será imediatamente anotado no livro registro, para posteriormente lavrar a escritura de propriedade, e o respectivo registro em Cartório, uma vez o terreno sorteado pertencerá àquela pessoa em definitivo, para se evitar permutas ou outro tipo de trapações. O que achou da ideia Sr. César?

— Mais impessoal, transparente e democrático do que esse método, impossível. Bem explicado todos entenderão que só dependerá de sua própria sorte, a localização de seu terreno.

— Nosso trabalho agora consiste em preparar todo esse material, para que no domingo tudo transcorra na

mais perfeita ordem, e o mais rapidamente possível, sem discussões e desentendimentos, em clima de festa e alegria. O remanescente das esferas ficará sob minha guarda, à medida que forem formando pequenos grupos que se enquadram no projeto, o mesmo sistema será utilizado, até se esgotarem todas as esferas.

18/02/2022

Distribuição Democrática dos Terrenos

NO SÁBADO O PÁTIO do Colégio nos foi liberado, para preparar o ambiente para o evento do domingo, que teria início logo pela manhã. Além de nós quatro, Eu, Coronel, Dona Eulália e Dona Sandra, estavam presentes as quatro autoridades que compunham o corpo de jurados, entre eles o único nosso conhecido Dr. Pedro Bento, alguns poucos policiais para garantir a

ordem e o bom andamento da realização do evento, alguns funcionários da Escola. Às sete horas os portões foram abertos, à medida que as pessoas iam adentrando, eram instruídas se sentarem nas carteiras dos alunos, que foram retiradas na véspera das salas de aula, e colocadas de forma organizada no pátio, por uma equipe contratada. Às oito horas pontualmente, Coronel tomou o microfone e explicou detalhadamente como se processaria a distribuição. Os nomes seriam chamados por ele, seguindo a ordem do livro de registro dos cadastrados, a pessoa levantaria ia até um enorme recipiente onde estavam as quinhentas esferas, era permitido movimentá-las antes com um bastão, depois pegar apenas uma aleatoriamente, levá-la até à frente dos jurados, abri-la para todos pudessem testemunhar, poderia ver o número e entregá-lo à um membro do júri, e o número seria revelado para que todos ouvissem, e o próprio Coronel, anotava na frente do nome do cadastrado, no livro registro. Depois a pessoa se dirigia até um dos mapas fixados nas paredes do pátio, e poderia identificar a localidade exata de seu terreno, poderia retirar-se ou voltar e continuar assistindo. A lisura e honestidade do processo era visivelmente transparente, que não deixava margem para nenhum tipo de reclamação.

Antes do meio-dia a distribuição dos terrenos havia sido concluída, depois de recolhido o material remanescente aproveitável, e colocado no porta-malas do carro do Coronel, convidou toda a equipe que havia participado da execução dos trabalhos, mais a fa-

mília de Dona Maria Aparecida, mãe de Clarice, para almoçarmos no melhor restaurante da cidade, que previamente tinha sido avisado. Faziam exatamente sete dias que Dona Maria Aparecida, havia assistido o sepultamento de sua filha mais velha, estava ainda triste, mas orgulhosa da homenagem que Coronel Epaminondas havia prestado a Clarice, para que ela e os três filhos não se sentissem muito desconfortáveis com o convite, fiquei o tempo todo a seu lado, fazendo-a entender que como ela eu também havia recebido um terreno, portando estávamos representando naquele almoço a classe dos mais beneficiados.

Depois do almoço acompanhei Coronel e suas duas funcionárias até o sobrado, e lá fiquei sabendo de uma novidade, que de certa forma poderia alterar substancialmente a rotina da casa do Coronel. Dona Eulália em pessoa, incumbiu-se de revelar-me do que se tratava, disse-me, como querendo conhecer minha opinião:

— Sr. César, ontem quando retornamos do Colégio, encontrei na caixa de correspondência, uma carta endereçada a mim, o remetente era meu filho Tonico, que o Senhor apesar de não o conhecer, sabe perfeitamente que ele estuda medicina lá nos Estados Unidos, me convidando para passar uma temporada com ele. Conversando com Nonô, não quis opinar sobre se deveria aceitar ou não o convite, o que o Senhor acha?

— Acho que a decisão compete somente a Senhora, mas em seu lugar não pensaria duas vezes, estaria tendo oportunidade matar a saudade do filho, e conheceria um

lugar muito diferente do Brasil. Como seria essa viagem? E quanto tempo duraria esse passeio?

— A viagem seria marítima, e permaneceria por lá pelo tempo que desejasse. Estive pensando, se decidir ir mesmo, caso gostasse de lá, ficaria até que ele terminasse seu curso, depois voltaríamos juntos, porque depois de formado, pretende trabalhar numa grande clínica de uma boa cidade brasileira.

Coronel estava próximo, e ouvia nossa conversa, opinou finalmente: – Você deve pensar direito, Tonico deverá permanecer lá, pelo menos por mais três anos e meio, isso é muito tempo.

Dona Eulália lhe dirigindo a palavra, o questionou: – Isso lhe custará algum dinheiro, mas se você disser que posso ir, e me levar até Santos para que pegue o navio, eu gostaria muito fazer essa viagem, e ficar com meu filho até sua formatura.

— Dinheiro não é problema, se deseja mesmo fazer essa viagem, e estiver decidida, a levarei até o Porto de Santos, para que pegue o navio de passageiros, da mesma maneira que fizemos, quando levamos Tonico, há mais de um ano atrás.

— Então vou responder à carta, dizendo que até o final desse mês estarei indo.

Coronel autorizou, dizendo: – Se é o que deseja, pode responder.

Depois dirigindo-se a mim, disse: – Sr. César acompanha-me até o escritório, quero conversar um assunto com o Senhor.

O acompanhei até o escritório que ficava no interior da casa, onde havia uma estante com muitos livros, entramos e pediu que me sentasse, e me disse categórico: – Sr. Cesar quando combinamos que escreveria minha biografia, ficou decidido que os valores que lhe daria todo final de semana, seria à título de adiantamento, e quando o trabalho estivesse concluído, depois de minha apreciação final, acertaríamos o valor total de seu trabalho, portanto não aceito à maneira como o Senhor concluiu nosso acerto.

— Coronel de minha parte considero que o Senhor nada me deve, caso achar que meu trabalho mereça mais do que já me pagou, fica ao seu critério pagar-me mais ou não, o quanto lhe devo isso nunca poderia lhe pagar, por que não teria como fazê-lo, e não saberia dizer quanto vale esse resto de vida que graças a DEUS, e ao Senhor ainda desfruto.

— Nesse envelope contém um valor simbólico, que não corresponde à grandiosidade de minha gratidão, pelo respeito que o Senhor demonstrou ao lidar com assuntos tão particulares e pessoais, isso para mim vale mais que possa imaginar.

Entregou-me o envelope, não tive como recusá-lo, antes de deixarmos o escritório, aproximei-me da estante e fiquei lendo os títulos de alguns romances, Coronel retirou um livro da prateleira e entregou-me, e disse: – Agora leia esse livro.

Peguei-o e fiquei analisando sua capa, o título “Há dois mil anos”, Coronel comentou: – Se gostou do Livro “Paulo e Estevão”, vai gostar desse também.

Coloquei o envelope dentro do livro e saímos do escritório. Logo em seguida, na área dos fundos da casa, despedi-me de todos e fui para casa descansar.

Chegando em meu quarto, antes de começar ler o livro, pretendia deitar-se e descansar um pouco, retirei o envelope do meio do livro para guardá-lo em um outro lugar, mecanicamente o abri, quando conferi o montante de dinheiro que encontrei dentro do envelope, não acreditei, era muito dinheiro, o suficiente para se construir uma pequena habitação, sobre o terreno que naquele mesmo dia acabara também de ganhar. Tudo isso não era muita coisa, mas para quem nada possuía no dia anterior, minha vida tinha se transformado completamente de um dia para o outro.

20/02/2022

Epílogo

E O TEMPO TRANSCORREU no seu passar de dias sucessivos, e os acontecimentos corriqueiros se sucedendo, e se realizando, de maneira que um ano depois da distribuição dos terrenos do Loteamento Vila Clarice, diria que mais de uma centena de casas ou melhor dizendo, de moradias já existiam no novo bairro, inclusive minha modesta moradia, que com a benevolência do dinheiro me concedido pelo Co-

ronel, com minha participação, construímos em menos de quatro meses. Diria uma casa modesta, que não estava ainda bem-acabada, mas muito especial, porque era servida de rede de água e esgoto, e energia elétrica, e sobretudo, porque era minha casa, construída sobre o terreno de número oitenta e oito, que estava registrado em Cartório em meu nome, portanto de minha propriedade.

Há quase um ano Dona Eulália havia sido despachada pelo Coronel, diretamente do Porto do Rio de Janeiro, para os Estados Unidos, dela não tivemos mais nenhuma notícia, pelos meus cálculos deveria ficar por lá, por ainda dois anos e meio, ou talvez definitivamente. Dona Sandra revelou-se muito eficiente, depois da partida da colega, desceu uma cama de casal para uma das salas, isolou a parte superior da casa, e o proibiu de contratar outras empregadas. Faltando agora realizar seu grande sonho, casar-se com o Coronel, que segundo sua interpretação, não viviam mais em pecado, porque se amavam reciprocamente.

Três meses depois da morte de Clarice, deu-se o julgamento do Sr. Josafá, sua situação tornou-se muito complicada, o júri não foi nada complacente, obrigando o próprio Dr. Pedro Bento, interceder em seu favor, conseguindo que ele cumprisse sua longa pena de vinte anos, em um presídio desconhecido, onde os presos ignoravam as razões de sua condenação, por que ali em Paraíso, certamente corria sérios riscos de vida.

Um detalhe sobre a memória de Clarice, após a homenagem prestada pelo Coronel, atribuindo seu nome ao novo bairro, seu nome passou ser venerado pelas pessoas mais humildes, como sendo um símbolo de vítimas da violência masculina, tanto sexual como doméstica, voluntariamente uma equipe da qual também fiz parte, realizamos uma campanha de arrecadação, com o dinheiro arrecadado, construímos sobre o local onde ela foi sepultada, um lindo túmulo de mármore branco, tornando assim o lugar mais visitado do cemitério local.

À propósito conversando com o Coronel, sobre meu desejo de adquirir uma máquina de escrever, fazer o curso de datilografia. Autorizou que fizesse o curso, e comprou uma máquina novinha, assim que estiver apto, incumbiu-me de realizar meu primeiro grande trabalho, transcrever à máquina toda sua biografia. Quanto à publicação, considera que não chegou ainda o momento apropriado, mas de uma coisa está convencido, fará essa divulgação em vida.

Coronel tornou-se nos últimos tempos um grande apreciador e leitor de livros Espíritas, não sei se por sua influência, também passei estudá-los, e desde então tornamos ainda mais amigos. Quando da realização da distribuição dos terrenos, devem estarem lembrados, Coronel exigiu que reservássemos três deles, somente agora fiquei sabendo que são três terrenos germinados, está pensando seriamente construir um salão simples, colocar algumas cadei-

ras, onde as pessoas possam se reunir para estudar os Evangelhos, e fazer suas orações. Disponibilizar muitos livros, onde as pessoas possam recorrer, para começarem se instruírem.

21/02/2022

Fim

Impressão e Acabamento:



VIENA GRÁFICA & EDITORA.
Av. Dr. Pedro Camarinha, 31
Santa Cruz do Rio Pardo-SP
T: (14) 3332.1155
www.viena.ind.br